

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 8 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2022

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 08 – Número 02 – Dezembro / 2022

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 08, n. 02, Dez. 2022. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2022. -
139 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Hariet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

Revisão do Abstract

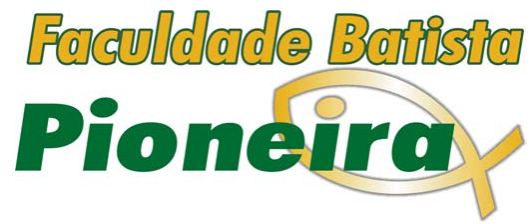
Bruno Litz

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	-----------

ARTIGOS

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 1

Parents in their duty to teach about God: practical hints – part 1

<i>Josemar Valdir Modes.....</i>	<i>9</i>
----------------------------------	----------

A PARUSIA COMO RAZÃO DA ESPERANÇA CRISTÃ EM 1 TESSALONICENSES 4.13-18

The Parousia as a reason for christian hope in 1 Thessalonians 4.13-18

<i>Régis Carvalho Bueno</i>	<i>27</i>
-----------------------------------	-----------

CRISTOLOGIA SINÓTICA: A MISSÃO DO MESSIAS, SERVO E SALVADOR NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Synoptic Christology: the mission of the Messiah, servant and savior in the Synoptic Gospels

<i>Renato Goes Damasceno</i>	<i>34</i>
------------------------------------	-----------

A PALAVRA CORAÇÃO NO LIVRO DE SALMOS: RESGATANDO A IDENTIDADE HUMANA EM UM MUNDO FRAGMENTADO

The word heart in the book of Psalms: rescuing human identity in a fragmented world

<i>Werbston da Silva Coelho</i>	<i>48</i>
---------------------------------------	-----------

ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A IGREJA

Counseling in the Bible and its importance for the church

<i>Rodrigo Lucheta</i>	<i>60</i>
------------------------------	-----------

O CRISTÃO DIANTE DO ABORTO E DO PRAGMATISMO SECULAR

The christian facing abortion and secular pragmatism

<i>Wanderley Lima Moreira</i>	<i>70</i>
-------------------------------------	-----------

O YOUTUBE COMO FERRAMENTA PARA O CUMPRIMENTO DO MANDATO DE JESUS PARA A EVANGELIZAÇÃO

Youtube as a tool for fulfilling Jesus' mandate for evangelization

<i>Cléber Mateus de Moraes Ribas</i>	<i>85</i>
--	-----------

A SAGRADA ESCRITURA E O EXERCÍCIO FÍSICO

Holy Scripture and physical exercise

<i>Thiago da Mata de Oliveira</i>	<i>101</i>
---	------------

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CRISTIANISMO PARA A ÉTICA CONTEMPORÂNEA?

What is the importance of Christianity for contemporary ethics

Filipe Oliveira Breder..... 114

A COMPREENSÃO DO SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA CRISTÃ: A IMAGO DEI COMO ELEMENTO NORTEADOR

The comprehension of the meaning of life from a christian perspective: the Imago Dei as a guiding element

Matheus Rodrigues de Brito 123

Normas para publicação 138

APRESENTAÇÃO

Queridos Leitores,

A Revista *Ensaios Teológicos* apresenta mais uma edição. Novos temas, novos diálogos e muito conteúdo teológico relevante é o que temos nos dez artigos desta edição. Doutores, mestres e bacharéis escreveram e apresentaram suas pesquisas, a fim de ser mais uma ferramenta de estudo para a academia, bem como para a prática ministerial.

Os temas trabalhados nesta edição foram os seguintes: *“Pais em seu dever de ensinar sobre Deus: dicas práticas – parte 1”*, pelo Dr. Josemar Valdir Modes; *“A parousia como razão da esperança cristã em 1 Tessalonicenses 4.13-18”*, pelo mestrando Régis Carvalho Bueno; *“Cristologia sinótica: a missão do Messias, servo e salvador nos Evangelhos Sinóticos”*, pelo mestre Renato Goes Damasceno; *“A palavra coração no livro de Salmos: resgatando a identidade humana em um mundo fragmentado”*, pelo mestrando Werbston da Silva Coelho; *“Aconselhamento na Bíblia e sua importância para igreja”*, pelo bacharelado Rodrigo Lucheta; *“O cristão diante do aborto e do pragmatismo secular”*, pelo mestre Wanderley Lima Moreira; *“O youtube como ferramenta para o cumprimento do mandato de Jesus para a evangelização”*, pelo mestrando Cléber Mateus de Moraes Ribas; *“A sagrada Escritura e o exercício físico”*, pelo mestre Thiago da Mata de Oliveira; *“Qual a importância do cristianismo para ética contemporânea”*, pelo mestrando Filipe Oliveira Breder; e, *“A compreensão do sentido da vida na perspectiva cristã: a Imago Dei como elemento norteador”*, pelo bacharelado Matheus Rodrigues de Brito.

Nosso desejo é que todos estes artigos sigam e sirvam de reflexão para você que estará lendo a revista. Entendemos a importância do compartilhar conhecimentos e estudos, tanto para crescimento pessoal, bem como para a área teológica. Portanto, desejamos a todos uma excelente leitura!!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 1 Parents in their duty to teach about God: practical hints – part 1

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

O artigo expôs três ferramentas de auxílio para os pais na sua tarefa de ensinar sobre Deus a seus filhos. Destaca a necessidade de os pais permitirem que os líderes se aproximem do contexto familiar, apresenta formas de ensinar a Bíblia em casa e mostra a oportunidade que a família tem de falar sobre Deus ao servir na igreja.

Palavras-chave: Relacionamento. Crianças. Discipulado. Ministérios. Pais.

ABSTRACT

The article presented three tools to help parents in their task of teaching their children about God. It highlights the need for parents to allow leaders to approach their family context, presents ways to teach the Bible at home and shows the opportunity the family has to talk about God when serving in church.

Keywords: Relationship. Children. Discipleship. Ministries. Parents.

INTRODUÇÃO

Uma vez que os pais compreendem a responsabilidade que lhes é imputada de ensinar sobre Deus no lar, precisa-se responder a um possível questionamento e deficiência das

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor de crianças na Primeira Igreja Batista Pioneira em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5094-1173> E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

famílias contemporâneas: como ensinar sobre Deus em casa? Não saber como proceder não é o grande problema, uma vez que muitos pais não foram discipulados e não tiveram um exemplo que lhes indicasse o caminho para o desenvolvimento espiritual de seus filhos. O problema reside no fato de alguns pais não buscarem informações e delegarem o direcionamento espiritual de seus filhos à igreja e sua liderança.

Na sequência, este artigo irá delinear três ações práticas que servem de subsídios às famílias, bem como aos líderes de ministério com crianças, para que todos assumam seus papéis e ajudem as crianças a progredirem em sua caminhada de fé: abrir as portas de casa; ensinar a Bíblia e participar ativamente da igreja. Estes três itens aqui apresentados fazem parte do início e primeira parte desta análise, há outros três que serão abordados em outro artigo.

Quando a família se envolve socialmente, ela abre espaço para ser conhecida e ajudada nas suas deficiências; quando a Bíblia é lida e estudada no contexto doméstico, as lições principais sobre Deus são apropriadas ou assimiladas pelas crianças; e, ainda, quando a família está envolvida nas atividades eclesiais, os filhos são expostos a vivências espirituais contundentes e marcantes. Estes são alguns dos destaques apresentados na sequência deste artigo.

1. A NECESSIDADE DE CONHECER AS FAMÍLIAS

Nossa família é perfeita – dizem algumas pessoas – e eu desconfio que elas não sejam deste mundo. É impossível que pessoas falhas possam criar algo perfeito. Se minha família era perfeita, deixou de ser quando eu nasci ou, pelo menos, quando me tornei adolescente. É nesta fase que ocorre um verdadeiro conflito de gerações e ajustes são uma necessidade constante.

Muitas vezes o que se busca manter são as aparências. Pais imaginam que estão no controle e filhos fingem que obedecem. Muitos lares são simulacros e estimulam a reverência de lugar, quando os pais estão presentes. O que os filhos esquecem é que eles carregam a reputação dos seus pais por onde andam e respeito é algo que se tem sempre ou não se tem. Se os filhos respeitam os pais em casa apenas, é porque não respeitam verdadeiramente; se os pais esperam exercer influência sobre os seus filhos enquanto estão por perto, não exercem influência efetiva.

Estes desafios familiares e a necessidade de uma estrutura estável é essencial para o desenvolvimento infantil. Nos primeiros anos de vida os principais vínculos que a criança tem são com a sua família e é espaço no qual ela recebe atenção, cuidado e os estímulos necessários para o seu desenvolvimento pleno.

“A qualidade do cuidado, nos aspectos físico e afetivo-social, decorre de condições estáveis de vida, tanto socioeconômicas quanto psicossociais”.² Muitas famílias estão desestruturadas, e esta desestruturação afeta diretamente as crianças. Quando há uma

² ZAMBERLAN MAT, Biasoli-Alves ZMM. **Interações familiares**: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1996.

desestruturação, as demandas naturais não são atendidas e as expectativas do contexto não são realizadas. Toda desestruturação gera afastamento e privação de relacionamento.

A interação da criança com o adulto ou com outras crianças é um dos principais elementos para uma adequada estimulação no espaço familiar. Os processos proximais são mecanismos constituintes dessa interação, contribuindo para que a criança desenvolva sua percepção, dirija e controle seu comportamento. Além disso, permite adquirir conhecimentos e habilidades, estabelecendo relações e construindo seu próprio ambiente físico e social.³

É paradoxal pensar que no ambiente em que a criança mais deveria receber atenção e cuidado, é exatamente o espaço no qual ela se sente mais insegura, sozinha e tem seu desenvolvimento limitado. Alguns aspectos sociais, como a falta de recursos financeiros, a fragilidade dos vínculos familiares estimulada pela falta da percepção bíblica sobre família, a desestruturação familiar no contexto geral, acabam trazendo enormes prejuízos para as crianças, que têm dificuldades de se relacionar, dificuldades de estudo e manifestam muitas vezes doenças psicossomáticas.

Há muitos estudos de autores renomados que afirmam “que a escolaridade materna tem impacto sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças por meio de fatores como organização do ambiente, expectativas e práticas parentais, experiências com materiais para estimulação cognitiva e variação da estimulação diária”.⁴ Há a certeza aqui que a família e seu contexto pode ser um problema para o desenvolvimento das crianças e para a manifestação de seu mau comportamento.

O local criado por Deus para alavancar os pequenos pode ser um problema para as crianças e para o Ministério com crianças! Por isso, é indispensável que se conheça a realidade familiar de cada criança que frequenta algum ministério infantil em comunidade eclesial. E conhecer a família trará seus problemas aos que ministram às crianças em dois sentidos:

1. Ter os pais por perto implicará em **maior ingerência deles** no que acontece no ministério. Nem sempre os pais estão habilitados para isso, mas ao estarem por perto farão as suas reclamações, sugestões, dirão como deveria acontecer e muitas vezes afirmarão que está tudo errado. A liderança do ministério precisará aprender a receber, processar e responder a estas demandas. Alguns pais se sentirão à vontade além do limite e permanecerão no ministério para cuidar de seus próprios filhos, o que demandará em estabelecer limites claros, mas com a participação, cada um com o seu papel.
2. A aproximação da família **traz problemas à tona**, e uma vez identificados, os professores voluntários necessitarão tomar providências para o seu encaminhamento. Ter estabilidade emocional para lidar com conflitos e uma rede de apoio para encaminhar as demandas é um requisito fundamental para os professores do Ministério com Crianças. Há mais dificuldades nas casas do que se pode imaginar.

³ BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. J. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective. A bioecological model. *Psychol Rev.* 1994, p. 568-586.

⁴ BRADLEY, R. H.; CORWYN, R. F. Socioeconomic status and child development. *Annu Rev Psychol*, 2002, p. 371-399.

O cenário ruim não deve ser motivo para o afastamento dos pais, pelo contrário, o Ministério infantil deve intencionalmente buscar aproximá-los do que se faz semanalmente, com estratégias diversas e assertivas. Os pais precisam saber que são bem-vindos no Ministério Infantil e que lá tem um espaço especial para eles. Pais e líderes de crianças precisam desenvolver bons relacionamentos.

Nesta perspectiva sobre relacionamentos, um texto bíblico precisa ser destacado, a saber:

Eu recomendo a vocês a nossa irmã Febe, que é diaconisa da igreja de Cencreia. Recebam essa irmã em nome do Senhor, como deve fazer o povo de Deus. Deem a ela toda a ajuda que precisar, pois ela tem ajudado muita gente e a mim também. Mando saudações a Priscila e ao seu marido Áquila, meus companheiros no serviço de Cristo Jesus. Eles arriscaram a sua vida por mim. Sou muito agradecido a eles; e não somente eu, mas também todas as igrejas dos que não são judeus. Saudações também à igreja que se reúne na casa deles. Saudações ao meu querido amigo Epêneto, que foi o primeiro a crer em Cristo na província da Ásia. Saudações a Maria, que tem trabalhado muito por vocês. Saudações a Andrônico e à irmã Júnia, meus patrícios judeus, que estiveram comigo na prisão. Eles são apóstolos bem conhecidos e se tornaram cristãos antes de mim. Saudações a Ampliato, meu querido irmão no Senhor. E também a Urbano, nosso companheiro de trabalho no serviço de Cristo, e ao meu querido amigo Estáquis. Saudações a Apeles, um irmão que tem dado muitas provas da sua fé em Cristo. Saudações ao pessoal da família de Aristóbulo. Saudações a Herodião, meu patrício judeu, e aos irmãos no Senhor da família de Narciso. Saudações a Trifena e a Trifosa, irmãs que trabalham no serviço do Senhor, e à minha querida amiga Pérside, que também tem trabalhado muito para o Senhor. Mando saudações a Rufo, trabalhador que tem se destacado no serviço do Senhor, e à mãe dele, que sempre me tratou como filho. Saudações aos irmãos Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e a todos os irmãos que estão com eles. Saudações a Filólogo e a Júlia; a Nereu e à sua irmã; ao irmão Olimpas e a todas as pessoas do povo de Deus que estão com eles. Cumprimentem uns aos outros com um beijo de irmão. Todas as igrejas de Cristo mandam saudações a vocês (Rm 16.1-16).

O final deste texto traz um desafio importante: dimensionar o papel dos bons relacionamentos no estabelecimento do plano de Deus para o mundo e o exercício da missão que Deus deu para a sua igreja. A leitura desta lista faz lembrar dos amigos e talvez a lista de Romanos também impressiona por causa dos nomes estranhos, mas se você conseguir ver além disso, perceberá algo extraordinário: Paulo teve muitos amigos e eles eram amigos íntimos, que sabiam sobre o seu trabalho, lhe auxiliavam e avalizavam as suas ações.

Paulo evidencia a importância dos relacionamentos nesta vida. Claro que a teologia é importante. A exposição bíblica é importante, e muito, afinal, Paulo gastou muita tinta com estas coisas nesta carta aos Romanos. Mas no final do dia, importavam também os relacionamentos e as amizades (muitos perdem amigos por discussões teológicas, brigam em nome de Deus). Muitos pensam na Carta aos Romanos como um tratado teológico, a magna carta de Paulo. E sem dúvida, ela é densa em reflexão teológica, tanto que serviu de grande motor de partida para a Reforma Protestante. Mas obviamente Paulo não estava pensando

na Reforma Protestante quando escreveu esta carta. Pensava no que? No seu próximo desafio missionário, foi até a Espanha e, por isso, precisava da simpatia dos cristãos romanos para encaminhá-lo (15.24). Todos têm uma missão e ela nunca é realizada de forma isolada. O individualismo da sociedade faz pensar que o indivíduo depende apenas de si. Mas, ao observar a missão do ministério infantil, entende-se que ela se realiza através e com a família.

Há mais um detalhe aqui: havia uma barreira teológica a ser vencida: nem todos concordavam com a forma de pensar de Paulo acerca da aceitação de todas as pessoas por Deus e é isso que Paulo explica ao longo de sua carta mostrando que Deus se revelou na morte e ressurreição de Jesus e está agora no processo de endireitar (a palavra técnica é “justificar”) todas as coisas, começando com um povo renovado de Deus que vive de acordo com os seus propósitos. Mas a ampla lista de contatos de Paulo, pessoas que haviam vivenciado esta transformação que ele pregava e aceitavam a sua forma de pensar, davam autoridade aos seus ensinamentos e ajudaram o apóstolo a chegar em Roma.

Conhecer a família é também tornar-se conhecido. Os pais apoiarão mais o ministério infantil se souberem quem são as pessoas que o dirigem e tiverem confiança neles. Uma vez que os pais autenticam a mensagem e reconhecem a liderança dos que ensinam às crianças, seus filhos automaticamente se tornam propensos a ouvir e respeitar também.

Este conhecimento traz vários benefícios também, especialmente a capacidade de falar sobre o que as crianças precisam ouvir. A exposição da Bíblia “se torna relevante quando apresenta um conteúdo contextualizado capaz de alcançar os ouvintes”.⁵ Para isso, é importante que o líder do ministério infantil considere a existência de duas culturas: a cultura em que o texto foi escrito originalmente e a cultura de seus ouvintes. Somente quando se conhece bem a realidade do passado e o contexto do presente (a família das crianças), é que ele conseguirá transmitir uma mensagem contextualizada para as crianças de hoje.⁶

A aplicação é importante porque torna a mensagem pessoal. Através dela, o expositor indica o que o ouvinte deve fazer, como reagir com determinado texto bíblico.⁷ As crianças precisam saber qual a implicação do texto exposto para a vida delas. Para que essa aplicação se torne realmente relevante, é essencial que o líder *conheça seus ouvintes*, pois esse conhecimento mostrará quais são as necessidades dessas crianças. Um estudo voltado para qualquer tema que não seja a necessidade do grupo a quem se fala, torna-se completamente desnecessário e irrelevante.⁸ E o conhecimento dos ouvintes implica numa *proximidade com eles*. Quanto mais próximo de seus ouvintes aqueles que ensinam estão, tanto mais eles se aproximam da mensagem.

⁵ MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005, p. 47-52.

⁶ MORAES, 2005, p. 47-52.

⁷ DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus**: o despertar para um novo culto. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000, p. 149-150.

⁸ MARINHO, Robson M. **A arte de pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 250-251.

2. DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR A BÍBLIA EM CASA

Antes de pensar na prática, há a necessidade de se fazer uma reflexão profunda sobre o conceito de estudar a Escritura. Há uma tensão entre o intelectualismo e a espiritualidade na igreja⁹ atual, e que afeta a maneira de pensar. Nos dois polos há erro e eles nem mesmo se complementam, pois falta neles o ingrediente da experimentação.¹⁰ A inexistência de ações por parte da igreja, como também da parte do indivíduo, tem o seu início na falta de conhecimento bíblico, característico de muitos cristãos. Consideram-se salvos sem nada saber e nem mesmo querem saber. Ao mesmo tempo não fazem mais porque não sabem o que devem fazer, vivem alienados.¹¹ Saber sobre a Escritura é uma necessidade para todos.

Muitas vezes a falta de conhecimento é justificada através de uma falsa espiritualização embasada em textos bíblicos como: *“A lei escrita mata, mas o Espírito de Deus dá a vida”* (2Co 3.6b).¹² É importante ressaltar que esta argumentação não corresponde com a verdade bíblica contida no texto, porque ignora o contexto e a própria teologia paulina que reforça a ideia da continuidade da Lei, porém, sem a conotação rabínica, que provinha do período interbíblico, no qual ela era vista como meio de justificação.¹³ Paulo nunca defendeu uma espiritualidade escapista e desprovida de conteúdo; ele apenas afirmou que o conteúdo por si só não é suficiente.

Evidentemente há neste pensamento paulino as duas realidades presentes: letra e Espírito. Mas, em outros meios, vai-se por um caminho oposto: há o estudo, porém, visando apenas o compartilhar de um conteúdo. Neste círculo intelectualista, o que vale é a bagagem de conhecimento transmitida oralmente ao aprendiz. Este processo tem dominado muitas escolas bíblicas das igrejas da atualidade e influenciado até mesmo processos mais dinâmicos, como o discipulado cristão.¹⁴ É o conteúdo pelo conteúdo, e nada mais.¹⁵ Lê-se a Bíblia, decora-se textos, mas qual a implicação deles para a vida da criança?

O ensino foi fundamental na história do cristianismo e teve efeitos gigantescos para aqueles que tiveram contato com ele. Onde ele foi aplicado de forma efetiva houve um

⁹ Igreja neste artigo diz respeito às pessoas que frequentam e são participantes ativas dos trabalhos realizados na mesma.

¹⁰ MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica**: educação cristã. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 18-19.

¹¹ SBB, 2000, p. 1178.

¹² SBB, 2000, p. 1178.

¹³ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 672.

¹⁴ DISCIPULADO CRISTÃO. O termo discipulado provém do termo grego *“mathetês”*, que significa discípulo. Este, por sua vez, descreve um aluno, aprendiz; ou seguidor de um mestre, profeta, um adepto de uma ideologia. Desta forma, entende-se que ser um discípulo é seguir instruções, uma doutrina ensinada por um mestre-ensinador. Ser um discípulo de Cristo representa seguir Seu caminho; ser um discipulador representa mostrar o caminho a ser seguido (ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 11-12). O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude de vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros (PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1983, p. 15-16).

¹⁵ DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2004, p. 91.

verdadeiro desenvolvimento intelectual, pois as dimensões da espiritualidade e do conteúdo foram associadas à prática.¹⁶

O ensino da Bíblia não consiste apenas da transmissão de conhecimento, mas tem a expectativa de uma transformação de vidas através da ação do professor com o aluno e com o Espírito Santo.¹⁷ “Precisamos redescobrir a importância do estudo sério e disciplinado da Palavra de Deus, da teologia cristã e da realidade em que vivemos, a fim de sermos homens e mulheres que vivam missionariamente no mundo” e que compartilham esta visão com os filhos.¹⁸

Há a necessidade de se fazer da Bíblia mais do que um “papa de papel” usado na hora de determinar o que está certo ou errado. A Bíblia precisa ser estudada para que o coração do ser humano reconheça a soberania de Deus e a necessidade da igreja de proclamar o Seu Reino e se chegue a um consenso missionário, que seja eticamente válido, compreendido por todas as pessoas e experimentado de forma pessoal.¹⁹

O que não se pode perder de vista é um princípio fundamental: se o desejo é o desenvolvimento espiritual, primeiramente, há a clara necessidade de se ensinar sobre a fonte que contém as respostas para os anseios espirituais mais profundos do ser humano: a Palavra de Deus. Para ser relevante para a alma, o que se compartilha com as crianças precisa ter fundamentação bíblica. Spurgeon afirmou: “O ministro com sua Bíblia é como Davi com sua pedra e funda, plenamente equipado para a peleja”. É importante a observação desse princípio, pois não há outra literatura com o peso da autoridade da Palavra de Deus.

John Knox, ao falar sobre a importância da Bíblia, destaca que ela é literatura religiosa de altíssima qualidade, e, ainda, afirma que:

Não é grande literatura apenas, mas em alguns aspectos é incomparavelmente grande. É o relato mais realístico do homem que o próprio homem jamais produziu. A pregação, no entanto, é também profunda e radicalmente relacionada com o homem, sua necessidade e sua redenção, sendo que sua eficiência e genuinidade dependem da compreensão profunda, certa e verdadeira do pregador relativamente à situação humana. A Bíblia prevê recursos para essa compreensão.²⁰

Mesmo com tão importante recurso à disposição, muitos pais geram a impressão de que a Palavra de Deus é obsoleta, mas isso ocorre pela falta de observação de dois princípios fundamentais, a saber: a *aplicação* e os *recursos* na hora de ensinar. A retenção do conteúdo se dá em maior grau quando os diferentes sentidos são estimulados.

Em muitos momentos é preciso desconstruir alguns conceitos errôneos que podem estar presentes na vida dos pais e dos filhos no que concerne à Escritura Sagrada. “A Bíblia

¹⁶ PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 51-56.

¹⁷ SANTOS, Valdeci da Silva. Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas. **Fides Reformata XIII**, n.2, 2008, p. 157.

¹⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006, p. 36-37.

¹⁹ ZABATIERO, In: KOHL, 2006, p. 18-21.

²⁰ MORAES, 2005, p. 47-52.

não é um amuleto. Você já deve ter ido a alguma casa em que na estante da sala estava a Bíblia aberta em algum salmo (o que mais vi foi o salmo 91!) [...] suas palavras só serão eficazes quando lidas, praticadas e vividas no dia a dia”.²¹

A Bíblia também não é uma coletânea de frases de efeito. Não é raro encontrar nas redes sociais fotos (de férias na praia à celebração da ceia de domingo) cuja legenda carrega pequenos trechos bíblicos. Geralmente, as frases são as mesmas, curtas, diretas e vazias de seu sentido original. Devemos lembrar que a Bíblia não foi escrita em capítulos e versículos, mas em livros que possuem ordem e coerência interna. As cartas do Novo Testamento, por exemplo, foram escritas como recomendações a serem lidas de uma só vez. As divisões posteriores (que encontramos em nossas Bíblias) são ótimas para um estudo sistemático e comunitário do texto, mas não podem servir para tirar do contexto original em que se encontra um versículo. Saber, ao recitar João 11.35, que Jesus chorou é importante, mas ler todo o evangelho e saber do seu amor por Lázaro é ainda mais essencial.²²

Também não se pode encarar “a Bíblia como uma peça de museu [...] A Bíblia não é para ser analisada friamente, é para ser degustada como uma sopa que esquenta o coração e sacia a fome. Ela está viva e traz vida para quem se relaciona com Deus por meio dela. Devemos ensinar que a Bíblia é dinâmica”.²³ Ainda se destaca aqui que a “Bíblia não é um manual. [...] A Bíblia não é objetiva, isto é, ela só se torna sagrada a partir do momento em que estabelecemos uma relação sagrada com o ‘Dono’ do texto. [...] Por isso, ela não é um manual que obriga o mundo inteiro a seguir suas regras”²⁴ mas ela leva a experiências que transformam a vida.

Mas como a Bíblia deve ser encarada?

1 – Saber que ela é um livro de verdades eternas, verdades que não dizem respeito à constituição científica do homem e do mundo, mas tratam sobre o que é a humanidade em seu caráter mais profundo. 2 – A Bíblia traz verdades sobre os caminhos enganosos nos quais o ser humano pode andar na busca por satisfazer, a qualquer custo, seus desejos e como é importante confiarmos na providência e no cuidado de Deus conosco. 3 – A Bíblia traz verdades sobre seres humanos, todos feitos à imagem de Deus, e ensina verdades sobre como eles devem ser respeitados e ter sua vida preservada pelos seus irmãos. 4 – A Bíblia traz uma mensagem de preservação e cuidado com a criação de Deus, de libertação dos escravos, de cura dos enfermos, de dignidade para o órfão, para o imigrante, para a viúva, de alegria e saciedade

²¹ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²² O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²³ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁴ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

para o pobre, de vida abundante para todos. 5 – A Bíblia traz a mensagem de um Deus que se encarnou, que viveu entre nós para nos mostrar que é possível ser gente de um jeito diferente, gente como Ele foi, gente como Ele deseja que sejamos. 6 – A Bíblia nos convida a uma relação de amizade e de discipulado com Jesus de Nazaré, um convite a segui-lo em seu exemplo de generosidade, de perdão, de compromisso com a justiça, de contestação e resistência a toda a religiosidade vazia. 7 – A Bíblia aponta para a cruz, símbolo maior da nossa fé, símbolo de entrega da própria vida em favor de outros para que tenham vida. É impossível seguir a Jesus sem passarmos por ela.²⁵

Em casa o estudo da Escritura precisa ser incorporado como um hábito. Para desenvolver um hábito há a necessidade de se estabelecer uma rotina e muita persistência. Depois de muitas repetições significativas (elas não podem ser sem sentido ou sem valor) é que uma prática é estabelecida como um hábito. Para o estudo da Bíblia, pode-se sugerir algumas práticas que, com o tempo, podem ser bons hábitos de estudo:

1. Bíblia antes do café da manhã – antes de ingerir qualquer alimento para o corpo físico, a família passa ler um pequeno trecho da Escritura. Além de ser um momento de estudo, cria-se no imaginário da criança a percepção da importância da Palavra de Deus. Ela é mais importante do que a refeição para o corpo.

2. Culto doméstico depois do jantar – para a maioria das famílias a noite é um tempo de estar juntos e ao invés de investirem seu tempo com outras recreações, pode-se vivenciar um momento de culto em família.

O importante é que Escritura, Salmos, Hinos e orações sejam parte diária de toda família cristã. Isso não significa que tais cerimônias precisam ser longas. Particularmente em famílias com filhos pequenos, seria melhor manter esses devocionais curtos, alegres e focados. Crianças se desenvolvem com repetições, portanto, a família pode incorporar memorizações básicas.²⁶

O culto em família proporciona o estudo da Bíblia e estimula o uso dos dons. Pessoas diferentes podem participar nas diferentes partes do culto. As crianças aprenderão a ser participativas e desinibidas.

3. Histórias bíblicas e oração antes de dormir – o dia é finalizado como ele começa: com a palavra de Deus. Histórias antes de dormir preparam para o sono e incutem conteúdos importantes que ecoarão no subconsciente dos pequenos.

Muitos pais dirão que não tem tempo para isso. Bem, você certamente terá que reduzir seu tempo na televisão e nos jornais. Na eternidade, qual terá sido a utilidade, para você e seu filho, do tempo gasto toda semana na frente

²⁵ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁶ HAMMOND, Peter. **Reformando nossas famílias**. Tradução de Sara de Cerqueira. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

da TV assistindo a escândalos locais? Desligue a TV e você terá tempo suficiente para discipular suas crianças!²⁷

4. Torne os domingos especiais – os domingos são o dia da semana em que o estudo da Bíblia é intensificado. Ele deve ter um significado especial para os filhos. O revolucionário francês – e ateu – Voltaire declarou: “Se quiser destruir o Cristianismo, você deve abolir o domingo”.²⁸

A preparação para a adoração de domingo começa no dia anterior – assegurando-se de que as crianças dormirão cedo e estarão descansadas para o domingo de adoração. Podemos também encorajar nossos filhos a respeitarem nosso local de adoração e o dia do Senhor, cuidando para que usem suas melhores vestes para a casa de Deus. E prezando a chegada cedo o suficiente para adorar, com corações e mentes esperançosos e receptivos ao ensino.²⁹

5. Memorização das Escrituras – a memorização da Palavra de Deus é uma ferramenta importantíssima no discipulado: “Como pode um jovem conservar pura a sua vida? É só obedecer aos teus mandamentos. Guardo a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti” (Sl 119.9,11).

Além destas dicas para a criação do hábito da leitura da palavra de Deus, precisa-se ajudar os pais a desenvolverem os momentos de leitura de forma criativa. Seguem algumas sugestões para tornar a leitura bíblica mais dinâmica:

1. Escolha um livro da Bíblia para ler e discutir juntos. Focar em um livro dará uma visão aprofundada e pode-se ensinar a sequência dos fatos no decorrer dos dias. Para crianças menores deve-se utilizar livros mais históricos, enquanto as crianças maiores já podem se aprofundar em textos doutrinários. Livros mais curtos são recomendados quando se está começando a prática do estudo conjunto.

2. Estimule anotações. Crianças menores podem desenhar, enquanto crianças maiores podem fazer apontamentos das discussões que a família teve sobre o texto.

3. Defina uma agenda. A leitura da Bíblia ocupa um espaço fixo na rotina da família, assim como ir para a aula, almoçar e ir dormir. A rotina é tudo!

4. Mostre uma visão panorâmica. Em sua primeira conversa, mostre os bastidores do escrito, respondendo aos seguintes questionamentos: Quem escreveu o livro? Para quem foi escrito? Quando ele foi escrito? Em que estilo literário foi escrito? Qual é o tema central do livro? Bíblias de estudo trazem estas informações, que ajudarão a entender o conteúdo como um todo.

²⁷ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

²⁸ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

²⁹ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

5. Orem juntos. É a Palavra de Deus que excede todo o entendimento. A iluminação do Espírito Santo é essencial para que se compreenda o que Deus quer ensinar ao ser humano.³⁰

3. PARTICIPANDO ATIVAMENTE DOS MINISTÉRIOS DA IGREJA

O individualismo, que é uma marca da sociedade corrompida da atualidade, tem marcado enormemente a postura evangélica, e a percepção dos que se achegam à igreja.³¹ Não entendem que a verdadeira vida cristã é manifesta através de uma “peregrinação feita na companhia e com o apoio de outros que também deram ouvidos à Palavra do Senhor e querem ser seus discípulos”.³² Não se trata de uma busca por realização pessoal, felicidade individual ou satisfação das necessidades religiosas, mas de um compromisso de união com todos aqueles que fazem parte do povo de Deus, a fim de realizar a missão de Deus no mundo.³³

Cada cristão deve contribuir com o Reino, exercendo uma atividade no seu lar, trabalho, vizinhança, igreja local e no mundo. As próprias habilidades e recursos acabam contribuindo para a realização desta missão que é amplamente abrangente.³⁴ Servir não está apenas ligado

às estruturas eclesiais, administrativas e organizacionais de uma denominação, igreja, comunidade ou movimento cristão, mas sim a um estilo de vida cristã que busca encarar a missão de maneira integral como Jesus Cristo encarou, uma missão [...] que anuncia o Reino de Deus e sua justiça, entre a fé e as boas obras, entre as necessidades espirituais, materiais e físicas, entre a dimensão social e pessoal do evangelho, estabelecendo o Reino de Deus, agora.³⁵

Mas um dado assustador e que comprova a ineficiência da ação da igreja é o que segue: “a igreja se compõe de 10% de pessoas ativas, imprescindíveis e dedicadas, e de 90% de inativas, periféricas, semi-interessadas. Embora variem as porcentagens, o padrão é o mesmo em muitas congregações”.³⁶ Mesmo que haja diferentes argumentos para explicar estes dados, é muito provável que a histórica divisão das pessoas entre *clero* e *laicato* seja o principal fomentador desta perspectiva.³⁷

O *clero* representa o grupo de pessoas que estão à frente das denominações e tem em suas mãos o poder da tomada de decisão e, segundo a forma de pensar de algumas congregações, eles são os detentores de todos os dons e por isso realizam todos os ministérios. Já o *laicato* é composto pelas demais pessoas que são encaradas como uma

³⁰ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

³¹ ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003, p. 87.

³² PADILLA, 2009, p. 59.

³³ PADILLA, 2009, p. 59.

³⁴ STOTT, John. **Firmados na fé**. Tradução de Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004, p. 216-227.

³⁵ YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. **Servindo com os pobres na América Latina: modelos de ministério integral**. 1998, p. 22.

³⁶ VAN EGEN, Charles. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 201.

³⁷ SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2001, p. 170-188.

espécie de plateia, que chegam aos cultos para assistir e receber algo. Eles são vistos normalmente como não tendo condições para o exercício do ministério.³⁸

Esta divisão de classes não é bíblica. A dá a entender claramente que ao fazer parte de uma igreja, a pessoa já se tornava um missionário.³⁹ Esta perspectiva traz detalhes importantes: evidencia o sacerdócio de todos os crentes e envolve os cristãos no pastoreio mútuo; o envolvimento vai além da esfera eclesiástica e aponta para o trabalho dos cristãos fora da igreja, em suas funções cotidianas, nas quais exercem a sua vocação através do trabalho conferido por Deus a elas;⁴⁰ há uma multiformidade de ações que resultam deste envolvimento de todos os cristãos na missão de Deus.⁴¹ Servir é para todos e há muitas formas de servir!

Por falar em servir, essa expressão pode fazer pensar muitas coisas. É possível observar a esfera das vestimentas para entender sobre este tema: casaco grande – *não serve*; casaco pequeno – *serve de forma limitada*; terno – *todos dizem que serve, mas não tem nada a ver com algumas ocasiões*; casaco certo – *serve, tem a ver com o momento, faz com que a pessoa se sinta bem*; todos os casacos – *é muito para uma pessoa, enquanto outros poderiam também usufruir*. Ao falar sobre serviço, pode-se também pensar em algumas coisas: muitas vezes o serviço é confundido com “ser visto”. Nesta perspectiva, cada ação gera imagens, holofotes e a divulgação da minha marca.

O texto de 1Pedro 4.10 fala sobre o serviço: “Sejam bons administradores dos diferentes dons que receberam de Deus. Que cada um use o seu próprio dom para o bem dos outros!” Servir uns aos outros é um convite para sair de si mesmo e dos problemas pessoais e dedicar-se às pessoas que estão próximas. O termo que aparece no texto de 1Pedro 4.10, sobre serviço, vem de diaconia e se reporta a todo o tipo de serviço prestado, seja em palavras ou ações. Nesta perspectiva-todos são diáconos – não é preciso esperar que alguém com um cargo faça algo, é preciso que cada um faça a sua parte.

Usar os dons recebidos é o meio que viabiliza o serviço a realizar. Deus não incumbe o indivíduo de uma tarefa sem primeiro o capacitar para ela. A Palavra de Deus é clara ao afirmar que cada cristão tem pelo menos um dom, uma capacitação especial para realizar a vontade de Deus à sua volta. Muitas vezes fala-se que Deus não chama os capacitados, mas capacita os chamados. Não é bem assim, pois no fundo Deus capacita e chama ao mesmo tempo.

Valorizar os relacionamentos é a forma de servir através dos dons. O texto de 1Pedro 4.10 descreve estes indivíduos como despenseiros/mordomos. Este termo está relacionado à

³⁸ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 566.

³⁹ SACERDÓCIO DE TODOS OS CRENTES. Segundo ela, resgata-se a compreensão neotestamentária de que cada crente é depositário dos carismas do Espírito Santo, sendo, portanto, um(a) ministro(a) de Deus para o mundo (LOPES, César Marques. **Mobilizando a igreja local para uma missão integral transformadora**. In.: KOHL, 2006, p. 144).

⁴⁰ ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja**: agente de transformação. Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011, p. 113-134.

⁴¹ LOPES, César Marques. **Mobilizando a igreja local para uma missão integral transformadora**. In: KOHL, 2006, p. 146-147.

casa, ao grupo de pessoas que lá vive e que tem relacionamentos entre si, e, portanto, coloca cada cristão numa posição de responsáveis por aqueles que fazem parte da sua família. É claro que isso inclui família de sangue, mas trata-se aqui principalmente da família estendida, a família da fé e aqueles que podem fazer parte dela. Há aqui uma rede infinita de relacionamentos que cada um tece através da convivência, mas principalmente através da fé: líder do ministério com crianças está ensinando aquele que será o pastor dos seus netos; talvez aquele que cuidará dele mesmo-quando estiver doente. Os que estão à volta devem ser cuidados. Não é à toa que cruzaram o caminho de cada indivíduo, líder.

Há também a necessidade de reconhecer as diferenças que são multiformes devido à graça de Deus. Deus nunca foi adepto da monotonia e por isso fez os seres humanos extremamente diferentes. No texto a graça multiforme destaca as inúmeras possibilidades de dons que estão relacionadas às inúmeras necessidades das pessoas, baseadas em suas inúmeras diferenças.

Diante do exposto, há a necessidade de ampliar a perspectiva ministerial! Assim como o tempo deixa os seres humanos curvados e limita a visão, com o tempo pode-se focar demais no ministério, família, sonhos, e perder de vista tudo o que Deus pode e quer fazer. Na Bíblia, encontra-se um exemplo dessa deficiência. O apóstolo Pedro foi uma pessoa que teve dificuldades para enxergar o panorama total. Em certa ocasião, Jesus o repreendeu dizendo: *“...Saia da minha frente, Satanás! Você é como uma pedra no meu caminho para fazer com que eu tropece, pois está pensando como um ser humano pensa e não como Deus pensa”* (Mt 16.23).

Nesta limitação de visão, muitas vezes perde-se de vista o benefício de servir a Deus. Servir a Deus é completamente diferente de servir a qualquer outra pessoa. Deus é extremamente zeloso e nem sempre é possível compreendê-lo. Por exemplo, ele ordena: *“Sirvam ao SENHOR com alegria”* (Sl 100.2). Há uma razão para essa alegria. Ela é apresentada em Atos 17.25. Deus não *“precisa que façam nada por ele, pois é ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais”*. O cristão O serve com alegria, porque não tem o fardo de satisfazer as suas necessidades. Pelo contrário, o cristão regozija-se em um serviço no qual Deus atende as suas necessidades. Servir a Deus sempre significa receber graça de Deus.

Há uma história em 2 Crônicas 12 que mostra como Deus é zeloso e que o serviço a Ele não pode ser pesado. Roboão, o filho de Salomão, que governou o reino do sul após a revolta das dez tribos, junto com o povo todo *“deixaram de obedecer à Lei de Deus, o Senhor”* (2Cr 12.1). Como juízo, Deus enviou a Sisaque, rei do Egito, contra Roboão com 1.200 carros e 60.000 cavaleiros (2Cr 12.2-3). Em misericórdia, Deus enviou o profeta Semaías a Roboão com essa mensagem: *“Vocês me abandonaram, e por isso eu os estou entregando nas mãos de Sisaque”* (2Cr 12.5). O feliz resultado dessa mensagem é que Roboão e seus príncipes se humilharam em arrependimento e disseram: *“O SENHOR é justo”* (2Cr 12.6).

Quando o Senhor viu que se humilharam, disse: *“Eles se arrependeram, e por isso não vou destruí-los. Daqui a pouco vou salvá-los. Eu não vou usar Sisaque para descarregar a minha ira sobre os moradores de Jerusalém”* (2Cr 12.7). Mas, como uma disciplina para eles, disse: *“Mas vou deixar que Sisaque os domine a fim de que eles vejam qual é a diferença entre*

servir a mim e servir reis estrangeiros” (2Cr 12.8). A ênfase é clara: Servir a Deus é uma dádiva, uma bênção, uma alegria e um benefício, nunca um peso.

A perspectiva das oportunidades e dos benefícios ao servir precisa ser compreendida pela família, até porque ela habita em um lugar. Ao dirigir o olhar à configuração do espaço urbano, pode-se perceber os desafios que ele impõe à família. As primeiras relações são estabelecidas na privacidade das casas, mas cada vez mais cedo este mundo amplia-se. A escola, o trânsito, os coletivos, os sons, as imagens invadem as janelas. As crianças não convivem mais somente com pessoas que conhecem. Elas descobrem cada vez mais os meios de comunicação e a internet. As fronteiras são cada vez menores. Nesta cidade hoje é mais importante ter do que ser, por isso, para muitos, pessoas são sinônimo e possibilidade de ganhar dinheiro. Sendo assim, há ao redor de todas as pessoas que não se importam com o próximo.

Mas a partir do texto de Hebreus 13.1-6 pode-se destacar diferentes esferas de atuação da família, servindo pessoas nos lugares onde vivem. É importante observar que ação abrangente, influente e preciosa a família pode na cidade que habita hoje.

1. O amor fraternal (v.1). Essa virtude é tão importante que representa a marca, ou distintivo, do verdadeiro discípulo de Jesus (Jo 13.34-35). A expressão tem consigo a ideia do exercício do amor e da adoção de um novo relacionamento dentro da família da fé: amamos como irmãos. Sentir-se parte da família é o sentimento que as pessoas na cidade precisam receber. Pequenas ações de demonstração de carinho e amor, o cuidado com os vizinhos, são simples ações de serviço que fazem toda a diferença no contexto em que a família está inserida.

2. A hospitalidade (v.2). Na época em que o texto bíblico foi escrito muitos cristãos haviam perdido todos os seus bens como consequência da perseguição. Neste aspecto, a hospitalidade trazia alento a esses servos de Deus e demonstrava que outros crentes poderiam servir ao Senhor abrindo suas casas para lhes servirem de abrigo. A hospitalidade é a forma correta de receber as pessoas na cidade. De que vale ter uma casa bonita se é apenas usada por nós? Enfeitar para os outros, mas mantê-la fechada. Receber pessoas como anjos (pessoas enviadas por Deus com uma mensagem) é a postura exigida do cristão. Interessante que a hospitalidade se paga por si só. Quantas vezes cada um foi abençoado por aqueles que permanecem um dia em sua casa! Servir é receber em casa.

3. O valor da beneficência (v.3 e 6). Um crente perseguido facilmente seria lembrado por seus irmãos, mas os que permaneciam presos por muito tempo poderiam ser esquecidos. Não faltam nas cidades pessoas esquecidas por tantos, que vivem à margem de tudo. Lembrar dos esquecidos é a forma de olhar para a cidade. Ações de serviço para as pessoas que vivem à margem, esquecidas e relegadas, impactará tanto a vida dos que são assistidos como daqueles que fazem o trabalho. Os filhos precisam saber o quanto a realidade é desafiadora fora de suas casas para valorizarem tudo o que têm.

4. O valor do matrimônio (v.4). A vida cristã exige compromisso sério não apenas com Deus e a igreja, mas também com a sociedade e a família; e esta última começa com o cônjuge. Dentro da igreja carrega-se o modelo ideal de família e preserva-se os principais traços

concernentes a ela. Valorizar a família é a forma de manter a sociedade e ensinar aos outros. Valorizar o casamento é uma forma de servir a Deus e a comunidade, mantendo um padrão que a sociedade necessita vivenciar.

5. A ameaça do materialismo (v.5). O contentamento significa mais do que uma aceitação passiva do inevitável. Envolve um reconhecimento positivo de que o dinheiro é relativo, um instrumento e não um dono, faz parte das coisas deste mundo e deve ser considerado desta forma. Praticar o desapego, contribuir com o Reino, colocar as pessoas acima dos recursos são formas de servir a comunidade.

6. O auxílio de Deus. As palavras tiradas dos salmos (v.6) são apropriadas porque afirmam o caráter imutável de Deus como auxílio. Quando Deus é o auxílio, não é surpreendente que a família cristã possa dizer diante de uma sociedade perversa: não temerei. Os filhos de Deus frequentemente têm comprovado a veracidade das palavras do salmista: que me poderá fazer o homem? Embora seja expressa como uma pergunta, não deixa de subentender uma resposta negativa. Manifestar fé é servir em um mundo corrupto.⁴²

Entendendo a importância de servir e as diferentes oportunidades que cercam a família, como ministério com crianças há a necessidade de se enfatizar o envolvimento da família em ações concretas com as pessoas à sua volta e com as atividades desenvolvidas na igreja. Além de abençoar as pessoas, servir é uma forma muito significativa de ensinar. Algumas estratégias simples podem ser transformadoras:

1. Coerência da vida diária dos pais, com o ensino sobre amizade com Deus – não adianta querer falar sobre Deus aos filhos se os pais vivem se tratando mal, com agressividade e violências, mentiras etc. Essas incoerências são notadas e cobradas até por crianças.
2. Alegria dos pais em ir à igreja, tanto para aprender sobre Deus quanto para trabalhar para Ele – pais motivados também motivam os filhos; pais alegres também alegram os outros; pais envolvidos são exemplos de envolvimento dos filhos.
3. Pais que fazem de sua casa uma extensão da própria igreja – por exemplo, usando, no dia a dia, valores bíblicos como: promover a paz, verdade, honestidade, sinceridade, amor, misericórdia, alegria, incentivo para o bem, mansidão, paciência etc. Isso pode acontecer em todos os momentos e não apenas nos cultos domésticos.
4. Pais que fazem da igreja uma extensão de sua própria casa – filhos que participam de uma classe que comunique as verdades bíblicas, com uma linguagem que lhes é apropriada, optam por ficar mais tempo lá. Observam desde cedo a alegria de seus pais ao irem à igreja ou fazerem atividades para Deus (Salmos 122.1: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor”), até que esse anseio passe a ser o deles também.
5. Pais que facilitam o trabalho dos líderes de seus filhos na igreja – existe uma idade em que os filhos precisam ser levados pelos pais às atividades de seu ministério, como passeios, competições, congressos, corais, teatros etc. Muitos pais, por preguiça ou negligência, não levam seus filhos. Tempos depois, esses mesmos pais choram por seus filhos terem se afastado de Deus. Aí perguntam: “Onde foi que eu errei?”.
6. Pais que contribuem positivamente para que seus filhos se envolvam com a turma da igreja – pais

⁴² ALMEIDA, Jony Wagner de. **A família cristã e a cidade**. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/etica/a-familia-crista-e-a-cidade/>. Acesso em: 04 set. 2022.

sábios ficam de olho nos amigos dos seus filhos. Promover alguns encontros em sua casa às vezes já é suficiente para reconhecer aqueles amigos que têm boas ou más intenções. Vale a pena incentivar momentos dos seus filhos com boas amizades, principalmente quando está envolvida uma turma que ama e busca a Deus.⁴³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrir as portas de casa é o começo de tudo. A família precisa se dar a conhecer e conhecer quem falará sobre Deus a seus filhos. É a aproximação que dará conteúdo para a contextualização da mensagem, bem como abrirá espaço para o envolvimento da família, de forma ativa, na condução espiritual dos membros deste contexto.

Ao mesmo tempo, o abrir as portas não pode ser motivo para se negligenciar os aspectos básicos da fé cristã, como a leitura da Bíblia e a oração. Para se compreender a Bíblia não há necessidade de se fazer um curso de teologia ou algum outro nível de erudição específica. Basta ler, que o Espírito Santo vai aplicando a mensagem ao coração do leitor. A grande maioria dos textos são de fácil compreensão e todos os pais cristãos têm plenas condições de repassar aos seus filhos sobre o que leem. Se não são cristãos, a leitura pode torná-los cristãos e capacitá-los a ensinar sobre Deus.

Mas a vivência da fé cristã não pode ser encarada como uma questão de foro íntimo, sem uma pertença eclesial efetiva, que ultrapassa os limites de ser membro e faz a família se envolver em tudo o que a igreja faz. A família deve participar das atividades da igreja, sendo elemento ativo da propagação da Palavra de Deus em seu contexto para os de fora.

Estas simples iniciativas são transformadoras. Não há nenhuma família que queira mais de Deus que não possa vivenciar esta realidade. É simples e transformador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jony Wagner de. **A família cristã e a cidade**. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/etica/a-familia-crista-e-a-cidade/>. Acesso em: 04 set. 2022.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRADLEY, R.H.; CORWYN, R. F. Socioeconomic status and child development. **Annu Rev Psychol** 2002.

BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. J. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychol Rev**. 1994.

DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2004.

⁴³ Família envolvida na igreja. **Revista Lar Cristão**, ed. 153, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/01/12/fam%C3%ADlia-envolvida-na-igreja>. Acesso em: 15 set. 2022.

DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus**: o despertar para um novo culto. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000

Família envolvida na igreja. **Revista Lar Cristão**, ed. 153, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/01/12/fam%C3%ADlia-envolvida-na-igreja>. Acesso em: 15 set. 2022.

HAMMOND, Peter. **Reformando nossas famílias**. Tradução: Sara de Cerqueira. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/NTLH>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MARINHO, Robson M. **A arte de pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica**: educação cristã. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005.

O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja**: agente de transformação. Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1983.

ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.

ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas. **Fides Reformata XIII**, n.2, 2008.

SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: EEE, 2001.

STOTT, John. **Firmados na fé**. Tradução de Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004.

VAN EGEN, Charles. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. **Servindo com os pobres na América Latina**: modelos de ministério integral, 1998.

ZAMBERLAN MAT, Biasoli-Alves ZMM. **Interações familiares**: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1996.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.002



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PARUSIA COMO RAZÃO DA ESPERANÇA CRISTÃ EM 1 TESSALONICENSES 4.13-18

The Parousia as a reason for christian hope in 1 Thessalonians 4.13-18

Régis Carvalho Bueno¹

RESUMO

O presente artigo apresentou, a partir de uma análise de parte da primeira carta de Paulo endereçada à igreja em Tessalônica, o conceito de esperança cristã que deriva do caráter escatológico do escrito, em contraste com a perspectiva fatalista da cultura greco-romana, demonstrando brevemente o contexto cultural dos cristãos tessalonicenses. Expõe aspectos de dúvidas e questionamentos que fazem parte deste grupo, enquanto cristãos ainda imaturos, e a possibilidade da esperança encontrada no conhecimento da verdade da Escritura.

Palavras-chave: Esperança. Escatologia. Cultura. Paganismo. Novos convertidos.

ABSTRACT

Based on an analysis of part of Paul's first letter to the church in Thessalonica, this article presented the concept of Christian hope that derives from the eschatological character of the writing, in contrast with the fatalistic perspective of Greco-Roman culture, briefly demonstrating the cultural context of the Thessalonian Christians. It exposes aspects of doubt and questioning that are part of this group, as Christian who are still immature, and the possibility of hope found in knowing the truth of Scripture.

Keywords: Hope. Eschatology. Culture, Paganism. New converts.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR, pós-graduado *latu sensu* em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista – FAP, pós-graduado *latu sensu* em Psicologia e Aconselhamento Pastoral pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Pastor na Igreja Batista Independente de Campo Bom e Professor no Seminário Teológico Batista Independente do Sul – STBISUL. E-mail: regisbueno@gmail.com

INTRODUÇÃO

Momentos de caos não são uma novidade no mundo. A Bíblia afirma que, desde a queda, o ser humano sofre com inúmeras circunstâncias e vários efeitos do pecado em sua vida e na sociedade. Paulo, em Romanos 8.22, afirma que “(...) *toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto*”.²

Tempos de dificuldades e intempéries sempre trazem à tona o tema esperança, o qual normalmente permanece esquecido e adormecido nos períodos de paz e tranquilidade, mas que recebe atenção especial em momentos difíceis. Tal situação não se restringe àqueles que não conhecem ou não servem a Deus, mas o mesmo Paulo ainda acrescenta: “nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.22-23).

A igreja de Tessalônica, conforme o relato lucano em Atos 17, já surge em um momento bastante conturbado. Paulo saiu de Tessalônica sob intensa perseguição, o que lhe causou preocupação quanto ao futuro daquela comunidade.³

O apóstolo se alegrou ao receber notícias, a partir de Timóteo, acerca daqueles irmãos e foi certificado que permaneceram firmes (1Ts 2.1-5).⁴ Paulo agradeceu a Deus (*por todos vocês, mencionando-os em nossas orações* (1Ts 1.4)) e elogiou a igreja por seu trabalho, pelo “*esforço motivado pelo amor e a perseverança*” (1Ts 1.3). No entanto, isso não significava a ausência de pontos a serem ajustados na teologia e na vida da igreja. Paulo então escreveu a Primeira Carta aos Tessalonicenses para tratar dessas questões. Este foi, provavelmente, “o primeiro e mais antigo escrito preservado da era apostólica e, conseqüentemente, algo parecido com uma célula da qual germinou o NT!”⁵

Por se tratar de escrito tão incipiente, Paulo nele tratou pontos importantes e basilares a serem observados pela igreja para corrigir esses problemas. Surgiram alguns aspectos preocupantes para Paulo e que seriam a primeira carta, segundo Hernandes Dias Lopes:

Alguns irmãos pararam de trabalhar em virtude da iminente volta de Cristo, criou-se confusão nos crentes acerca do destino dos crentes na morte física, surgiu uma tendência a desprezar as autoridades terrenas, sofriam um grande risco de retorno à imoralidade e impureza anteriores, além do surgimento de um grupo resistente à liderança paulina, o qual poderia implicar em disputas internas e divisões.⁶

Dentre os diversos pontos de dificuldade para aquela igreja, a questão quanto à partida de entes queridos, cristãos fiéis que aguardavam a Parusia com expectativa e confiança, abalou a fé daqueles irmãos, ao ponto de se questionarem se era a melhor alternativa permanecer no cristianismo, o que Paulo responde com convicção e certeza.

² Nesta pesquisa será utilizada a versão bíblica NVI, salvo por indicação quando utilizada outra.

³ LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses**: como se preparar para a Segunda Vinda de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 24.

⁴ LOPES, 2008, p. 24.

⁵ BOOR, Werner de. **Comentário Esperança**: Primeira Carta aos Tessalonicenses. Curitiba: Esperança, 2007, p. 21.

⁶ LOPES, 2008, p. 25-26.

Diante dessas questões, este artigo, no seu primeiro ponto, falará sobre o caráter escatológico concebido por 1 Tessalonicenses, o qual é utilizado para apresentar a morte e ressurreição de Jesus como algo muito além de um evento já ocorrido, mas como a primeira razão da esperança cristã. O contexto histórico daquela época é a discussão do segundo ponto, pois é imperioso lembrar os conceitos grego e romanos, que estavam em total dissonância com a visão cristã da ressurreição e glorificação do corpo.

No terceiro ponto será abordado o dilema dos recém-convertidos, que não conseguiam entender o que acontecia com aqueles que faleceram enquanto aguardavam pela Parusia, o retorno do Senhor. No último ponto analisar-se-á os conselhos de Paulo para a igreja em Tessalônica, e a afirmação do que acontecerá com os crentes que morreram no Senhor. Por fim, ver-se-á que a intervenção de Paulo esclareceu o dilema aos tessalonicenses, através de afirmações quanto à esperança também para os que já partiram.

1. O CARÁTER ESCATOLÓGICO DE 1 TESSALONICENSES

A primeira carta aos Tessalonicenses se apresenta como uma importante fonte escriturística acerca dos acontecimentos consoantes ao fim dos tempos. Conforme De Boor, *“essa carta não apenas tem algumas passagens escatológicas, mas é ‘escatológica’ de ponta a ponta”*.⁷

Embora em uma leitura rápida e despercebida, muitas vezes, o sentido mais profundo e amplo do texto não seja compreendido, uma análise mais detalhada e atenta descortinará que, para Paulo, *“O ‘dia do Senhor’ é o ponto focal a partir do qual se forma toda a perspectiva da visão de mundo dos cristãos”*⁸, ou seja, a cosmovisão cristã se dá a partir da esperança escatológica da volta do Messias.

Gundry assevera que as cartas de Paulo aos Tessalonicenses são grandes ensinamentos no tocante à segunda vinda de Cristo e os acontecimentos contíguos a sua vinda. Para ele, 1 e 2 Tessalonicenses são, juntamente do sermão escatológico de Jesus e do Apocalipse de João, as grandes seções proféticas no Novo Testamento.⁹

Na perícope compreendida entre os versos 13 e 18 de 1 Tessalonicenses 4, Paulo dá a mais direta e completa descrição da *Parusia* de Cristo. A palavra grega *Parusia* descreve a vinda ou chegada de um rei. No grego clássico seu significado era mais genérico, sendo apenas presença ou vinda de uma pessoa.¹⁰

No período helenista, *Parusia* se tornou a palavra técnica para referir-se à vinda de um imperador, de um rei, de um governador ou outra pessoa importante à cidade, à província, o que demandaria preparativos e expectativa. Ainda, *Parusia* poderia expressar a visita de um deus, de forma que Paulo considerou essa palavra adequada para descrever o retorno de Jesus

⁷ BOOR, 2007, p. 20-21.

⁸ BOOR, 2007, p. 20-21.

⁹ GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 440.

¹⁰ LOPES, 2008, p. 104.

Cristo.¹¹ Paulo apresentou o querigma cristão, qual seja, a morte e ressurreição de Jesus, como a primeira razão da esperança cristã, de maneira que um evento passado.¹²

O apóstolo ainda disse que “se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram” (1Ts 4.14), de maneira que se pode observar uma relação condicional entre “crer que Jesus morreu e ressurgiu” (1Ts 4.14), e crer que “(...) Deus trará (...) aqueles que nele dormiram” (1Ts 4.14).

Logo após, o Apóstolo descreveu a Parusia de Cristo como a segunda causa da esperança cristã (cf. 15-17), um acontecimento futuro que também traz consequências ao presente. Por fim, a consolação mútua completa o quadro descritivo paulino (v.18).

2. A DESESPERANÇA DO MUNDO PAGÃO

O mundo greco-romano dos dias de Paulo era um mundo absolutamente sem esperança.¹³ Paulo ao escrever aos Efésios afirmou que “naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12), de tal forma que, se não fosse o entendimento renovado a partir do cristianismo, nada faria absoluto sentido.

Lopes assevera que, ao fazer a afirmação de 1 Tessalonicenses 4.13, Paulo tinha em mente a “desesperança daqueles que não conhecem a Deus”¹⁴, visto que o mundo pagão era “completamente desprovido de esperança. O futuro para eles era sombrio e ameaçador”.¹⁵

Para os gregos, o *post-mortem* no Hades sombrio, se comparado ao seu mundo anterior vivido em uma terra ensolarada, está longe de inspirar algum conforto, sendo mais facilmente entendido como um lugar deplorável, onde os mortos lamentam sua existência.¹⁶ Ainda, o conceito grego e romano não admitia futuro algum para *o corpo*, o qual chegou a ser chamado de *prisão da alma*¹⁷, em total dissonância com a visão cristã da ressurreição e glorificação do corpo.

3. AS INCERTEZAS DOS RECÉM-CONVERTIDOS

Os tessalonicenses, outrora imersos nessa realidade, dado que a igreja era predominantemente formada por gentios¹⁸, conforme a afirmação de Paulo em 1 Tessalonicenses 1.9, não obstante estarem em brutal perseguição, entristeceram-se em virtude daqueles que faleceram enquanto aguardavam pela Parusia, o retorno do Senhor.¹⁹

¹¹ LOPES, 2008, p. 104.

¹² PAGANOTTO, Diones Rafael. **A parusia de Cristo segundo Paulo**: um estudo exegético-teológico de 1Ts 4.13-18. Dissertação de Mestrado PUC-SP p. 155. Disponível em <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/18371/1/Diones%20Rafael%20Paganotto.pdf>>. Acesso em 05/11/2022.

¹³ HENDRIKSEN, William. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon**. Tradução de Hope Gordon Silva, Valter Graciano Martins e Ézia Cunha Mullins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 130.

¹⁴ LOPES, 2008, p. 102.

¹⁵ LOPES, 2008, p. 102.

¹⁶ HENDRIKSEN, 2007, p. 131.

¹⁷ HENDRIKSEN, 2007, p.130.

¹⁸ GUNDRY, 2011, p. 440.

¹⁹ LOPES, 2008, p. 102-103.

Os crentes de origem judaica tinham um conhecimento prévio mais sólido que os gentios acerca do futuro, ainda que incompleto e imperfeito. O conceito judaico era de que os mortos aguardavam em um lugar chamado *sheol*, quer para crentes, quer para não crentes.²⁰

Boa parte dos judeus, exceto os saduceus (Mt 22.23), criam na ressurreição do último dia. Acreditavam que todos haveriam de morrer e que no fim do mundo haveria uma ressurreição geral e um julgamento geral.²¹ Marta, ao ouvir Jesus afirmando que ressuscitaria Lázaro, seu irmão, respondeu ao Mestre dizendo saber que *“ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia”* (Jo 11.24), embora naquele momento Jesus não estivesse referindo-se a isso. Todavia, em uma igreja de maioria gentia, tal convicção ainda não era presente.

Não há consenso entre os estudiosos quanto ao que exatamente motivava tal situação de tristeza. Hendriksen pondera que não é possível afirmar, a partir do texto bíblico, que os irmãos de Tessalônica realmente criam que os entes queridos que haviam partido *“estavam perdidos”*.²² Lopes considera que o motivo de tal condição era *“que julgavam que seus entes queridos, os crentes que dormiam em Cristo haviam perecido”*.²³

Outra possível explicação é que *“eles tivessem perdido toda a esperança na futura glória dos corpos daqueles que haviam falecido”*²⁴ e, dessa forma, considerassem que aqueles que dormiram estariam em uma condição de inferioridade em relação aos que estivessem vivos na parusia. Para a fé cristã, o corpo sempre foi parte essencial da pessoa humana. Sproul nos lembra que *“quando recitamos o Credo Apostólico e dizemos: ‘Creio na ressurreição do corpo’, estamos expressando nossa confiança de que nosso corpo será ressuscitado”*.²⁵

A crença na ressurreição de Cristo torna-se base para crer na ressurreição do último dia, pois *“uma vez estabelecida a ressurreição de Cristo a nossa vem naturalmente, porquanto essa é inseparável daquela”*²⁶, conforme a afirmação de Paulo em 2 Coríntios 4.14: *“porque sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos, também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará com vocês”*.

Há, portanto, um claro contraste entre as visões cristã e pagã no tocante ao futuro, e isso certamente mudará a noção de esperança que cada cultura possuirá. Nesse ínterim, certamente ao falar de esperança do ponto de vista cristão, tal tema de forma alguma poderia ser dissociado de um entendimento da expectativa escatológica, o que é proposto por Paulo no v.13: *“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes”*.

²⁰ MACDONALD, William. **Comentário bíblico Popular**: Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 725.

²¹ MACDONALD, 2011, p. 725.

²² HENDRIKSEN, 2007, p. 130.

²³ LOPES, 2008, p. 102-103.

²⁴ HENDRIKSEN, 2007, p. 130.

²⁵ SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos**: uma introdução à Teologia Sistemática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 422.

²⁶ TURRENTINI, François. **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 3, p. 676.

4. A ESPERANÇA PELO CONHECIMENTO DA VERDADE

Hendriksen considera que *“a ignorância no tocante às realidades espirituais é sempre algo ruim para o crente. Ela o priva do conforto”*.²⁷ Dessa forma, uma preocupação iminente de Paulo era fazer com que os seus irmãos tessalonicenses compreendessem as verdades acerca da vinda de Cristo e das suas implicações para a vida cotidiana.

Para os cristãos em Tessalônica, instalou-se uma grande confusão acerca do destino dos crentes que *“dormiram”* (4.13-18). Alguns consideravam que se alguém morresse antes da segunda vinda de Cristo estaria em total prejuízo em relação aos vivos.

O termo dormir é, com frequência, usado na linguagem bíblica como referência à morte física.²⁸ Embora em Mateus 27.52 a NVI opte pela tradução do termo *κεκοιμημένων* (kekoimēmenōn) por *“morrido”* por conveniência de tradução, pode-se ler na ARA: *“abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram”*. Para Bruce, o uso do termo dormir para referir-se à morte física foi resgatado pelos judeus cristãos em virtude da ressurreição de Cristo.²⁹

O mesmo termo aparece também em outros textos do Novo Testamento, como em João 11.11-13, Atos 7.60, 1 Coríntios 7.39, 15.6,18 e Apocalipse 14.13. MacDonald defende que a *“palavra “dormir” é sempre usada em relação ao corpo dos cristãos que já partiram, e nunca com respeito ao espírito ou à alma”*³⁰, de maneira que a morte referida nesse caso não é a morte espiritual, mas física.

Ainda nesse ínterim, em que pese a igreja estar grandemente abalada pelas perdas de irmãos e parentes queridos da comunidade, não há indicação de que as mortes referidas no texto estivessem necessariamente ligadas à sua *“tribulação”*, ou a um tipo de perseguição. A expressão *“que adormeceram por meio de Jesus”* não é usada para esse fim no referido contexto³¹, mas sim, um indicativo da condição de salvos dos falecidos.

Paulo, portanto, afirmou que os crentes que morreram no Senhor *“não estavam em desvantagem em relação aos que estiverem vivos até à volta do Senhor”*³², visto que a sua ressurreição, no último dia, era garantida pela ressurreição de Cristo, uma vez que são chamados por ele de *“aqueles que nele dormiram”* (1Ts 4.14). Assim, vivos ou mortos, os crentes *“estão em Cristo”*, compartilhando assim de sua glória.³³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, os momentos de caos e dúvidas para o ser humano apareceram já na queda, desde então o ser humano sofre com os efeitos do pecado. Isso não foi diferente para

²⁷ HENDRIKSEN, 2007, p. 129.

²⁸ HENDRIKSEN, 2007, p. 129.

²⁹ BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de Valdemar Kroger. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012, p. 1394.

³⁰ MACDONALD, 2011, p. 725.

³¹ BOOR, 2007, p. 71.

³² LOPES, 2008, p. 25.

³³ BRUCE, 2012, p. 1395.

os cristãos da igreja em Tessalônica, que ao se depararem com uma questão aparentemente sem resposta, ou ainda o que poderia ser pior, com uma aparente resposta que lhes tirava a esperança, fez com que questionassem sua fé em Cristo Jesus.

No contexto em que estavam inseridos, e com a expectativa de uma iminente volta do Senhor Jesus Cristo, a esperança daqueles recém-convertidos se dissipava a cada partida de um ente querido, acreditando que com ela também se ia a esperança da vida eterna com Cristo. A intervenção de Paulo foi essencial para lhes fazer entender sobre a necessidade de manterem sua esperança firmada em Cristo Jesus, pois aqueles que já haviam partido também teriam chance de gozar da vida eterna, acalmando o coração daquela igreja e reavivando a esperança.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

BOOR, Werner de. **Comentário Esperança, primeira carta aos Tessalonicenses.** Curitiba: Esperança, 2007.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos.** Tradução de Valdemar Kroker. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento.** 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HENDRIKSEN, William. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon.** Tradução de Hope Gordon Silva, Valter Graciano Martins e Ézia Cunha Mullins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses: como se preparar para a Segunda Vinda de Cristo.** São Paulo: Hagnos, 2008.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular: Novo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

PAGANOTTO, Diones Rafael. **A parusia de Cristo segundo Paulo: um estudo exegético-teológico de 1Ts 4.13-18.** Dissertação de Mestrado PUC-SP p. 155. Disponível em <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/18371/1/Diones%20Rafael%20Paganotto.pdf>>. Acesso em 05/11/2022

SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos: uma introdução à Teologia Sistemática.** Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017.

TURRENTINI, François. **Compêndio de teologia apologética.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 3.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CRISTOLOGIA SINÓTICA: A MISSÃO DO MESSIAS, SERVO E SALVADOR NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Synoptic Christology: the mission of the Messiah, servant and savior in the
Synoptic Gospels

Renato Goes Damasceno¹

RESUMO

O trabalho a seguir destacou as particularidades em cada um dos três evangelhos canônicos que descrevem a pessoa e a missão de Jesus, demonstrando também a importância da devida correlação entre os três relatos sinóticos, que apesar de empregarem diferentes abordagens, apontam para a mesma pessoa, porém enfatizando diferentes aspectos de sua obra e missão.

Palavras-chave: Evangelhos. Sinóticos. Jesus. Mateus. Messias. Marcos. Servo. Lucas. Salvador.

ABSTRACT

The following work has highlighted the particularities in each of the three canonical synoptic gospels that describe the person and mission of Jesus, also demonstrating the importance of the proper correlation between the three synoptic accounts, which despite employing different approaches, point to the same person, but emphasize different aspects of his work and mission.

Keywords: Gospels. Synoptic. Jesus. Matthew. Messiah. Mark. Servant. Luke. Savior.

¹ O autor é graduado em Teologia pela FTBB – Faculdade Teológica Batista de Brasília e pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1516-1179> E-mail: regodam@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O cânon do Novo Testamento começa pelo conjunto dos quatro Evangelhos, que consistem no relato sobre a vida e a obra de Jesus, descrevendo suas palavras e ações, seus ensinamentos e milagres. Do grego *εὐαγγέλιον* ("euangelion"), o termo traduzido como Evangelho tinha na literatura clássica seu significado associado à recompensa concedida a todo aquele que trouxesse boas notícias. Na Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o idioma grego, o termo ocorre apenas em 2Samuel 4.10, em referência à recompensa que se concedia ao portador de boas notícias. Posteriormente, o termo passou a ser associado diretamente às próprias boas novas, tanto no contexto do Novo Testamento como da literatura cristã produzida a partir de então.²

Dessa forma, o termo Evangelho passou a ser empregado e também entendido como as boas novas, ou seja, a boa notícia da vinda de Jesus ao mundo, não só para trazer seu ensino, mas principalmente por sua obra redentora em favor de todo aquele que nele crê. Trata-se de uma boa notícia à medida que cumpre as promessas acerca da vinda do Messias, conforme largamente se encontra em todo o texto do Antigo Testamento, desde Gênesis 3.15 até as palavras finais da profecia de Malaquias: "Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas [...] Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (Ml 4.2,5).

Ainda segundo Douglas, pelo fato de possuírem a mesma essência e propósito – relatar a vinda de Jesus ao mundo – os quatro livros eram referidos pelos eruditos das Escrituras no singular: o "Evangelho" significa então o relato sobre Jesus nos quatro livros que o descrevem em sua vida e obra; posteriormente passou-se ao uso do termo no plural, evidenciando assim as diferentes ênfases sobre Jesus que cada evangelista, divinamente inspirado, empregou em seu relato.

Uma vez que os quatro Evangelhos relatam a mesma história, há alguns pontos muito semelhantes, ao mesmo tempo em que também há pontos bem distintos entre eles, conforme destaca Dockery:

Cada evangelho é atribuído a uma pessoa que testemunhou os acontecimentos que se descrevem ou obteve relatos de testemunhas oculares. Cada um dos evangelhos presta informações peculiares que nenhum dos outros tem. Cada Evangelho foi escrito por pessoas diferentes, em épocas distintas, em lugares que variaram e em situações peculiares.³

No estudo específico dos Evangelhos, embora haja diferenças e peculiaridades no relato de cada evangelista, fica evidente as semelhanças nos três primeiros relatos do cânon neotestamentário: Mateus, Marcos e Lucas têm muito material em comum – fazendo inclusive que alguns afirmem que os três evangelistas podem ter utilizado uma mesma fonte. Dockery

² DOUGLAS, J.D. (Org.). **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 566.

³ DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 573.

destaca que mais de 600 dos 661 versículos de Marcos também se encontram no relato de Mateus, e aproximadamente 380 versículos de Lucas se assemelham ao material de Marcos.⁴

Diante dessas semelhanças, os três Evangelhos são comumente denominados “Evangelhos Sinóticos”. Foram assim chamados pela primeira vez por J.J. Griesbach, um alemão estudioso da Bíblia, no fim do séc. XVIII. O termo “sinótico” vem do grego σύνοψις (“synopsis”) que significa “ver em conjunto”. As semelhanças estão tanto na estrutura dos relatos como em seu conteúdo, sendo visíveis até mesmo aos leitores menos atentos; essas semelhanças tanto unem os três Evangelhos Sinóticos como também os diferenciam do quarto Evangelho, registrado pelo apóstolo João.⁵

As inegáveis semelhanças – tanto estruturais como textuais, por vezes até no uso dos mesmos termos – não impedem que sejam percebidas também as diferentes ênfases que cada evangelista escolheu empregar ao descrever a vida e obra de Jesus durante seu período de ministério na terra. Como afirma Dockery, “cada escritor adaptou sua maneira de narrar a história [de Jesus] para atingir propósitos próprios”.⁶

Essa talvez seja a característica mais interessante da análise conjunta dos Evangelhos, não apenas os Sinóticos: Por que a Bíblia oferece quatro livros com o mesmo relato? Mais ainda: por que três desses livros, além de narrar a mesma história, ainda o fazem sob óticas tão semelhantes a ponto de serem cognominados de “Sinóticos”? A resposta a essa questão encontra-se na ênfase que cada um dos Evangelhos Sinóticos atribui à pessoa de Jesus, mais especificamente, aos títulos cristológicos que são conferidos a Jesus em cada um dos Evangelhos Sinóticos, destaques que serão apresentados na sequência deste escrito.

1. JESUS, O MESSIAS

O papel de Jesus como Messias é evidente no Evangelho escrito por Mateus. A promessa messiânica pode ser vista ao longo de todo o Antigo Testamento, desde o Pentateuco – ainda no começo do relato de Gênesis – passando por todos os livros, quer históricos, quer poéticos ou proféticos.

O cumprimento da promessa divina sobre a vinda, o ofício e a missão do Messias são demonstrados por Mateus: por essa razão, seu relato – o primeiro dos Sinóticos pela ordem do cânon neotestamentário – precisa ser observado em seu contexto original para que se possa extrair a mensagem que pretende comprovar.

1.1 Contexto e propósito de Mateus

O primeiro dos Evangelhos Sinóticos foi redigido por Mateus: essa é a afirmação que prevalece desde o segundo século, quando os títulos dos Evangelhos foram acrescentados. Dockery afirma que, embora o registro seja anônimo, a tradição da igreja primitiva aponta de forma unânime para o apóstolo Mateus como autor do relato que abre o cânon do Novo

⁴ DOCKERY, 2001, p. 573.

⁵ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 19.

⁶ DOCKERY, 2001, p. 573.

Testamento.⁷ Segundo Hendriksen, a tradição é unânime ao indicar Mateus, e nenhum outro, como autor do primeiro Evangelho,⁸ destacando ainda importantes líderes da igreja na era patrística que também afirmavam a autoria de Mateus, tais como Eusébio, Orígenes e Irineu.

O nome Mateus é tradução do grego Μαθθαῖος (*Maththaios*) e tem a mesma raiz do nome Matatias, do hebraico מַתַּתְיָא (Mataṭyâ) o qual é mencionado na genealogia de Jesus em Lucas 3.25-26, que significa “presente de Yahweh”. Também é chamado Levi (Mc 2.14,15; Lc 5.27,29) que vem do hebraico לֵוִי (*Lēvî*), nome do terceiro filho de Jacó e Lia, que deu origem à tribo dos levitas. Tudo isso deixa clara a inquestionável origem hebraica do autor desse Evangelho.

Mateus era publicano, conforme atesta seu Evangelho (Mt 10.3), ou seja, era um coletor de impostos a serviço do Império Romano, o que traz algumas implicações que precisam ser observadas. A primeira delas é que se tratava de um ofício que demandava conhecimento não só do idioma hebraico, mas também do grego, já que deveria apresentar relatórios oficiais sobre os valores arrecadados: isso credencia Mateus a ser um importante redator, não só de anotações rápidas, mas até mesmo um relato estruturado e organizado sobre a vida e o ministério de Jesus.

Hendriksen também chama atenção para a fervorosa religiosidade do judeu Mateus, que prontamente atendeu ao chamado de Jesus para segui-lo (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27). A partir disso, é plausível afirmar que Mateus teria muita familiaridade com o Antigo Testamento, não somente na versão em hebraico como também em grego, na Septuaginta, permitindo-lhe fazer interpretações de textos do Antigo Testamento diante dos feitos e dos ensinamentos de Jesus que testemunhava.⁹

Além disso, é preciso destacar que a atividade de coletor de impostos, embora financeiramente rentável e vantajosa junto à aristocracia judaica, conferia a Mateus uma condição bastante desfavorável diante de seus patrícios, já que era um funcionário a serviço do império que oprimia os judeus. Sobre isso, Keener afirma que “muitos religiosos desprezavam os coletores de impostos, vendo-os como colaboradores dos romanos ou agentes das aristocracias opressoras aliadas a Roma”.¹⁰

Interessante observar que Mateus era um autêntico judeu, mas por força de seu ofício, era alvo de profundo desprezo por parte de seu povo. Isso não o impediu de, diante do testemunho ocular quanto aos sinais realizados por Jesus, redigir um estruturado relato sobre a chegada ao mundo de Jesus, o Cristo (Mt 1.1). Seu Evangelho é notoriamente dirigido ao seu próprio povo, mesmo sendo por ele desprezado e até odiado. Como autêntico judeu, conhecedor das Escrituras que prometiam a vinda do “Ungido de Deus”, Mateus se viu compelido a testemunhar aos judeus como ele sobre a chegada do tão aguardado Messias. Seu conhecimento certamente foi utilizado pelo Espírito Santo, que o inspirou a escrever um

⁷ DOCKERY, 2001, p. 578.

⁸ HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus, vol. 1.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 143.

⁹ HENDRIKSEN, 2001, p. 143.

¹⁰ KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de João Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 151.

relatório não sobre finanças terrenas, mas sobre o tesouro divino tão esperado por Israel e graciosamente oferecido ao mundo: o Messias de Deus, aquele que veio para livrar os judeus não só da extorsão dos coletores de impostos, mas principalmente daquele que cobraria a dívida eterna por seus pecados.

1.2 A Missão do Messias

Mateus inicia seu relato apresentando Jesus como o Cristo (Mt 1.1). Trata-se de um adjetivo, do grego Χριστός (*Christos*) que significa “ungido, consagrado”, pois vem do verbo χρίω (*chriō*), que significa literalmente “derramar ou esfregar com óleo”, ou seja, ungir, consagrar ao serviço religioso. Strong afirma que o termo “Cristo” tem relação com o Antigo Testamento, em referência aos que eram ungidos com óleo santo, principalmente o sumo sacerdote, conforme Levíticos 4.5,16.¹¹

Porém, o termo hebraico encontrado no texto veterotestamentário, e por isso largamente conhecido entre os judeus é מָשִׁיחַ (*māšîaḥ*), traduzido como “ungido”, com 38 ocorrências no Antigo Testamento. O termo pode se referir ao divino comissionamento de sacerdotes (Lv 4.3,5,16; 6.22), bem como assinalar a realeza dos reis de Israel (1Sm 2.10; 16.6; 24.6,10) e até mesmo a Ciro (Is 45.1), imperador persa que liberou os exilados judeus para retornar a Jerusalém. Strong assim comenta sobre o uso do termo “ungido” no Antigo Testamento: “Portanto, é preciso entender essa caracterização, não como uma declaração da bondade e perfeição inerente ao indivíduo [...] Pelo contrário, é uma declaração da designação ou escolha, da parte de Deus, de um indivíduo para uma tarefa”.¹²

Dessa forma, percebe-se que “Cristo” e “Messias” são termos de origens distintas, mas de significado semelhante: enquanto “Cristo” é a transliteração do grego (Χριστός), “Messias” é tradução do hebraico (מָשִׁיחַ) e ambos apontam para a unção, a divina chamada, capacitação e o comissionamento para uma missão específica.

Embora o termo “ungido” seja empregado no Antigo Testamento em relação a pessoas comuns, ou seja, limitadas e falhas, já existia entre os judeus a ideia de um Messias, alguém divinamente ungido e comissionado para libertar Israel de forma definitiva. João relata dois episódios em que o termo traduzido como “Messias” é empregado em relação a Jesus (Jo 1.41; Jo 4.25), deixando evidente que já havia em Israel a expectativa pela chegada do Messias, o Redentor de Israel – conforme atestaram Gideão e a profetisa Ana (Lc 2.25-38) ao encontrarem Jesus no Templo.

É sobre o Messias que Mateus discorre em seu registro. A esperança messiânica estava cumprida com o nascimento de Jesus, e aquele judeu cobrador de impostos dedicou-se a anunciar essa boa notícia aos seus irmãos judeus. Até mesmo os judeus menos religiosos, que não aguardavam tão avidamente a vinda do Ungido de Yahweh, certamente conheciam as tradições rabínicas acerca da chegada do Messias. Textos como Isaías 7.14, Daniel 9.25, entre outros, deixavam muitos judeus esperançosos pela chegada daquele que, por fim, libertaria

¹¹ **BÍBLIA de estudo palavras-chave Hebraico e Grego.** Texto bíblico: versão Almeida Revista e Corrigida. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 2463-2464.

¹² **BÍBLIA de Estudo,** 2011, p. 1776.

Israel e se assentaria no trono eterno. O Messias prometido haveria de vir, e muitos tinham convicção sobre essa promessa das Escrituras, associando inclusive o texto de Isaías 9.6-7 a pessoa que Deus enviaria com esse propósito. Sobre essa expectativa, Champlin afirma que a teologia dos hebreus, após o exílio, aguardava a futura renovação de um imenso e exaltado reino de Israel.¹³

Diante dessa expectativa é que Mateus notoriamente aponta para Jesus como Messias, como cumprimento da profecia do Antigo Testamento, usando para isso, segundo Mauerhofer, as expressões “para que se cumprisse” e, “pois, assim escreveu” em Mateus 1.22; 2.5,15,17,23; 4.14, entre outros. Mauerhofer também menciona Eusébio, importante historiador eclesiástico do séc. IV, e comenta sobre a autoria e o público-alvo de Mateus: “O autor era judeu e escreveu para judeus”.¹⁴ Ainda, segundo Mauerhofer, é impossível não notar o propósito de Mateus ao redigir seu Evangelho. Ele tem o claro objetivo de comprovar, à luz das Escrituras, que Jesus é o Messias profetizado ao longo de todo o Antigo Testamento, o Legislador divino que leva o Antigo Testamento ao cumprimento.¹⁵

Jesus, portanto, sob a pena de Mateus, era a materialização da promessa e a encarnação do anúncio do Antigo Testamento: a lei e os profetas anunciavam a chegada daquele que viria ao mundo com poder e autoridade, com a unção de Yahweh para exercer poder e domínio, para realizar sinais e prodígios, para curar e salvar, para restaurar e governar. Embora muitos em Israel expectassem a chegada de um Messias político, o publicano Mateus comprova em seu Evangelho que chegou ao mundo o Filho de Deus para trazer salvação ao seu povo; o judeu cobrador de impostos, por isso desprezado, teve o claro objetivo de alertar e avisar seu povo, sem rodeios: o Messias veio cumprir as Escrituras e seu nome é Jesus.

2. JESUS, O SERVO

Marcos em seu Evangelho retrata Jesus como servo. A ideia, por simples que possa parecer, é profunda, intrigante e desafiadora em sua análise e compreensão. O Filho de Deus encarnou com o propósito de cumprir uma missão humanamente impossível, e espiritualmente concedida a ele pelo próprio Deus Pai. A descrição de Jesus como servo vai de encontro com a expectativa de muitos, que aguardavam um líder com poderes sobre-humanos que pudesse, com mão forte e poderio celeste, livrar Israel da opressão romana; Marcos, porém, optou por descrever a missão desempenhada por Jesus sob a ótica do serviço. Somente pela atenta observação do contexto em que Marcos redigiu seu Evangelho é que se pode compreender o propósito de sua mensagem.

¹³ CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol.2, p. 505.

¹⁴ MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos Escritos do Novo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 105.

¹⁵ MAUERHOFER, 2010, p. 102.

2.1 Contexto e Propósito de Marcos

Pouco se pode afirmar sobre o evangelista Marcos, pois tal como no Evangelho de Mateus, também no relato de Marcos não se encontra autoria expressa em seu texto. Atribui-se o segundo Evangelho Sinótico a Marcos também por meio da tradição histórica que, desde os primórdios da igreja, o aponta como seu autor. O historiador Eusébio de Cesareia menciona em sua obra os escritos de Papias, Bispo de Hierápolis, que assim teria registrado:

E João, o presbítero, também disse isto: Marcos, sendo o intérprete de Pedro, tudo o que registou, escreveu-o com grande exatidão, não, entretanto, na ordem em que foi falado ou feito por nosso senhor, mas, conforme se disse, esteve em companhia de Pedro, que lhe deu tanta instrução quanto necessária, mas não para dar uma história dos discursos de nosso Senhor. Assim Marcos não errou em nada ao escrever algumas coisas como ele as recordava; pois teve o cuidado de atentar para uma coisa: não deixar de lado nada que tivesse ouvido nem afirmar nada falsamente nesses relatos. Tal o relato de Papias a respeito de Marcos.¹⁶

Também pela tradição histórica, estudiosos creem que o autor do segundo Evangelho do cânon bíblico seja “aquele João, que tinha por sobrenome Marcos, a quem o Novo Testamento se refere oito vezes”, ou seja, o parente de Barnabé, companheiro na primeira viagem missionária de Paulo, mencionado em Colossenses 4.10.¹⁷ A provável associação de Marcos com o apóstolo Pedro é relevante para a análise de seu Evangelho; enquanto alguns o desmerecem como apenas um ouvinte de relatos de terceiros, ao considerar que Pedro tenha narrado a Marcos os episódios vividos e os ensinamentos ouvidos diretamente de Jesus, seu Evangelho ganha muito peso e importância. Mauerhofer menciona a predominância da ação sobre os discursos no Evangelho de Marcos, o que condiz com a personalidade de Pedro, notoriamente um homem bem mais propenso às ações mais do que às palavras.¹⁸ O autor do segundo Evangelho Sinótico parece ser o mesmo Marcos que decidiu voltar da Panfília durante a viagem missionária, deixando Barnabé e Paulo e gerando posteriormente entre eles “desavença tal, que vieram a separar-se” (At 15.36-41).

A ampla maioria de estudiosos entende, sem maiores celeumas, ser João Marcos, o parente de Barnabé, o autor do segundo Evangelho Sinótico. Seu nome tem dupla origem: João (Ἰωάνης, Yôhānān) é de origem judaica e significa “Yahweh é gracioso”, enquanto Marcos (Μάρκος, Markos) tem origem latina e significa “defesa”.

Cabe ainda destacar o que estudiosos chamam de “Problema Sinótico”, questão que busca responder qual teria, dentre os Sinóticos, o primeiro Evangelho a ser redigido. Quanto a essa questão, Champlin é categórico ao dizer que “é bem mais fácil expor a natureza do problema das fontes informativas dos Evangelhos Sinóticos do que afirmar qualquer conclusão certa”.¹⁹ Alguns eruditos destacam, ainda sobre o chamado “Problema Sinótico”, a

¹⁶ CESARÉIA, Eusébio de. **História eclesiástica**. Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 118-119.

¹⁷ DAVIDSON, F. (Org.). **O novo comentário da Bíblia**. 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 985.

¹⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 128.

¹⁹ CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 411.

suposta “primazia de Marcos”, pela qual admite-se que este teria sido o primeiro Evangelho redigido dentre os Sinóticos. Mas outra ideia antiga teria sido popularizada por Agostinho, pela qual Mateus teria sido o redator original, e Marcos teria elaborado um sumário do relato do apóstolo outrora publicano.²⁰

Dockery conclui seu comentário sobre o Evangelho de Marcos de maneira interessante: “Marcos desafia seus leitores a abrir os olhos e ver Jesus como ele realmente é. Ele nos incentiva a seguir o exemplo desse Servo do Senhor que sofre e morre”.²¹ É preciso, portanto, analisar a perspectiva de Jesus não só como Filho de Deus, mas também como Servo, conforme propõe o registro de Marcos.

2.2 A Missão do Servo

Marcos resume em seu Evangelho a missão de Jesus usando as próprias palavras proferidas pelo Filho de Deus, que afirmou não ter vindo ao mundo para ser servido, mas para servir e dar sua própria vida em resgate de muitos (Mc 10.45). O verbo empregado por Marcos ao redigir essa afirmação de Jesus, traduzido como “servir” é o verbo *διακονέω* (*diakoneō*), do qual vem o termo “diácono”. Esse verbo tem sentido de serviço, se referindo a alguém que serve e atende, inclusive no ambiente doméstico, com relação aos que serviam os convidados à mesa durante festas e banquetes.

Ao empregar esse verbo em relação a Jesus, o judeu Marcos não estava enfatizando seu poder, autoridade e majestade: sem contestá-las, Marcos simplesmente prefere evidenciar um verdadeiro paradoxo para qualquer judeu que aguardava o Messias, o Ungido de Yahweh que viria ao mundo para liderar as forças de Israel contra seus inimigos e opressores. Porém, conforme destaca Stern, “o Reino de Deus funciona de forma diferente dos reinos do mundo; aqueles que são grandes não devem buscar poderes, mas serem servos”.²²

Marcos retrata Jesus como servo, alguém que veio ao mundo para cumprir uma missão de serviço e desempenhar uma obra que se refere não ao próprio bem, mas ao bem de outros. “A sua dedicação foi a uma vida de ministério altruísta. O Filho do Homem não veio para ser grande como os homens consideram a grandeza; pelo contrário, ele queria não ser servido, mas servir”.²³

Embora paradoxal, a proposta de Marcos em retratar o Filho de Deus como servo não era desconexa nem inédita. O texto de Isaías, oriundo de um contexto de mais de seis séculos antes, já evidenciava no capítulo 53 o Ungido de Deus como um servo, associado não apenas ao serviço de outros, mas também ao sofrimento. Culmann afirma que “numerosas palavras

²⁰ CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 416.

²¹ DOCKERY, 2001, p.621.

²² STERN, David. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 167.

²³ ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, vol. 8, p. 427.

de Jesus apresentam, sem equívoco possível, seu sofrimento e sua morte como parte integrante da obra que deve realizar para cumprir o plano divino de salvação”.²⁴

Sobre a associação do Messias com o texto de Isaías, especificamente no trecho de 52.13 a 53.12, Champlin é enfático ao afirmar que “tentar aplicar o que se segue aqui a Israel e apagar as referências messiânicas é um suicídio interpretativo. Nada existirá de messiânico em todo o Antigo Testamento se esta passagem não for messiânica”.²⁵ Beale e Carson também apontam o quão difícil é dissociar o Messias do servo sofredor descrito por Isaías, quando afirmam: “Quanto à segunda parte de Marcos 10.45 [...] até os críticos admitem que é difícil negar o paralelismo com Isaías 53.12. O fato é que a própria singularidade da ideia no Antigo Testamento fortalece o vínculo com Marcos 10.45”.²⁶

Jesus veio claramente cumprir a missão divinamente outorgada a ele, cumprindo assim a profecia de Isaías sobre o sofrimento do servo enviado por Yahweh. Tal conclusão certamente ia de encontro às expectativas de muitos naquele contexto, o que justifica a forte perturbação causada por Jesus aos seus discípulos, especialmente a Pedro, no episódio conhecido como o “Lava Pés”, relatado por João em seu Evangelho, confirmando a ênfase de Marcos quanto ao serviço de Jesus.

Embora não tenha registrado o episódio do “Lava Pés” em seu Evangelho, Marcos oferece outro relato que confirma a disposição de Jesus para ensinar seus discípulos sobre a importância do serviço. Em Marcos 9.33-37 Jesus intervém num debate entre seus discípulos sobre quem seria o maior no Reino de Deus, ensinando que todo aquele que busca ser maior, acabará sendo o último e servo de todos (v.35). Sobre a comparação entre esse relato de Marcos e o registro do “Lava Pés” feito por João, Kunz explica:

Embora o evangelista João não relate o episódio com a criança colocada ao centro, ele relata um outro fato que transmite, também através de uma ação parábola, praticamente a mesma lição que os discípulos tiveram em Cafarnaum. No Evangelho de João a lição a lição fica por conta do momento em que Jesus lava os pés dos seus doze orgulhosos discípulos (Jo 13.1-17). Ali a sentença declarativa de Jesus é igualmente direta: “Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam o mesmo”.²⁷

Marcos, portanto, evidencia a missão de Jesus, o Filho de Deus, como servo que veio servir com sua própria vida, e não como aquele que teria vindo para ser servido. Tal lição foi dada por meio de seus ensinamentos e palavras, mas enfatizada e até dramatizada por meio de suas ações, até sua crucificação.

²⁴ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2004, p. 87.

²⁵ CHAMPLIN, Russell N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 195.

²⁶ BEALE, G.K.; CARSON, D.A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 254.

²⁷ KUNZ, Claiton André. **Ações parábolas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 182.

3. JESUS, O SALVADOR

Lucas em seu Evangelho apresenta Jesus como salvador, usando para isso as palavras do próprio Filho de Deus, ao dizer que veio ao mundo “buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). A salvação se trata de uma intervenção, ou seja, a mudança na história de vida e no rumo espiritual de alguém que caminha rumo à perdição. Além de observar a obra salvadora de Jesus, é preciso também entender a perdição da qual ele veio salvar, não sem antes entender o contexto e propósito de Lucas ao redigir seu Evangelho.

3.1 Contexto e Propósito de Lucas

Diferente dos outros Evangelhos canônicos, Lucas deixa claro, logo ao iniciar seu registro, tratar-se de um trabalho de pesquisa com um destinatário específico, a quem ele chama de Teófilo (Lc 1.3). O mesmo Teófilo é mencionado também no início do texto de Atos dos Apóstolos, também de autoria de Lucas – comprovando que ambos, o Evangelho e o relato dos atos apostólicos, foram escritos por Lucas, formando uma só obra, composta por dois volumes.

Lucas é mencionado nominalmente três vezes no Novo Testamento, sempre pelo apóstolo Paulo (Cl 4.14; 2Tm 4.11; Fl 24) que se refere a ele não apenas como médico, mas também como um amigo amado e seu colaborador ministerial. O próprio Lucas se inclui em seus relatos ao usar a terceira pessoa no livro de Atos, especialmente a partir de Atos 16.10, indicando que Lucas passou a integrar a equipe que viajava com Paulo, a partir de Trôade. Sobre a autoria de Lucas e sua colaboração ministerial com Paulo, o historiador Eusébio de Cesareia assim afirmou em sua História Eclesiástica:

Lucas, nascido em Antioquia e médico de profissão, por muito tempo companheiro de Paulo e bem familiarizado com os outros apóstolos, nos deixou em dois livros inspirados nas instituições daquela arte de cura espiritual que deles obteve. Um deles é o Evangelho em que testifica ter registrado “de acordo com a tradição recebida dos que foram testemunhas oculares desde o princípio e ministros da palavra” a ele transmitida. Aos quais também, afirma ele, seguiu em tudo. E o outro é os Atos dos Apóstolos que compôs não de acordo com testemunhos ouvidos de outros, mas com o que viu com os próprios olhos.²⁸

Seu nome, do grego Λουκάς (Loukas) é uma forma abreviada de “Loûkius” e significa “iluminador”.²⁹ Considerando a afirmação de Paulo sobre Lucas, “o médico” (Cl 4.14), pode-se afirmar que se tratava de alguém com acesso à educação e à cultura. Champlin afirma que a linguagem de Lucas e seu estilo mostram ter sido ele homem de elevada erudição, como também era um grego de boa educação, além de historiador de mão cheia. Mais ainda, Champlin comenta sobre Lucas: “A igreja cristã lhe deve uma imensa dívida, porque sem os

²⁸ CESARÉIA, 1999, p. 81-82.

²⁹ CHAMPLIN, 1995, vol. 3, p. 913-914.

seus escritos, nosso conhecimento sobre o cristianismo primitivo seria extremamente limitado e entrecortado”.³⁰

O Evangelho de Lucas traz informações sobre Jesus que nenhum outro Evangelho canônico traz. Além dos relatos sobre a infância não só de Jesus, mas também de João Batista, seu registro também informa sobre a pesca milagrosa e seu impacto sobre Pedro (Lc 5.1-11), as mulheres que ajudaram Jesus (Lc 8.1-3), a visita de Jesus a Marta e Maria (Lc 10.38-42), além de algumas curas, tais como a mulher aleijada (Lc 13.10-17), o homem hidrópico (Lc 14.1-6) e os dez leprosos (Lc 17.11-19). Lucas também relata, de forma exclusiva, algumas parábolas, como o bom samaritano (Lc 10.25-37), a figueira estéril (Lc 13.6-9) além da tríade composta pela ovelha, a moeda e o filho, outrora perdidos e depois achados (Lc 15.1-32). Segundo Carson, Moo e Morris, o volume de informações nos registros de Lucas é notável, porém não se deve restringir seu Evangelho somente aos trechos que somente ele menciona; até mesmo nos trechos comuns aos demais Evangelhos, Lucas os redige de maneira peculiar.³¹

Porém, dentre todas as peculiaridades contextuais e características literárias especiais dos escritos de Lucas, é preciso destacar seu evidente e inegável propósito: apresentar não somente ao ilustre Teófilo, mas a todos, a vida e obra de Jesus, o Filho de Deus, que veio ao mundo como o Salvador, seja nas gratas palavras de Maria em Lucas 1.47, seja na mensagem angelical transmitida aos humildes e felizardos pastores em Lucas 2.11.

3.2 A Missão do Salvador

Carson, Moo e Morris comentam sobre o Evangelho de Lucas:

O apelo que Lucas faz às Escrituras é de relevância especial. Ele se une a outros escritores neotestamentários para identificar no Antigo Testamento não apenas predições verbais de Jesus, o Messias, mas modelos de eventos salvíficos que predizem o alvorecer da era da salvação”.³²

Segundo esses autores, Lucas é o “teólogo da *Heilsgeschichte*”, termo alemão que se refere à história da salvação descrita ao longo da Bíblia. A salvação para os pecadores – quer judeus ou gentios – é tema basilar para Lucas em seu registro, e Jesus é quem possibilita essa salvação, por meio de sua vinda, sua morte vicária e sua ressurreição sobrenatural. Foi exatamente para isso que Jesus veio ao mundo: para propiciar a salvação, para ser ele mesmo o Salvador.

É preciso, primeiramente, entender a necessidade de salvação – e do que especificamente o ser humano precisa ser salvo. João relata no capítulo 3 de seu Evangelho o diálogo entre Jesus e Nicodemos, um fariseu de destaque em Israel. A ele, Jesus diz a célebre afirmação que muitos afirmam ser a verdade central de toda a Bíblia: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). O motivo da vinda de Jesus ao mundo foi evitar que o ser humano pereça.

³⁰ CHAMPLIN, 1995, vol. 3, p. 914.

³¹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 143.

³² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 142.

O verbo empregado em João 3.16 e traduzido como “perecer” é ἀπόλλυμι (apollymi), que se refere a uma destruição total e definitiva. Formada pelo prefixo “apo” que denota intensidade, juntamente com a forma média do substantivo “ollymi” que significa destruir. A ideia do termo é uma destruição intensa, completa, eterna e irreversível. Em relação a coisas, significa “trazer a zero, anular”; em relação a pessoas, significa “levar à morte, fazer perecer”, tanto no sentido da morte física como também da morte eterna, a exclusão do reino do Messias – segundo o Dicionário Grego de Strong.³³

A vinda de Jesus ao mundo tinha o claro objetivo de oferecer a todos quantos creem nele a salvação dessa morte espiritual irreversível e eterna. Jesus não veio resolver uma questão de gravidade mediana que pudesse ser humanamente sanada; a salvação oferecida por Ele se refere ao eterno afastamento de Deus. A salvação é tema de grande importância para Lucas: Carson, Moo e Morris destacam que Lucas utiliza o verbo “salvar” com mais frequência do que qualquer outro livro do Novo Testamento.³⁴

O tema também é bastante abordado por Paulo, que na carta aos Romanos expõe a natureza humana pecaminosa e a necessidade de salvação espiritual a todos, quer judeus ou gentios. Em Romanos 2.12, Paulo afirma que “assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão”. Com isso, fica evidente que todos perecerão, se permanecerem sem Jesus. Judeus sem o Messias e somente pelas obras da Lei não de perecer; os gentios, mesmo sem o advento da lei mosaica, também perecerão se Jesus não operar neles a salvação. Ainda segundo Carson, Moo e Morris, a salvação não se restringe a um grupo ou etnia, mas é aberta graciosamente a todos, pois não há que se falar em salvação exclusiva para judeus ou tratamento mais favorecido em relação a Israel. Por essa razão, Lucas destaca o cântico de Simeão, que cantou em Lucas 2.32 que o menino Jesus era “luz para revelação aos gentios”.³⁵

O texto de Lucas 19.1-10 relata o episódio em que Jesus encontra-se com Zaqueu e declara sua salvação, afirmando ter vindo ao mundo exatamente para “buscar e salvar o perdido”. Sobre esse trecho, Wiersbe destaca que o Salvador foi divinamente enviado ao mundo para buscar ativamente os perdidos:

Zaqueu pensou que estava procurando Jesus (Lc 19.3) mas, na verdade, era Jesus quem o procurava (Lc 19.10)! Não é próprio da natureza do pecador perdido buscar o Salvador (Rm 3.11). Quando nossos antepassados pecaram, esconderam-se de Deus, mas ele foi procurá-los (Gn 3.1-10). Jesus procurou os perdidos enquanto ministrava aqui na terra...”.³⁶

O Salvador, conforme relato de Lucas, é aquele que opera e concede salvação aos pecadores; é ele quem age para buscar os afastados, encontrar os perdidos e salvar os pecadores. Embora haja a necessidade de o pecador reconhecer sinceramente seus pecados e verdadeiramente se arrepender, a salvação não é obtida, alcançada ou conquistada – mas é graciosamente concedida por Deus e divinamente proporcionada por Jesus. “Ele [Cristo] é, e

³³ BÍBLIA de Estudo, 2011, p. 2084-2085.

³⁴ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 144.

³⁵ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 144-145.

³⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2007, p. 326.

será o autor da salvação eterna a todos os que o aceitam, como Zaqueu”.³⁷ Ninguém pode salvar a si mesmo e sem Jesus ninguém é salvo: a salvação, portanto, só é possível por meio de Jesus, o Salvador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e obra de Jesus são registradas na Bíblia por quatro autores diferentes. Dentre os quatro relatos, três possuem inegável similaridade, a ponto de serem classificados como “Sinóticos”, pois demonstram analisar e descrever Jesus praticamente sob a mesma ótica.

Por mais que alguns julguem desnecessário incluir no cânon bíblico diferentes registros sobre a mesma temática, ainda mais quando três deles possuem grande porcentagem de material comum entre eles, é importante notar que cada um dos Evangelhos Sinóticos enfatiza um determinado aspecto sobre a missão de Jesus, o Filho de Deus, ao vir a este mundo.

As três diferentes ênfases dos Evangelhos Sinóticos precisam ser observadas, estudadas e compreendidas separadamente – haja vista terem sido registradas por pessoas distintas, sob diferentes contextos e com diferentes propósitos e alvos. Porém, é preciso também que as três ênfases, por diferentes que sejam, venham a ser apropriadas e desfrutadas conjuntamente, afinal trata-se de abordagens sobre uma só pessoa, Jesus o Cristo, o Ungido de Deus que se submeteu servilmente ao chamado de seu Pai e veio ao mundo para buscar e salvar todos os pecadores que nele creem.

Se Mateus produziu seu registro para enfatizar o cumprimento de toda promessa messiânica do Antigo Testamento em Jesus, se Marcos registrou a vida e obra de Jesus para anunciar que o Rei veio ao mundo para servir e dar a si mesmo por resgate, e se finalmente Lucas escreveu para confirmar a Teófilo que o Filho de Deus é o único capaz de buscar, encontrar e salvar o ser humano da morte eterna, os Evangelhos Sinóticos oferecem então aquilo que todo ser humano necessita. Os três Evangelhos, apesar de suas diferenças contextuais, literárias e de abordagem confirmam a fidelidade de Deus, sua disposição em agir em favor do ser humano e a necessidade de todos serem salvos por ele, e somente por ele.

Justifica-se, assim, haver três relatos tão similares no cânon bíblico, pois oferecem uma importante “Cristologia Sinótica”: a fidelidade, a humildade, bem como a eternidade que há na pessoa, no ensino e no agir de Jesus, o Filho de Deus, o Servo Sofredor e Único Salvador de todo aquele que nele crê.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**. Vol.8. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

BEALE, G.K.; CARSON, D.A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

³⁷ HENRY, 2017, p. 689.

BÍBLIA de estudo palavras-Chave Hebraico e Grego. Texto bíblico: versão Almeida Revista e Corrigida. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CESARÉIA, Eusébio de. **História eclesiástica.** Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, Russell N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.** São Paulo: Hagnos, 2018.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento.** Tradução de Daniel Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2004.

DAVIDSON, F. (Org.). **O novo comentário da Bíblia.** 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 1985.

DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova.** Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DOUGLAS, J. D. (Org.). **O novo dicionário da Bíblia.** Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus.** Vol.1. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de João Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos.** Curitiba: ADSantos, 2018.

MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos escritos do Novo Testamento.** Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010.

STERN, David. **Comentário Judaico do Novo Testamento.** Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo.** Santo André: Geográfica, 2007.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.004

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**A PALAVRA CORAÇÃO NO LIVRO DE SALMOS: RESGATANDO A IDENTIDADE HUMANA EM UM MUNDO FRAGMENTADO**

The word heart in the book of Psalms: rescuing human identity in a fragmented world

Werbston da Silva Coelho¹**RESUMO**

O presente artigo demonstra que a crise da humanidade vivida em tempos hodiernos é, antes de tudo, antropológica, envolvendo a má compreensão do que vem a ser a natureza humana, qual sua origem e constituição. A modernidade fragmentou o ser humano em tantas partes quanto se pode imaginar, ao mesmo tempo em que transportou para o indivíduo o fardo de pertencer a si mesmo. Definir uma identidade, proporcionar sentido e propósito à sua existência, além de viver uma vida autêntica e autônoma, são apenas algumas das facetas desse tremendo peso que a humanidade impôs a si. Nesse sentido, a antropologia bíblica possui um papel fundamental em descortinar o que o ser humano é e a quem ele pertence. A palavra coração no livro de Salmos ajudará a revelar o que as Sagradas Escrituras dizem acerca do dilema humano e qual o único ser capaz de resolvê-lo.

Palavras-chave: Humanidade. Autopertencimento. Coração. Antropologia bíblica.

ABSTRACT

The present article shows that the crisis of humanity experienced in modern times is first and foremost anthropological, involving a misunderstanding of what human nature is in its origin and constitution. Modernity has fragmented the human being into as many parts as can be imagined, while at the same it has placed on the individual the burden of

¹ Mestrando em Teologia Profissional das Faculdades Batista do Paraná. Professor de Antigo Testamento da Faculdade Cidade Teológica Pentecostal em Fortaleza/Ce. Graduação em Direito, Especialização em Direito e Processo do Trabalho. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6785-3022> E-mail: werbston@yahoo.com.br

belonging to oneself. To define an identity, to provide meaning and purpose to one's existence, as well as to live an authentic and autonomous life, are just some of the facets of this tremendous weight that humanity has imposed on itself. In this sense, biblical anthropology has a fundamental role in unveiling what the human beings are and to whom they belong. The word heart in the book of Psalms will help to reveal what the Holy Scriptures speak about the human dilemma and who is the only being capable of resolving it.

Keywords: Humanity. Self-belonging. Heart. Biblical anthropology.

INTRODUÇÃO

Há algo que se quebrou no percurso da existência humana. Por mais que se tente negar, por maiores que sejam os esforços em dar as mais diversas explicações para mascarar a dor e a angústia que se abatem sobre o ser humano, parece haver um sentimento comum de que há algo desesperadamente errado. Um reiterado sentimento de inadequação informa a cada indivíduo e o leva a crer que, de fato, em algum momento, por algum motivo, falhou-se na arte de viver. Desde então, é como se a humanidade se tivesse perdido de si mesma. Há uma consciência comum que confronta a coletividade e a remete a um sentimento de culpa.

Se o ser humano se sente culpado é porque precisamente é culpado. A antropologia bíblica possui uma resposta para esse problema humano. Ele tem nome e sobrenome: pecado original. Mas o presente artigo não tratará da doutrina do pecado, ainda que esta seja fundamental para a compreensão do que aqui se irá denominar de crise da humanidade. Analisar-se-á a outra face dessa realidade espiritual, partindo da premissa de que o pecado é o elemento corruptor de toda ação humana.²

Nesse sentido, não basta identificar o cerne do problema. É preciso saber quais ferramentas se deve utilizar para solucioná-lo. Ainda que essa ideia pareça, em princípio, algo pragmático e até mesmo simplório demais para uma questão tão mais profunda, o fato é que os mecanismos de que a sociedade lança mão para lidar com a situação atual da humanidade podem determinar a diferença entre o aprofundamento e a solução da crise. Não é por outra razão que a discussão deve perpassar necessariamente pela maneira como se tem compreendido a natureza humana.

A proposta da antropologia contemporânea passa iniludivelmente pela falácia do autopertencimento. A história contada é que todos são donos de si, pertencem a si mesmos e, assim, são os únicos responsáveis por definir a própria identidade e encontrar um propósito de vida. Ao tempo em que o ser humano hodierno se inclui no centro de sua própria vida, retira Deus da equação e se torna juiz e salvador de si mesmo. Nem precisa dizer que o fardo imposto é tamanho que é certo que alguém vai sair machucado com isso.

Os resultados são precisamente apresentados por Noble:

Alguns embriagam-se, outros optam por antidepressivos controlados [...]. Alguns comem, [...], alguns se submergem na pornografia, alguns jogam vídeo game, [...], alguns se tornam fãs obcecados de K-Pop, alguns rolam

² MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico**: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

infinitamente a *timeline* do Instagram, [...], alguns discutem na internet, [...], alguns protestam *online*, alguns protestam para se tornarem famosos *online*, [...] alguns tentam suicidar-se, [...], alguns sonham acordados em serem diagnosticados com alguma doença que justifique sua própria mediocridade, [...], alguns descobrem uma nova identidade, alguns modificam seus corpos, alguns modificam suas dietas, alguns abraçam o vitimismo, alguns zombam do vitimismo.³

Esse é o estado dos filhos da atual geração. Por acreditarem na mentira fundamental da modernidade de que pertencem a si mesmos, correm atarantados e desgovernados em todas as direções existenciais, como atores de um teatro grotesco. Precisam ser informados urgentemente de que pertencem unicamente a Deus. No final das contas, a batalha a ser travada envolve a reconquista do coração humano. Trata-se de contrapor a antropologia contemporânea na qual foram ensinados e da qual, em certo sentido, são vítimas, à antropologia bíblica, única capaz de redirecionar o âmago do ser humano para quem realmente faz pertencer e convergir a si todas as coisas.

O objetivo deste artigo, portanto, é mostrar aspectos da antropologia bíblica que redireciona o ser humano para Deus, a partir da palavra coração na literatura poética, mais precisamente no livro de Salmos. O pressuposto é de que não há como se entender o ser humano e sua relação com Deus sem saber como a revelação bíblica compreende e define a própria humanidade. Nesse sentido, nada melhor do que investigar o significado de *lêb/lêbâb*⁴ (coração), palavra central em tema de antropologia bíblica veterotestamentária.

Antes disso, é preciso entender o estado atual da humanidade. Quais as alternativas que a sociedade contemporânea tem ofertado e em que medida elas têm sido eficazes para colmatar as lacunas existenciais que não param de se expandir em um contexto de crise global e, por que não dizer, humanitária, no sentido mais visceral da expressão. Apesar dos indiscutíveis avanços nos campos da ciência e tecnologia, a sensação é que se está regredindo, enquanto humanidade. Uma virada antropológica é medida que se impõe. É o que se está a propor com o presente escrito.

1. ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A PERSPECTIVA DE UM MUNDO CAÍDO

O mundo é um lugar sem janelas. É como se todos estivessem presos à caverna de Platão, rodeados por pedras e alijados da luz solar e do contato com a criação. O problema é que a humanidade não foi feita para viver assim.⁵ Noble compara a situação dos ocidentais contemporâneos a uma doença que acomete principalmente leões enjaulados em zoológicos espalhados pelo mundo, denominada de zoocose. Essa patologia interfere diretamente no comportamento desses animais exuberantes, que passam a caminhar compulsivamente ao

³ NOBLE, Alan. **Humanidade em crise: o fardo de pertencer a si mesmo**. São José dos Campos: Fiel, 2022.

⁴ VANGEMEREN, Willem, A. **Novo dicionário internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. As transliterações de palavras hebraicas utilizadas nesta pesquisa tomarão como base este dicionário.

⁵ GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

redor da jaula, como se estivessem à procura de seu verdadeiro lar, que nunca volta a ser o que era antes, por melhores que sejam as condições de habitabilidade.⁶

A humanidade atual é como um bando de leões em cativeiro. A sociedade contemporânea cerca a todos dos melhores especialistas, que entendem mais sobre vida humana do que o próprio indivíduo entende sobre si mesmo. Eles diagnosticam o problema, ampliam as condições de vida, medicam o ser humano, fazem-no crer que, “agora, sim, ficou mais confortável”, mas o fato é que não conseguem aplacar o sentimento de necessidade da humanidade por algo que vai além da “jaula” ou da “selva de pedra” que prepararam para ela. Tal como ocorre com os leões, o espaço especialmente criado parece sempre inadequado, porque muito provavelmente foi feito para um tipo de humano que efetivamente não existe.

A verdade é que algo se perdeu no meio do caminho. A Palavra de Deus deixa claro que o paraíso perdido se chama Éden, lugar onde o ser humano se encontrava com Deus no cair da tarde e, naturalmente, consigo mesmo, em plena e profusa alegria e contentamento. Lá, o ser humano não era – nem pretendia ser – o centro de todas as coisas. Este lugar já tinha dono. Na realidade, Éden era apenas o nome da região onde se localizava o jardim. O ambiente em que o primeiro casal (Adão e Eva) encontrava o sentido e o propósito de sua existência era o próprio Deus. Mas, então, veio a queda.

Num mundo caído, fora dos portões do Éden, foi imposto à humanidade um novo *habitat*. A terra passou a ser rodeada de dor e sofrimento, e foi amaldiçoada por Deus por causa do pecado. Todos foram expostos a uma realidade em contínua degradação. Vestígios da queda são vistos por todos os lados: cemitérios; presídios; hospitais; forças policiais; guerras; pandemias; catástrofes naturais; violência urbana; crianças abusadas e idosos abandonados; moradores de rua se arrastando como resíduos humanos nas cidades. Este o vale de lágrimas imposto à humanidade, por causa da queda. Daí a importância de se resgatar a verdadeira humanidade que habita em cada um. O problema, assim, é eminentemente antropológico. Noble menciona que:

De algumas maneiras, a história humana é a história dos equívocos de cada civilização a respeito de alguma faceta da antropologia, com resultados terríveis. Portanto, meu argumento não é que o mundo moderno trouxe uma novidade quando interpretou equivocadamente a natureza humana. Em vez disso, pergunto de que maneiras a sociedade moderna equivocou-se a respeito dos seres humanos e quais são as implicações dessa antropologia falsa.⁷

Um diagnóstico preciso da humanidade em crise parece levar à conclusão de que se vive em uma sociedade adoecida pelo fardo de pertencer a si mesma. Se o ser humano assume inteira responsabilidade por sua vida, significa dizer que tudo o que dela decorre compete somente a ele e a ninguém mais. Assim é que deve responder por sua sobrevivência, alimentação, abrigo, segurança e proteção. Em um nível mais profundo, deve ele a si mesmo uma razão para viver e é de sua alçada dar uma direção satisfatória à sua caminhada nesta

⁶ NOBLE, 2022.

⁷ NOBLE, 2022, p. 27.

terra. Também seria ele responsável por avaliar as próprias ações e submetê-las ao crivo de uma ética que não é exterior a si ou simplesmente lhe foi ofertada. Deve se pautar por valores encontrados em si mesmo e a partir dos quais absolve ou condena suas próprias condutas.

Justamente porque acreditou-se na ilusão de que o domínio e o controle de todas as coisas sofrem os influxos de uma espécie de onipotência humana é que tem se desenvolvido cada vez mais o mito da autonomia, expressa em frases como “meu corpo, minhas regras”, “não importa o que pensam a meu respeito, mas o que penso sobre mim mesmo” e “eu sou meu; ninguém é dono de ninguém”. O mais irônico é que, por outro lado, todos querem ser reconhecidos, identificados, compreendidos. É como se todos estivessem em sua própria jornada de autorreconhecimento e autoexpressão, mas, ao mesmo tempo, presos em uma sala “[...] gritando o próprio nome para que todos os outros saibam que eles existem e quem são – que é uma descrição razoavelmente adequada das mídias sociais”.⁸

A antropologia contemporânea auxilia no aprofundamento dessa crise existencial, ao fragmentar o ser humano. Sob os auspícios de uma modernidade líquida, promove-se formas as mais diversas de se “estabilizar” uma identidade infinitamente volúvel, reunidas na fórmula “você pode ser quem quiser até descobrir o seu verdadeiro eu; sua melhor versão”. É como se o líquido que o ser humano é ou se tornou pudesse ser adequado a diferentes recipientes sólidos, que podem se traduzir concretamente em uma causa social, em um estilo de vida minimalista ou opulento, na busca de uma forma física perfeita ou na procura obsessiva por reconhecimento (“likes”) nas redes sociais. As possibilidades são realmente infinitas.

O problema é que essa identidade nunca se “estabiliza”, justamente porque a luta incessante por pertencimento não pode ser vencida pela opinião que se tem a respeito de si mesmo. Muito menos pela opinião do outro, que está tão perdido quanto. Precisa-se de uma testemunha exterior que satisfaça o anseio humano por validação. Alguém cujo olhar efetivamente autentique a humanidade e que não apenas a reconheça, mas a conheça mais do que a si mesma. Em suma, um que não precise “[...] de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.25)⁹. É com base nesse testemunho das Escrituras que se buscará o que efetivamente há no ser humano e qual sua repercussão para uma humanidade em crise. A seguir, observar-se-á o que o Antigo Testamento, mais precisamente o livro de Salmos, tem a dizer sobre os aspectos mais intrínsecos da condição humana.

2. ANTROPOLOGIA VETEROTESTAMENTÁRIA E A PALAVRA CORAÇÃO

Há vasta literatura que trata da antropologia veterotestamentária, mas a obra de Wolff é considerada, sem dúvida, um clássico do século XX sobre o tema.¹⁰ Foi esse grande teólogo alemão quem lançou as bases daquilo que ele mesmo passou a chamar de ‘estereometria da

⁸ NOBLE, 2022, p. 49.

⁹ Todas as passagens bíblicas adotadas neste artigo serão da seguinte versão bíblica: A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

¹⁰ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

expressão ideativa'.¹¹ Em suas pesquisas Wolff descobriu que termos bíblicos como “alma”, “coração”, “carne” e “espírito” perderam muito do seu sentido mais profundo quando transplantados para a língua grega, em razão de passarem a ser tratados, na maioria das vezes, em oposição mútua, querendo significar partes distintas do ser humano.

O pressuposto básico de Wolff é que tais conceitos, não raro, definem o ser humano como um todo, à semelhança do que ocorre com o ‘paralelismo de membros’ em algumas passagens do Antigo Testamento, como, por exemplo, no Salmo 84.2. No referido texto, “alma” e “coração” não significam partes distintas do ser humano, mas se referem ao homem em sua integralidade. É isso que define o método sintético-estereométrico no pensamento veterotestamentário, que se vale majoritariamente de imagens para transmitir conceitos, diversamente do que ocorre com o pensamento helênico, do qual nossa sociedade sofreu forte influência, e que lança mão de conceitos para comunicar outros conceitos.

A implicação de toda essa engenhosa construção teológica não pode ser outra senão o fato de que a palavra “coração”, no livro de Salmos, assim como em todo o restante do texto veterotestamentário, parece significar algo que vai além do órgão do corpo humano (*Kardia*). A esse respeito, é o próprio Wolff quem nos informa que a palavra coração é a mais importante da antropologia do Antigo Testamento e que “Na forma mais corrente, [leb], ocorre 598 vezes no Antigo Testamento; na forma [lebab], 252 vezes; [...] no livro de Daniel, uma vez [leb] e sete vezes [lebab]; portanto, ao todo, encontra-se 858 vezes, sendo, com isso, a noção antropológica mais frequente”.¹² O mesmo autor associa a palavra coração às esferas corporal, emocional e volitiva, enfatizando que “[...] a Bíblia vê no coração do ser humano, antes de mais nada, o centro do ser humano que vive de modo cômico. [...] o coração é chamado para ter juízo, principalmente para a percepção da palavra de Deus”.¹³ E Jonas Madureira complementa,

A antropologia bíblica não pressupõe que o coração seja o intelecto, mas, sim, que o coração seja o centro de tudo o que o homem é. Isso vale também para o intelecto [...]. É verdade que o coração é o lugar das deliberações e decisões mais importantes da vida de uma pessoa, e que essas deliberações pressupõem a faculdade da razão. No entanto, o coração é também o lugar em que o homem enfrenta a maior de todas as suas batalhas. Essa batalha não é meramente racional, mas é central, isto é, trata-se de uma luta pela centralidade não somente dos nossos raciocínios, mas também das nossas vontades, emoções e decisões.¹⁴

Daí porque o presente artigo se volta essencialmente para o coração humano. E assim o faz na certeza de que esse elemento constitutivo de nossa natureza vai muito além do órgão físico (*kardia*), como dito anteriormente. Prova disso é o interessante relato da morte de Nabal, em 1 Samuel 25.37, em que o escritor revela sem qualquer constrangimento que o lèb do personagem “se amorteceu”, mas o homem morreu somente dez dias depois (25.38).

¹¹ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014. Edição do Kindle.

¹² WOLFF, 2014, p. 87.

¹³ MADUREIRA, 2017, p. 113.

¹⁴ WOLFF, 2014, p. 221.

Embora a linguagem sintética do texto bíblico deixe o leitor moderno atônito, o fato é que se está afirmando a claras letras que há uma nítida distinção entre o pulso (batimentos cardíacos) e o lēb. Na passagem, o coração parece se identificar mais com algumas partes do cérebro, que teriam paralisado todas as funções corporais até finalmente gerar a morte.¹⁵

O coração também é entendido pelos escritores veterotestamentários como algo inacessível, inescrutável ou desconhecido, oculto no interior do corpo. Assim é que Provérbios 30.18,19 fala em “coração do mar”, entendido como o mar alto ou inexplorado. Do mesmo modo, Jonas 2.3, no qual o profeta afirma: “Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares [...]”. Por sua vez, quando esse sentido da palavra coração é aplicado ao ser humano, ele se contrapõe à aparência externa: “[...] porque o Senhor não vê como o homem vê. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração.” Chega-se aqui a um ponto importante: embora o coração seja considerado como algo escondido e não revelado ao conhecimento humano, Deus perscruta os corações (Pv 15.11). E o Salmo 44.21 informa que “porventura não teria atinado Deus, ele, que conhece os segredos dos corações?”¹⁶

Uma importante aplicação da palavra coração relaciona seu sentido com outra igualmente relevante em antropologia do Antigo Testamento: *nepeš*, que significa literalmente “garganta”. O simbolismo da linguagem hebraica, já ressaltado em linhas anteriores, deu conta de direcionar a palavra *nepeš* para um sentido mais profundo. O texto de Gênesis 2.7 expõe essa perspectiva a clara letras. Nele, *nepeš* é traduzida por alma. O que o texto bíblico está dizendo é que quando Deus soprou nas narinas do homem o fôlego da vida ele *se tornou* alma vivente. Pode-se concluir, inicialmente, que o homem não *tem* alma; ele *é* alma. Mas alma é a tradução da palavra *nepeš*, que, como dito, tem como um de seus significados “garganta”, mais associada pela cultura hebraica aos conceitos de fome e saciedade.

A esse respeito, Madureira se expressa de modo lapidar:

O homem não é ‘garganta’ literal, mas, sim, como a *néfesh*, a saber: faminto, insaciável, desejante, necessitado. Em outras palavras, quando Deus soprou nele o fôlego de vida, o homem se tornou fome, apetite, desejo, necessidade. Perceba a riqueza dessa imagem. O homem não *tem* fome; o homem *é* fome. O homem não *tem* desejo; o homem *é* desejo. O homem não *tem* necessidade; o homem *é* necessidade. Nesses termos, entendemos que “alma” [...] não é algo que o homem possui, mas algo que o caracteriza essencialmente. Portanto, o homem todo é desejo. Ele foi criado para ser integralmente desejo, fome, sede, necessidade. Do quê? De quem? Unicamente de Deus.¹⁷

Interessante notar que esse elemento da essência humana, cristalizado no texto da Torá, é revisitado no livro de Salmos, desta feita sob uma nova roupagem, que não é outra senão a palavra lēb. O Salmo 21.2 expressa nos seguintes termos a gratidão do rei: “Cumpriste o desejo do seu coração, não lhe negaste o que os seus lábios pediam”. Aqui, a palavra coração

¹⁵ WOLFF, 2014, p. 88.

¹⁶ WOLFF, 2014, p. 92-93.

¹⁷ MADUREIRA, 2017, p. 212-213.

é associada a desejo da mesma forma como se dá com nepeš, de maneira que, pelo menos nesse texto, as palavras coração e alma, no sentido de aspiração e desejo interior e mais oculto do ser humano, estão intimamente relacionadas.

Já se pode entrever o papel fundamental da palavra coração na definição do que é o ser humano e sua essência. Não obstante, é preciso se debruçar um pouco mais sobre o livro de Salmos para dele extrair uma teologia bíblica que claramente direciona o coração humano para o seu maior desejo, o próprio Deus.

3. A TEOLOGIA DOS SALMOS

O livro de Salmos é uma reunião de cânticos judaicos. Por isso, não se pode falar que é apenas um livro. Na verdade, Salmos é uma coletânea deles em forma de canções poéticas. Escrito por diferentes pessoas (não só Davi os escreveu), vê-se cada uma delas devotadas a Deus em todas as situações da vida. Mas não há ali somente canções. Tem-se também louvores, petições, intercessões, confissões, agradecimentos a Deus e imprecações. De uma forma geral, nos Salmos encontra-se Cristo, inclusive profecias a seu respeito (os chamados Salmos messiânicos), além de um convite zeloso e devotado ao louvor e exaltação a Deus em toda e qualquer circunstância. Assim, o cenário principal para a compreensão do saltério é o culto e a prática da adoração de Israel a Deus no templo.

Verifica-se em Salmos uma doutrina de Deus muito bem definida. Embora os Salmos tratem de diversos dilemas pessoais do salmista, descrevendo o ser humano em seus mais variados aspectos existenciais, o que mais chama a atenção é que o escritor sempre se volta para Deus, e não para si próprio. Nesse sentido, os salmos são o Antigo Testamento em miniatura, que sempre está a exaltar e a glorificar a pessoa do único Deus, além de apontar para a figura do Messias prometido. Pode-se falar, assim, na expressão *O Senhor* para resumir a revelação sobre Deus em Salmos. O Senhor é o criador (8; 104); o seu governo se estabelece através de uma justiça perene (11; 75); a bondade do Senhor (34) é inseparável de sua santidade (103), tendo como contraponto sua ira (38) e o Senhor é pastor tanto do seu povo, como um todo (80), quanto de cada indivíduo (23).¹⁸

Especificamente acerca do Deus criador, interessante notar o caráter disruptivo da revelação bíblica em comparação com os relatos das divindades do Antigo Oriente Próximo (Mesopotâmia, Canaã e Egito), que se manifestavam como entidades tão próximas da realidade material e humana que quase podiam ser consideradas dependentes de suas criaturas. Já o Deus de Israel era “anterior e superior à criação. [...] Salmos apresenta Javé como criador e, portanto, autoridade suprema sobre a criação e sua história”.¹⁹

Os Salmos também tratam de um grande ideal, um espelho da verdade colocado diante de cada rei, apontando para aquele em quem tudo terá seu cabal cumprimento. Assim, uma outra expressão que bem pode resumir a doutrina de Deus em Salmos é a frase *O Rei*. O rei

¹⁸ CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 737.

¹⁹ PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 482.

enfrenta a oposição do mundo (2.1-3; 110.1), mas se sagra vencedor pelo braço do Senhor (45.3-5; 2.6,8); o Rei estabelece um governo mundial (2.8-12), com sede em Sião (2.6) e cuja marca é a moralidade (45.4-6); o seu governo é eterno (21.4); Ele é amigo dos pobres e inimigo da opressão (72.2,4). Por fim, Ele é o descendente de Davi (132.11), sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (110.4) e tem natureza divina (45.6).²⁰

No que diz respeito à palavra hebraica melek (rei), Pinto ressalta que ela aparece 67 vezes no livro de Salmos, sendo 23 delas com referência à lavé. E não apenas exaltando sua realeza, mas também apontando frequentemente para as qualidades esperadas do rei ungido do Senhor, como o cuidado com seu povo refletido na atenção às camadas mais frágeis da população (órfãos, viúvas e pobres). O rei, no entanto, era mais que um líder terreno em Salmos.²¹ Para Kidner, “[...] permanece verdade que boa sorte da nação se vinculava a ele, e que algo da glória de Deus se via nele”.²²

Como se vê, o conhecimento de Deus, seja através da revelação de quem ele é, seja por meio de quem ele ungiu como rei, é fundamental para se chegar ao âmago da natureza humana. E os salmistas entenderam bem essa premissa. Por outro lado, não se esqueceram de destacar quem seria o ser humano perante Deus, quais seus dilemas e qual sua natureza e essência. Passa-se, na sequência, a investigar quem é o ser humano a partir do livro de Salmos.

3.1 A doutrina do ser humano no livro de Salmos

A cosmologia do Antigo Oriente Próximo revelava um sistema fechado, em que deuses, humanos e a natureza coexistiam e se confundiam entre si. Não havia nada fora da ordem criada. O domínio da humanidade, o domínio da natureza e o domínio dos deuses pertenciam ao mesmo plano de existência e influência. O ser humano, por sua vez, era tido como um incômodo imprevisto (Enuma Elish), que causava insônia nos deuses porque eram muito barulhentos (Épico de Atrahasis), servindo apenas para aliviá-los do trabalho penoso.²³

O relato de Gênesis, contudo, mostra um quadro sensivelmente diverso, em que a humanidade e sua expansão são uma bênção desejada por Deus e um sinal de obediência. Para os israelitas, o ser humano é alguém dotado de nobreza, criado à semelhança de Deus, embora seja totalmente diferente dele. “Parece que os salmistas presumiram o relato de Gênesis e o usaram para expressar seus pensamentos sobre o homem em toda complexidade de sua natureza [...]”.²⁴

Para os salmistas, o aspecto metafísico da constituição humana não era tão importante quanto o relacionamento que o ser humano estabelece com Deus e com o próximo. Embora a revelação esteja em progresso no livro de Salmos, a maneira sintética do pensamento hebraico ajuda a criar um quadro de definição do que é o humano, no qual o todo prevalece sobre as partes. Nas palavras de Pinto, “o poder divino ativo que impulsiona o homem – seu

²⁰ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 738.

²¹ PINTO, 2014, p. 482.

²² KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 31.

²³ VOGT, Peter. *Interpretação do Pentateuco: um guia prático e indispensável manual de exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

²⁴ PINTO, 2014, p. 492.

espírito (rûah) e seu corpo de barro formam uma unidade funcional que, como uma escultura vista por ângulos diferentes, é várias vezes descrita ao longo de Salmos”.²⁵

Nesse sentido, o mesmo autor sustenta que a palavra coração é utilizada em salmos 155 vezes, sendo considerada o termo mais abrangente da antropologia hebraica e significando, no mais das vezes, capacidade para emoções (4.7; 13.2), armazenamento de informações (119.11), quebrantamento (34.18), desejos (37.4), planos (58.2), além de ser a sede do pensamento racional (10.6,13). Observa também que paralelismos frequentes entre os termos lēb/lēbāb e rûah (“espírito”) apontam para a relação íntima entre os dois, sendo lēb/lēbāb um veículo de manifestação do rûah e, em última análise, “[...] os meios essenciais de expressão da personalidade humana”.²⁶

Mas os autores do livro de Salmos também apresentam belos exemplos de como a palavra coração é usada como fonte no qual a sabedoria de Deus pode ser armazenada, principalmente nos mais jovens. Wolff chega a dizer que “na grande maioria dos casos, o coração é caracterizado por funções intelectuais, racionais, portanto, exatamente aquilo que nós atribuímos à cabeça ou mais exatamente ao cérebro”.²⁷ É esta precisamente a forma como o autor do Salmo 119.9-16 se manifesta. Interessante notar que é apresentado o caso de um jovem cuja vida de pureza está sob constante pressão, e que a possibilidade de este jovem levar essa vida pura depende da “orientação da sua vontade (v. 10), do conteúdo dos pensamentos e da memória (v. 11), das preocupações da boca (v. 13) e das emoções (v. 14 e 16)” e arrematam:

A vida exterior (*caminho*) é fruto de fatores interiores, todos contidos na palavra, mas centralizados no Senhor em louvor e instrução (12).⁹ *De que maneira*, uma questão prática, “por quais meios?”. O problema se manifesta exteriormente (9), mas a solução (10-16) é interior.¹⁰ A orientação deliberada (*busquei*) do *coração* (todo o ser interior) em direção a Deus e a prática de orações específicas.¹¹ O coração abastecido com a *palavra* é o remédio para não *pecar*.²⁸

Nesse contexto, pode-se dizer que a palavra coração no livro de Salmos atinge um ponto nevrálgico, com o qual pretende-se encerrar uma ideia central: o coração é a fonte da sabedoria do bom viver. O salmista pede a Deus: “Ensina-nos a contar nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria” (Sl 90.12). O coração não representa apenas a sede da natureza humana criada por Deus com uma identidade, em integridade e dignidade. Ele também determina o modo como a humanidade pensa acerca de si mesmo. Em outros termos, “[...] uma epistemologia é determinada pela antropologia que se adota. [...] Dependendo de como o ser humano é concebido, o projeto epistêmico seguirá em determinada direção”.²⁹

²⁵ PINTO, 2014, p. 492.

²⁶ PINTO, 2014, p. 496-497.

²⁷ WOLFF, 2014, p. 98.

²⁸ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 857.

²⁹ MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 126.

Por essa razão, a sociedade ocidental está fragmentada em sua epistemologia ou na maneira como lida com o conhecimento, tendo como causa a adoção de uma antropologia centrada no humano, que o reduz à indignidade de pertencer a si mesmo. Adota-se, em contraponto, uma antropologia bíblica que entende o ser humano como pertencente unicamente a Deus, porque por Ele foi criado, e encontra somente Nele a resposta aos seus anseios e propósitos mais profundos.

Pelo que até aqui se expôs, não resta dúvida de que a formação da personalidade e da identidade humana não é algo que esteja em processo ou em desenvolvimento, muito menos algo que dependa do esforço humano para se consolidar. Muito ao contrário, o que há de mais intrínseco no ser humano já foi criado pelo próprio Deus e pode ser perfeitamente reunido na fórmula hebraica *lēb/lēbāb*, “pois é o coração que une a mente, à vontade e a emoção, de forma a permitir o surgimento de uma vida integrada, e nos capacita a pensar, desejar e sentir como pessoas integrais”.³⁰ Dessa forma, é preciso enxergar o ser humano como um ser integral, criado por Deus, e que possui no coração o centro religioso e, por isso mesmo, essencial de tudo o que ele é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi dito até aqui, pode-se concluir que a palavra coração no livro de Salmos expressa o ser humano como uma unidade complexa criada por Deus, que dele retira o mover interior e a capacidade oculta de se expressar em ato e potência. *Lēb/lēbāb* revela o que há de mais profundo na alma humana, seus anseios e aspirações, suas emoções e volições, sua racionalidade e modo de viver. Todo esse conjunto de expressões interiores também remete ao projetista desse ser tão diverso, que, como tal, demanda compreensão e atenção especiais de quem efetivamente pode entendê-lo e atendê-lo em toda a sua sede de sentido e realização plena.

O Deus revelado nas Escrituras é, portanto, o único capaz de tratar o ser humano em sua totalidade, porque o criou inteiro, completo e autêntico. É Ele quem valida a natureza humana, preenche suas lacunas manchadas pelo pecado e, ao fim e ao cabo, a redime com seu olhar contemplador de toda a necessidade existencial que possui.

A palavra coração no livro de Salmos, assim como em todo o texto veterotestamentário, revela o ser humano como único, criado por Deus com um rosto, um nome e uma consciência. Não há uma imagem a ser criada. Ela já existe e é à semelhança de Deus. Não há uma identidade para ser descoberta, porque seus contornos e detalhes são plenamente conhecidos por Deus e jamais estiveram em questão. Não há uma autonomia a ser conquistada, porque ela só nos afasta da dependência de um Deus que nos trata como realmente somos, sem reduzir nossa dignidade e nossa personalidade a uma existência líquida e fragmentada.

³⁰ HOUSTON, James. **A fome da alma**. São Paulo: Abba Press, 2003, p. 20.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2020.

GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida.** São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

HOUSTON, James. **A fome da alma.** São Paulo: Abba Press, 2003.

KIDNER, Derek. **Salmos 1-72: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

MIGUEL, Igor. **A escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

NOBLE, Alan. **Humanidade em crise: o fardo de pertencer a si mesmo.** São José dos Campos: Fiel, 2022.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VOGT, Peter. **Interpretação do Pentateuco: um guia prático e indispensável manual de exegese.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2014. Edição do Kindle.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.005



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A IGREJA Counseling in the Bible and its importance for the church

Rodrigo Lucheta¹

RESUMO

Este artigo consiste em um estudo a respeito do aconselhamento nas Sagradas Escrituras, com o propósito de compreender a forma como a Bíblia o aborda e como deve ser praticado. Os versículos são apresentados na versão Nova Almeida Atualizada e analisados, destacando suas principais características que são de grande importância para a igreja cristã e para a Teologia. Os textos originais são de grande valor para a compreensão do aconselhamento dentro dos padrões bíblicos, permitindo uma análise mais profunda de cada palavra e expandindo assim o entendimento. Quanto à igreja, é de grande importância que o aconselhamento esteja presente em sua prática, para que possa exercer seu ministério de forma eficaz e correta na sociedade em que está inserida. O auxílio mútuo é extremamente importante para a saúde de uma igreja. Por fim, a Bíblia apresenta casos de pessoas aconselhadas, permitindo uma compreensão maior da abordagem bíblica acerca do assunto.

Palavras-chave: Aconselhamento. Bíblia. Igreja.

ABSTRACT

This article consists of a study about counseling in the Holy Scriptures, with the purpose of comprehending how the Bible approaches it and how it should be practiced. The verses are presented in the New Almeida Updated version and are analyzed, highlighting their main characteristics that are of great importance to the Christian church and theology. The original texts are of great value for understanding counseling within biblical standards, allowing a deeper analysis of each word and thus expanding the comprehension. As for the church, it is of great importance that the counseling is present

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0150-3168> E-mail: rodrigo.lucheta@hotmail.com.

in its practice, so that it can exercise its ministry effectively and correctly in the society in which it is inserted. Mutual aid is extremely important for the health of a church. Finally, the Bible presents cases of people who have been counseled, allowing a greater understanding of the biblical approach of the subject.

Keywords: Counseling. Bible. Church.

INTRODUÇÃO

O aconselhamento está presente na Bíblia. Tanto Antigo quanto Novo Testamento, apresentam o aconselhamento de maneira direta ou indireta, deixando claro que possui grande importância entre o povo de Deus. Sabendo que ele se faz presente nos textos bíblicos, é necessário compreender como a Bíblia o aborda, a fim de colocá-lo em prática de maneira bíblica e correta. Muitos são os textos bíblicos que ensinam que ele deve fazer parte da igreja² entre os irmãos, não deixando dúvidas a respeito da sua eficácia e importância para a saúde do corpo chamado igreja. Como corpo, os membros que o compõem devem funcionar fazendo sua parte, pois foi para isso que foram chamados por Cristo.

Neste presente estudo serão abordados inicialmente os termos nos originais que fazem referência ao aconselhamento, de maneira direta ou indireta, para compreender como a Bíblia os aborda. Em seguida, o aconselhamento será abordado como parte fundamental da vida da igreja, apresentando sua importância e base bíblica, que não deixam a menor dúvida do quanto a igreja de Jesus Cristo necessita do aconselhamento mútuo. Por fim, serão analisados casos em que o aconselhamento pode ser visto na Bíblia, realizando uma análise dos textos citados que possibilitam uma melhor compreensão do assunto.

1. TERMOS BÍBLICOS REFERENTES AO ACONSELHAMENTO

A Bíblia faz referência direta e indireta ao aconselhamento de inúmeras maneiras. Ele está presente na Bíblia, embora o propósito final das Escrituras Sagradas envolva muito mais do que aconselhar pessoas em seus problemas. Para compreender melhor o aconselhamento a partir da Bíblia, é necessário um estudo mais aprofundado do texto sagrado nas línguas originais. Identificar e compreender como e quando a Bíblia faz referência ao aconselhamento é crucial para entender a importância e a forma como colocá-lo em prática na vida da igreja. Certamente, este é um assunto que recebe muita atenção nos textos bíblicos e os termos abordados deixam claro que o aconselhamento não apenas faz parte da vida da igreja, bem como é indispensável para manter uma igreja viva e ativa na sociedade na qual ela está inserida. O aconselhamento é absolutamente necessário para a saúde da igreja e os termos a seguir podem mostrar isso.

² Igreja neste artigo diz respeito às pessoas cristãs.

1.1 Parakaleo e Katartizo

O termo *parakaleo*³ é um termo grego e pode ser traduzido das mais variadas formas, como: consolar, admoestar, exortar, confortar, fortalecer, encorajar, animar, entre outros e aparece em uma grande quantidade de versículos do Novo Testamento (1Ts 2.11-12; 1Ts 5.11; Hb 3.13; Fp 2.1).⁴ O termo utilizado expressa muito bem seu significado em Efésios 6.22: “Eu o estou enviando a vocês com esta finalidade: para que conheçam a nossa situação e para que ele *console* o coração de vocês”.⁵ Embora tenha uma grande variedade de traduções, pode-se dizer que a ideia principal do termo é “chamar ao lado para ajudar”.⁶ Este termo está estritamente ligado ao discipulado e expressa com precisão o que o auxílio do conselheiro é capaz de fazer ao aconselhando. É precisamente a palavra utilizada para exortar o ser humano em suas ações e pensamentos, visando o melhor dele.⁷

Além do termo *parakaleo* há o termo grego *Katartizo*. *Katartizo* pode ser traduzido por “aperfeiçoar”, “corrigir”, “reparar”, “consertar”, entre outras possíveis traduções.⁸ A ideia é capacitar o indivíduo para algo, tornando-o qualificado e restaurando aquilo que foi nele perdido.⁹ É o termo utilizado em 2 Timóteo 3.17 – “a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente *habilitado* para toda boa obra”. Seu uso refere-se ao reparo, correção ou restauração que o indivíduo terá para que esteja apto para algo maior.

1.2 Makrothumeo e Noutheteo

O termo *Makrothumeo* indica uma característica indispensável na postura do conselheiro: ser paciente, longânimo e humilde com os irmãos.¹⁰ Indica o perfil de um conselheiro que não é autoritário, controlador e orgulhoso. É alguém paciencioso em meio às dificuldades. É o termo utilizado em Hebreus 6.15: “E assim, depois de esperar com *paciência*, Abraão obteve a promessa”. O versículo apresenta com precisão a paciência na qual o conselheiro precisa possuir para compreender, ouvir e instruir o aconselhado da melhor forma possível.

Já o termo *Noutheteo* é semelhante ao *parakaleo*, e pode ser traduzido por admoestar, advertir, exortar, aconselhar, entre outras palavras que cabem na tradução.¹¹ Em 1

³ LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2013, p. 274.

⁴ KELLEMAN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/aconselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 13 set. 2023.

⁵ SBB. **Bíblia NAA**. Barueri: SBB, 2018, p. 901.

⁶ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 29.

⁷ BARCLAY, William. **Palavras chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 158.

⁸ KELLEMAN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/aconselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 13 set. 2023.

⁹ LOUW; NIDA, 2013, p. 605.

¹⁰ KELLEMAN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/aconselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 13 set. 2023.

¹¹ KELLEMAN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/aconselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 13 set. 2023.

Tessalonicenses 5.14, Paulo o utiliza da seguinte forma: “Também *exortamos* vocês, irmãos, a que *admoestem* os que vivem de forma desordenada, consolem os desanimados, amparem os fracos e sejam pacientes com todos”.¹² Geralmente é utilizado como “repreender”, no qual o ensino do texto é a exortação e repreensão daqueles que precisam ser tratados na igreja, como no caso dos que viviam de forma desordenada entre os da igreja de Tessalônica.

1.3 Paramutheomai

O quinto e último termo grego selecionado é *paramutheomai*, o qual pode ser traduzido por “consolar”, “confortar”, “encorajar”, entre outras possibilidades.¹³ Este termo também está presente em 1 Tessalonicenses 5.14: “*consolem* os desanimados...”. A quantidade de vezes em que palavras relacionadas a aconselhamento mútuo aparecem nas Escrituras, mostram a ênfase que este assunto recebe. Logo, grande é a ênfase que Deus quis dar ao aconselhamento para que ele esteja presente na vida da igreja cristã.

1.4 Yaats

Ao contrário dos termos anteriores, *yaats* é um termo hebraico usado no Antigo Testamento para “conselheiros” ou “conselho” e é utilizado em inúmeros textos do livro de Provérbios (Pv 11.14; 12.15; 19.20; 20.18; 24.6 e demais). Provérbios 19.20 destaca: “Ouça os conselhos e receba a instrução, para que você seja sábio a partir de agora”.¹⁴ Lopes afirma a respeito desse texto: “A instrução e a sabedoria caminham juntas. A sabedoria procede da instrução e a instrução é a base da sabedoria”.¹⁵ É importante destacar que o livro de Provérbios é focado na busca pela sabedoria. Nesses textos está claro que o aconselhamento é descrito pelo livro como uma atitude sábia para tomar decisões corretas, evitar futuros problemas e ser obediente à Palavra de Deus, que é o princípio da sabedoria (Pv 9.10).

Tais termos auxiliam na compreensão de como a Bíblia dá importância ao aconselhamento e de que forma é possível aplicá-lo na igreja. Todos estes termos juntos mostram sob uma determinada perspectiva o que é o aconselhamento segundo a Palavra de Deus. A prática do instruir, corrigir, exortar, encorajar, repreender, reparar, realizada com amor, paciência e humildade é o que a Bíblia apresenta como aconselhamento. O auxílio mútuo é algo real nas Escrituras e precisa fazer parte da vida da igreja.

2. EXEMPLOS PRÁTICOS DE ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA

A Bíblia está repleta de momentos em que se pode ver o aconselhamento na prática, tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo. É possível aprender grandes lições através desses momentos, pois permitem que dentro da própria Palavra de Deus o leitor aprenda a lidar com determinadas situações que são decorrentes atualmente. Para que se possa

¹² SBB, 2018, p. 909.

¹³ LOUW; NIDA, 2013, p. 274.

¹⁴ SBB, 2018, p. 496.

¹⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Provérbios**: manual de sabedoria para a vida. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 387.

compreender de forma mais profunda o assunto, foram selecionados dois casos em que a prática do aconselhamento esteve presente nas Escrituras Sagradas. Os textos selecionados foram escolhidos por apresentarem problemas presentes na contemporaneidade.

2.1 Moisés e Jetro

Jetro, sogro de Moisés, era sacerdote em Midiã e estava com Zípora, sua filha e esposa de Moisés e seus filhos. Nos primeiros versículos do capítulo observa-se que ele está, junto a Zípora e seus netos, e eles se dirigem até Moisés. É muito provável que Moisés tenha enviado sua família para Midiã para levar as boas notícias a sua família.¹⁶ É possível ver no capítulo 18 o registro da chegada da família de Moisés até o acampamento e em Êxodo 18.14 o momento em que Jetro se deparou com um problema em seu ministério, Moisés estava caminhando em direção a um esgotamento e estava levando consigo o povo de quem era responsável.

Os versículos 17 e 18 são claríssimos: “O sogro de Moisés, porém, lhe disse: — Não é bom o que você está fazendo. Com certeza *todos ficarão cansados*, tanto *você* como *este povo* que está com você. Isto é *pesado demais para você*; você não pode fazer isso *sozinho*”¹⁷ (Êx 18.17-18). Moisés estava executando uma tarefa pesada que o deixava extremamente sobrecarregado, a ponto de levar o dia todo (Êx 18.13-14). O esgotamento é inevitável, para qualquer ser humano e foi para Moisés que estava acompanhando dois milhões de pessoas.¹⁸

Assim como muitos pastores e líderes de igreja, Moisés deixou de aproveitar a companhia de seus familiares para trabalhar. Seu sogro, esposa e filhos haviam acabado de chegar de uma longa viagem e nada de errado havia em tirar um tempo para eles. Porém, como um pastor fiel comprometido com seu rebanho, voltou ao trabalho ajudando o povo com suas questões.¹⁹ Cordeiro, em seu livro “*Andando com Tanque Vazio?*” afirma que 45,5% dos pastores da atualidade já experimentaram depressão ou burnout em um nível tão alto que foi preciso tirar licença do ministério.²⁰ Esse dado estatístico assustador confirma que o problema apresentado no texto é contemporâneo.

Deus tratou de cuidar da situação colocando Jetro, seu sogro, no caminho de Moisés. A sabedoria de Jetro permitiu que ele detectasse o problema e o aconselhasse Moisés da maneira correta, trazendo um resultado extremamente positivo no desfecho do texto. Jetro sabia da importância da liderança de Moisés e não queria que seu genro se desgastasse desnecessariamente. Por isso, seu conselho foi para delegar a tarefa dividindo o fardo (Êx 18.21-23). A cada dez pessoas haveria um responsável com quem poderiam discutir suas questões. Caso o líder do grupo menor, não fosse capaz de resolver o problema, poderia levá-lo a um líder de cinquenta pessoas, seguindo para o de cem e de mil se não houvesse uma

¹⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: Volume I: Pentateuco. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 281.

¹⁷ SBB, 2018, p. 59.

¹⁸ WIERSBE, 2006, p. 282.

¹⁹ WIERSBE, 2006, p. 281.

²⁰ CORDEIRO, Wayne. **Andando com o tanque vazio?** Encha seu tanque e renove sua paixão. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2011, p. 33.

solução. Esse sistema iria separar as questões mais simples das mais complexas, diluindo o tempo investido para cada uma delas.²¹

Segundo o texto de Deuteronômio 1.9-18, Moisés assumiu suas fraquezas e seu cansaço diante do povo aceitando o conselho de seu sogro. Com isso, seu pedido foi para que se escolhessem líderes para ajudá-lo em suas tarefas, ou seja, o conselho foi aceito por Moisés, pelo povo. Ele mostrou humildade e transparência com o povo, características necessárias para um líder em seu ministério.²² O que Moisés realmente precisava era que alguém o alertasse de sua condição de perigo em amor, tratando o problema com seriedade e sabedoria, assim como Jetro fez.

2.2 Davi e o profeta Natã

Davi havia caído em adultério, um pecado grave, registrado em 2 Samuel 11. Além do adultério em si, Davi tentou ocultar seu pecado usando vários artifícios, a fim de que parecesse que foi o próprio esposo que havia deitado-se com Bate-Seba. Primeiro mandou chamar Urias do campo de batalha para se deitar e descansar com sua esposa Bate-Seba (2Sm 11.6). Como a primeira tentativa não deu certo, seu segundo artifício foi embriagar Urias para voltar para casa e se deitar com Bate-Seba (2Sm 11.13), porém, mais uma vez Urias não foi para casa e seu plano deu errado. Seu terceiro e último artifício foi colocar Urias nas linhas de frente no campo de batalha para que morresse em combate (2Sm 11.14). Esse último artifício foi eficaz, levando Urias à morte (2Sm 11.24). Davi agiu de forma irracional em face de seu pecado, tentando apagar as evidências de seu erro e livrar-se das consequências. Porém, é aqui que Natã entra em cena e confronta o rei, proporcionando um relato em que grandes lições sobre aconselhamento podem ser aprendidas.

A tarefa de Natã certamente não era fácil, afinal, Davi era o grande rei da nação de Israel. Porém, Natã se preparou com cuidado e escolheu suas palavras de forma adequada para abordar o rei e confrontar seu pecado.²³ Natã usou uma parábola para mostrar a Davi seu pecado e ao ouvir, Davi condenou o homem da parábola sem saber que estava condenando a si mesmo (2Sm 12.5). Foi nesse momento que Natã afirmou: “Esse homem é você!”.²⁴ Natã usou de uma estratégia para fazer Davi compreender e concluir por si mesmo que era culpado. É claro que o rei estava consciente que havia pecado, porém, fazê-lo pensar e chegar a essa conclusão por si só certamente trouxe um peso muito maior para sua mensagem ao rei. Natã ensinou aqui que conduzir o aconselhado a pensar e concluir sozinho que precisa de uma mudança, sempre será mais eficaz do que apenas “apontar” o que precisa ser mudado, por vezes, sem nem mesmo entender o porquê.

Davi estava decidido a esconder seu pecado, preso ao próprio engano e completamente cego para a verdade. Estava preso em uma ilusão causada pelo seu próprio pecado. Já havia

²¹ WIERSBE, 2006, p. 282.

²² WIERSBE, 2006, p. 283.

²³ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: Volume II.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 329.

²⁴ SBB, 2018, p. 247.

passado, cerca de seis meses do ato do adultério, e Davi estava empenhado em sumir com todas as evidências e minimizar as consequências de seus atos pecaminosos.²⁵ Por isso, fica claro que era necessária a intervenção de um terceiro, mas este precisaria agir em amor, paciência e misericórdia, para apontar o erro e mostrar a necessidade de uma mudança, levando o rei ao arrependimento verdadeiro. Davi reconheceu seu erro e a mudança de pensamento de Davi, a respeito de seu pecado, está ligada a forma como foi tratado.

2.3 Resultado e os frutos do aconselhamento

O texto que traz o relato de Moisés com seu sogro deixa claro como o aconselhamento pode ser abençoador tanto para quem aconselha, quanto para quem é aconselhado, como no caso de Moisés e Jetro. Embora o relato se encerre com uma despedida entre ambos, pode-se ver que houve resultados positivos nos conselhos de Jetro. A organização é parte do ministério. Não se pode ter um ministério frutífero, se não há organização, e ao que tudo indica, as mudanças que ocorreram entre os Israelitas foram abençoadoras para economizar tempo e para preservar a saúde de Moisés e de todo o povo.

Wiersbe afirma que “organizações destinadas ao fracasso petrificam suas estruturas e se recusam a mudar”.²⁶ As mudanças que se ocorreram no texto em questão, claramente provam que Moisés era um líder de mente aberta que estava disposto a fazer o que fosse necessário para o bem do povo. Para o conselheiro Jetro, os resultados se mostraram muito positivos, pois não apenas Moisés foi beneficiado, mas toda uma nação pode desfrutar do novo sistema de administração do acampamento.

Com relação a Davi, não são poucas as pessoas que condenam o pecado alheio sem perceber que cometem o mesmo erro. Neste caso, confrontar foi a única opção. Natã não hesitou e obedeceu a ordem que Deus lhe havia dado, levando Davi ao arrependimento e a restauração espiritual e moral em sua vida. O Salmo 51 expressa muito bem os sentimentos de Davi, deixando claro que o arrependimento foi verdadeiro e que gerou frutos. São palavras de alguém que carregou uma grande culpa, mas que o desfecho da história, como se vê no Salmo, foi restauração e cura.

Nestes textos, os autores da Bíblia apresentam de forma clara o aconselhamento e seus benefícios. A mudança de pensamento e comportamento em Davi, por exemplo, só aconteceu porque houve uma palavra de confronto, na qual o aconselhamento pode ser visto claramente. Assim como no passado, hoje há casos em que sem um confronto, o indivíduo não despertará do sono em que está abraçado, ou ao seu pecado. Assim como Natã, é preciso averiguar a situação e escolher as palavras cuidadosamente para que o confronto seja feito em amor e não julgamento

²⁵ WIERSBE, 2006, p. 328.

²⁶ WIERSBE, 2006, p. 283.

3. O ACONSELHAMENTO COMO PARTE DA VIDA DA IGREJA

A Bíblia apresenta uma vasta quantidade de textos que fazem referência ao aconselhamento, em sua grande maioria, referindo-se ao auxílio mútuo, o tão conhecido “uns aos outros” (1Ts 5.11; 4.18; Hb 3.13; Ef 4.32; etc.). A quantidade de textos sobre aconselhamento deixa clara a necessidade e importância do tema na vida da igreja, e mostra a ênfase do tema. Os escritores, inspirados por Deus, abordam o assunto repetidas vezes deixando claro que a igreja (tentei deixar tudo como igreja porque essa é sua chamada no ponto 2 – mas vc estava indo e vindo entre o termo igreja e cristão, daí tentei direcionar deve observar com atenção para colocá-lo em prática na sua vida.

A prática do aconselhamento na igreja deve ser feita pelos líderes espirituais, conforme Paulo deixou registrado e deu exemplo (At 20.31; Cl 1.27-29; 1Ts 2.11-12). Seu ministério não era apenas de púlpito (o que pode ser uma grande tentação para muitos pastores), mas era integrado ao cuidado individual dos cristãos.²⁷ Seu ministério de aconselhamento estava presente na vida da igreja, assim como deve ser o de um conselheiro. Além da prática realizada pelos líderes, o aconselhamento também deve ser praticado pelos cristãos que são parte do corpo, conforme alguns registros bíblicos (Rm 15.14; Gl 6.1; Cl 3.16; 1Ts 5.11,14-15; Hb 3.13).²⁸ Pastores e demais membros são peças importantes na restauração de relacionamentos que foram quebrados. Para isso, a oração e a prática das orientações bíblicas, para o aconselhamento são fundamentais.²⁹

Em 1 Tessalonicenses 5.14 Paulo escreve à igreja: “Também *exortamos* vocês, irmãos, a que *admoestem* os que vivem de forma desordenada, consolem os desanimados, amparem os fracos e sejam pacientes com todos”.³⁰ Paulo está instruindo a igreja a respeito da influência mútua na comunidade, na qual cada cristão tem a responsabilidade de zelar pelos outros irmãos, fazendo assim com que a igreja funcione como um corpo ativo. Conforme o apóstolo, para evitar os problemas, deve haver uma ação contínua da igreja pelo bem de todos os irmãos.³¹ Embora a igreja contemporânea viva uma realidade completamente diferente dos cristãos primitivos, ainda existem os que vivem de forma desordenada e que precisam ser confrontados e repreendidos. Ainda há aqueles que vivem em meio ao desânimo, que veem apenas o lado negativo das coisas e desistem em meio às dificuldades e desafios. Estes são os que precisam ser encorajados e consolados para que possam prosseguir na jornada cristã.³²

²⁷ PIERRE, Jeremy; REJU, Deepak. **O pastor e o aconselhamento**: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 41.

²⁸ KELLEMEIN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/aconselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 18 set. 2023.

²⁹ BLEDSOE, David Allen. **Igreja regenerada**: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea. São José dos Campos: Fiel, 2022. p. 306.

³⁰ SBB, 2018, p. 909.

³¹ WRIGHT, N. T. **Paulo para todos**: Gálatas e Tessalonicenses. Tradução de Marília Acorsi Peçanha. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 159.

³² WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento: Volume II. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 244.

Ainda há os fracos na fé que vivem constantemente com medo de sua liberdade cristã e que precisam ser tratados com paciência e amor.³³

Todos que estão presentes em 1 Tessalonicenses 5.14, fazem parte do mesmo corpo e o auxílio mútuo é o que lubrifica as engrenagens da igreja para o seu bom funcionamento e como corpo. Deus com certeza deu à igreja pessoas vocacionadas para a realização dessa função, assim como preparou alguns para ensinar, outros para pastorear e outros para evangelizar (Ef 4.11; 1Co 12.28).³⁴

Em outro texto, Colossenses 3.16, o ensino é o mesmo: “Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês. *Instruam e aconselhem-se mutuamente* em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão no coração”.³⁵ Dessa vez à igreja de Colossos, mais uma vez Paulo está escrevendo a respeito da influência mútua. Embora o contexto seja outro, o apóstolo instrui a igreja a respeito das expressões de louvor a partir de uma vida abundante da Palavra de Deus, o auxílio mútuo está presente no texto, assim como em outras orientações do apóstolo. Ele está preocupado com o bem-estar de toda a comunidade e não apenas com o comportamento individual de cada cristão.³⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se nas Escrituras Sagradas que Deus orientou sobre o tema abordado neste trabalho. Na Bíblia, quando um tema é diversas vezes abordado é porque existe necessidade de se observar o que ali está. Por isso, o aconselhamento deve ser observado pelo cristão, incentivado e colocado em prática para que se possa ter uma igreja saudável.

Com os termos nas línguas originais, a saber grego e hebraico, conclui-se que são variadas as formas pelas quais a Bíblia aborda o tema, permitindo que se possa compreender que o aconselhamento é necessário para consolar, confortar, exortar, animar, estimular, repreender, confrontar, corrigir, consertar, dar uma palavra de sabedoria, entre tantas outras funções.

O aconselhamento como parte da vida da igreja não é uma mera orientação, mas ensino claro do Senhor. O auxílio mútuo, o aconselhamento, deve ser praticado pela liderança e pelos membros do corpo. Deus criou sua igreja e a tratou em sua Palavra como um corpo que possui muitos órgãos e que necessita que cada um deles esteja em atividade para um bom funcionamento do todo. Muitas são os textos que abordam o tema, não deixando dúvidas da sua importância e eficácia. Por fim, com os casos apresentados, conclui-se que Deus permitiu que o aconselhamento fosse visto de forma prática na Bíblia. É possível ver os casos citados no Antigo Testamento, assim como casos no Novo Testamento, sobre o tema, e chegar a

³³ WIERSBE, 2006, p. 244.

³⁴ PIMENTEL, Vinicius Musselman. “**Eu não tenho o dom de aconselhar**”. São José dos Campos, SP, 30 jul. 2012. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/07/eu-nao-tenho-o-dom-de-aconselhar/>. Acesso em: 12 out. 2023.

³⁵ SBB, 2018. p. 906.

³⁶ WRIGHT, N. T. **Paulo para todos**: Cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Tradução de Marília Acorsi Peçanha. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 208.

compreensão que eles permitem um aprendizado valioso a respeito do assunto e mostram como grandes homens de Deus trataram cada situação.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. **Palavras chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

BLEDSOE, David Allen. **Igreja regenerada**: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea. São José dos Campos: Fiel, 2022. 526 p.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 704 p.

CORDEIRO, Wayne. **Andando com o tanque vazio?** Encha seu tanque e renove sua paixão. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2011. 190 p.

KELLEMEN, Robert. **Conheça o aconselhamento bíblico**. Disponível em: <https://conselhobiblico.com/16283-2/para-o-conselheiro-biblico/acoeselhamento-biblico-2/>. Acesso em: 13 set. 2023.

LOPES, Hernandes Dias. **Provérbios**: manual de sabedoria para a vida. São Paulo: Hagnos, 2016. 644 p.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2013. 786 p.

PIERRE, Jeremy; REJU, Deepak. **O pastor e o aconselhamento**: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015. 200 p.

PIMENTEL, Vinícius Musselman. **“Eu não tenho o dom de aconselhar”**. São José dos Campos, SP, 30 jul. 2012. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/07/eu-nao-tenho-o-dom-de-acoeselhar/>. Acesso em: 12 out. 2023.

SBB. **Bíblia NAA**. Barueri: SBB, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.

WRIGHT, N. T. **Paulo para todos**: Cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Tradução de Marília Acorsi Peçanha. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 256 p.

WRIGHT, N. T. **Paulo para todos**: Gálatas e Tessalonicenses. Tradução de Marília Acorsi Peçanha. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 208 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.006

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CRISTÃO DIANTE DO ABORTO E DO PRAGMATISMO SECULAR

The christian facing abortion and secular pragmatism

Wanderley Lima Moreira¹

RESUMO

Este artigo trouxe uma discussão sobre uma questão moral e religiosa, a saber: o aborto. A investigação principal foi feita no campo da ética cristã, que embora seja considerado simplista do ponto de vista metafísico, sua aplicação gera acalorados embates dentro e fora da Igreja. O principal ponto de vista levantado nesta pesquisa foi o tema do aborto como uma realidade familiar praticada e defendida inclusive por cristãos nominais. Este artigo traz uma reflexão sobre tema aborto a partir da cosmovisão cristã.

Palavras-chave: Aborto. Pragmatismo. Vida humana.

ABSTRACT

This article brought a discussion about a moral and religious issue: abortion. The main investigation was developed in the field of Christian ethics, which although is considered simplistic from a metaphysical point of view, has applications that causes heated clashes inside and outside the church. The main point of view raised in this research was the subject of abortion as a familiar reality practiced and defended even by nominal Christians. This article brings a reflection on the issue of abortion from a Christian worldview.

Keywords: Abortion. Pragmatism. Human life.

¹ Bacharel em Teologia e Administração de Empresas. Pós-graduado em Controladoria e Finanças (Lato Sensu); Pós-graduado em Hebraico Bíblico (Lato Sensu). Possui mestrado em Teologia (Stricto Sensu) e licenciando em Filosofia. E-mail: wanderleylima@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O homem é considerado a mais perfeita obra da criação de Deus por ser criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-28). Por conseguinte, este ser, criado por Deus – afirmação basilar deste artigo – destaca-se como a coroa da criação (1 Co 11.7-12), pois, como afirmou Paulo: “tudo vem de Deus”.² No decorrer desta pesquisa, analisar-se-á algumas formas de refletir sobre o tema do aborto, principalmente a partir da filosofia estética e da teologia bíblica, sem deixar de verificar os olhares de outras áreas das ciências acerca de como a vida humana deve ser importante para o discípulo de Cristo. A vida humana, em sua essência vem de Deus, sua concepção e valor diante de Deus é um dos pressupostos que precisa ser levado em conta diante de um tema tão complexo como o aborto. Esse tema precisa despertar um sentimento que leve cada cristão para além da mera curiosidade, ou seja, para a maturidade cristã.

1. REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA E VALOR DA VIDA HUMANA

Com base numa razoável clareza do conceito bíblico acerca da natureza humana de que o “ser humano é um ser portador da imagem de Deus, criado à sua imagem e originalmente justo e santo” e de que “toda pessoa é a imagem de toda a toda a divindade”³ é possível contrapor a defesa do aborto. O ser humano “se tornou um ser vivente”, alma vivente. A ideia platônica de alma ($\psi\upsilon\chi\acute{\eta}$ = *psykhé*), entendida por uma realidade imaterial, eterna e divina⁴ corrobora com a defesa de que a essência do ser humano – padrão recorrente na teologia do Novo Testamento está em Deus.

Por isso, no que diz respeito à natureza humana, existe um debate ao longo da história recente do cristianismo acerca da vida humana, de forma que as definições teológicas e filosóficas acerca da natureza humana são inúmeras, convergindo todas para uma única questão: qual é o sentido da vida? A resposta a esta pergunta pode tomar muitos rumos; porém, partindo de uma cosmovisão cristã que eleva a vida humana aos critérios bíblicos da divina providência, faz-se necessário lembrar do que o evangelista Lucas escreveu acerca da valorização da vida:

Por isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos e em toda parte se arrependam, porque ele fixou um dia no qual julgará o mundo com justiça, por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos.⁵

A doutrina do arrependimento junto com a doutrina da ressurreição mostra-se como a ação graça de Deus para salvar o homem integral – corpo e alma. De maneira que se pode

² **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 2006.

³ BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, vol. 2, p. 539.

⁴ Platão não entende o aspecto divino da alma como o pressuposto religioso ou mesmo com rigor cristão.

⁵ **BÍBLIA DE JERUSALÉM**, 2013, p. 1935.

refletir acerca da importância da vida biológica desde o ventre da mulher, como defendeu o salmista:

Eu te louvarei, pois eu assombrosamente e maravilhosamente fui; maravilhosas são as tuas obras, e isso a minha alma certamente conhece bem. Minha matéria não foi escondida de ti, quando fui feito em secreto, e curiosamente forjado nas partes mais baixas da terra. Os teus olhos viram a minha matéria ainda imperfeita; e no teu livro todos os meus membros foram escritos, os quais eram continuamente formados, quando nem ainda havia nenhum deles. Quão preciosos são os teus pensamentos para comigo, ó Deus! Quão grande é a soma deles!⁶

O ser humano, afirma a Bíblia, foi criado à imagem e semelhança de Deus como fruto de uma decisão de Deus, encerrando o primeiro ciclo da obra criadora de Deus: Ele olhou para o resultado e ficou alegre (Gn 1.31). Pensada do ponto de vista metafísico, a vida humana é um tema pressuposto na ideia de que somente Deus é quem pode gerar vida e dar fim nela, questão esta, que é basilar para a teologia cristã, pois a partir dela o ser humano é definido essencialmente como imagem de Deus.

Pensando assim, o aborto é uma ofensa contra Deus, uma desonra a sua obra e à sua imagem. Por isso, Piper declara que matar um bebê no ventre da mãe é um aviltamento a Deus, “ele explica que a maldade suprema do aborto não que crianças sejam mortas ou que ele prejudique as mulheres, a maldade suprema, diz ele é que o aborto ataca e avilta a Deus”.⁷ Porém, o pensamento social, liderado hoje pelo movimento feminista, reduz a família a interações pragmáticas em detrimento da cosmovisão cristã. Este tipo de pensamento é nocivo não apenas à igreja cristã, mas à sociedade em que está inserida, como observou Herman Dooyeweerd em sua obra *Raízes da cultura Ocidental*:

A ciência natural sempre tentou dissolver os fenômenos os elementos mais simples, explicando esses elementos por meio de leis gerais. Quando esse procedimento foi aplicado aos relacionamentos sociais, entidades coletivas tais como o Estado, a igreja e a família foram reduzidas meras interações entre as “pessoas, os elementos mais simples da sociedade”. Conseqüentemente, as “pessoas” foram separadas de todas as suas características genuinamente individuais, irredutíveis, como exemplos do gênero “seres humanos livres e racionais”.⁸

A teologia bíblica, tanto o Antigo como o Novo Testamento – que diferente do cientificismo – apresenta o homem como criação divina e defende a vida intrauterina. Não é possível, em qualquer hermenêutica bíblica séria, conciliar o “não matarás” de Êxodo 20.13 com a liberdade de colocar fim na vida de uma criança, uma vez que seria como arrancar o direito de existir em corpo e alma.

A imagem divina no ser humano é expressa também no anseio pela eternidade, como diz o livro de Eclesiastes, ensinando na teologia veterotestamentária que Elohim “também pôs

⁶ BIBLIA KING JAMES, 2018, p. 991.

⁷ TAYLOR, Justin. **Uma homenagem a John Piper**. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 408.

⁸ DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental**: as opções pagã, secular e cristã. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 215.

no coração do homem o anseio pela eternidade” (Ec 3.11)⁹ e ampliando o conceito de vida eterna no Novo Testamento na doutrina da ressurreição. A vida humana possui valor inquestionável por ser imagem de Deus e ter anseio por uma vida eterna, que nunca findará – que não significa que o ser humano tem a imagem de Deus – como observa Bavinck:

[...] devemos salientar que, em harmonia com a Escritura e confissão reformada, a ideia de que um ser humano não porta ou tem a imagem de Deus, mas é a imagem de Deus. O ser humano é filho, semelhança ou geração de Deus (Gn 1.26; 9.6; Lc 3.38; At 17.28; 1 Co 11.7; Tg 3.9).¹⁰

Decidir sobre a vida de uma criança – mesmo nas primeiras semanas de uma gestação – é se opor à Escritura e à vontade de Deus. A teologia cristã tem sofrido uma oposição acerca da interpretação de textos bíblicos pró-vida, tendo como sua maior opositora o desconstrucionismo textual e a nova moda hermenêutica de que o leitor tem primazia em detrimento do autor, como avisou Vanhoozer acerca das interpretações bíblicas como “ações afirmativas e comunicativas para um novo significado proposicional do leitor”.¹¹ Por isso o direito à vida não pode ser desconstruído, por ser um direito inalienável, como defende Piper ao comentar Êxodo 20.13:

[...] no coração das pessoas de hoje, existe uma profunda pressuposição de que temos direito à vida em relação a Deus. Ou seja, ele não tem o direito de tirar nossa vida. E, se ele realmente existe, está obrigado a fazer o possível para preservar nossa vida. Nossa vida, como a maioria das pessoas imagina, é nossa. Não pertence a ninguém mais. E ninguém, nem mesmo Deus, tem o direito de tirar minha vida quando eu não escolho isso. Devo ser soberano sobre minha vida. E, se alguém tirar minha vida, incluindo Deus, terá agido errado em relação a mim. Essa é, penso, a forma frequentemente não confessada de nossa opinião sobre o direito "inalienável" à vida. Mas essa não é a opinião de Deus. Não é a opinião da Bíblia. Certamente, há um direito humano à vida em relação aos outros humanos. Nenhum humano tem o direito de tirar minha vida. Mas esse direito à vida, que cada um de nós tem, não é um mero efeito de superioridade genética em relação aos animais. É um direito que resulta do mandamento de Deus e está alicerçado em nossa relação com Deus como seres criados à Sua imagem.¹²

De acordo com Zilles, “o homem não se contenta com o viver, pois quer o viver bem”, por isso abortar para viver bem é justificável no contexto secular, como disse Gasset: “o homem é um animal para o qual somente o supérfluo é necessário”.¹³ Corroborando para uma defesa acerca do valor da vida, Stott destaca a diferença singular entre os animais e os seres humanos, com destaque para a dignidade:

O que necessitamos, pois, não é nem o otimismo fácil dos humanistas, nem o obscuro pessimismo dos cínicos, mas o realismo radical da Bíblia. Nossa

⁹ BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Vida, 2000, p. 527.

¹⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, Vol. 2, p. 564.

¹¹ VANHOOZER, Kevin. **Há significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Alvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2010, p. 262-268.

¹² PIPER, John. **Providência**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2020, p. 413.

¹³ ZILLES, Urbano. **O Deus dos filósofos**. São Paulo: Paulus, 2023, p. 147.

dignidade humana, o valor intrínseco dos seres humanos afirmado desde o primeiro capítulo da Bíblia [...] Há muito tempo persiste o debate acerca do significado da “imagem” ou “semelhança” divina nos seres humanos, e onde jaz sua superioridade.¹⁴

Modificando a abordagem bíblica, novas teorias que emergem da chamada teologia feminista discutem acerca do tema e tentam responder pragmaticamente acerca da natureza humana com o argumento sociológico do “alegado caráter livre de valores”.¹⁵ Logo, a vida humana é definida pela distinção entre vontade revelada e vontade soberana de Deus. Matar o feto é uma afronta a Deus e desobediência ao seu mandamento e “a maneira mais simples de ver esta distinção é pela vontade revelada de Deus “Não matarás” (Êx 20.13).¹⁶ A maior parte das abordagens acerca da vida humana – seja no campo da psicanálise, da psicologia e das novas sociologias – não se preocupa em refletir acerca da vida após a morte, mas acerca do aqui e agora.

2. O PRAGMATISMO CONTRA A VIDA

Pensar sobre o valor da vida humana do feto é mais um dos desafios cristãos numa sociedade abraçada pelo pragmatismo. Este artigo é pressuposto pelo conceito de pragmatismo de Charles Pierce – que foi a origem de muitas formas do pensamento pragmático. De acordo com Pierce, o imediatismo coloca cada indivíduo numa “tal condição que nos comportaremos de uma certa maneira, quando a ocasião surgir”.¹⁷

A sociedade atual parece se comportar numa condição do imediato, para ‘resolver’ problemas surgidos, ultrapassando os limites da ética. Dessa forma, o feto tem sua vida investigada pelos defensores do aborto à revelia, da mesma maneira como se diseca um animal – ainda que racional e diferente de um cão, por exemplo – desprezando a antropologia cristã e diminuindo o valor essencial da vida humana; de forma que o cristão atual precisa se apoiar na teologia cristã, que utilizando dos textos inspirados das Escrituras defende uma antropologia que abraça a vida humana, também chamada de doutrina do homem, o ser finito que se relaciona com o infinito, numa autotranscendência da vida, que a ciência não pode usar do seu empirismo para explicar, como pode ser observado na teologia de Paul Tillich:

A questão de como se manifesta a autotranscendência da vida não pode ser respondida em termos empíricos, como no caso da autointegração e autocriatividade. Podemos falar dela apenas em termos que descrevam o reflexo da autotranscendência interior das coisas na consciência do ser humano. O ser humano é o espelho em que se torna consciente a relação de tudo o que é finito com o infinito. Nenhuma observação empírica desta

¹⁴ STOTT, John. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**: como ser um cristão contemporâneo. 2.ed. Tradução de Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 2005, p. 37.

¹⁵ DOOYEWEERD, 2015, p. 229.

¹⁶ PIPER, 2020, p. 532.

¹⁷ PIERCE, Charles S. **The essential Pierce**. Bloomington: Indiana University, 1998, vol. 1, p. 114.

relação é possível, porque todo conhecimento empírico se refere às interdependências finitas, não à relação do finito com o infinito.¹⁸

O pragmatismo de Pierce, ampliado de certa forma por William James e Richard Rorty é, também, a tentativa de propor soluções humanas a problemas metafísicos de forma prática. É a tentativa de solucionar problemas morais como se fossem problemas práticos, já que em seu método científico, que “Pierce chama de fixar a crença de método a priori [...] “as opiniões que hoje parecem mais inabaláveis, amanhã acham-se fora de moda”.¹⁹ Significando que o rigor bíblico em defender a vida do feto é ofuscado por pressupostos pragmáticos.

A antropologia cristã responde – de tantas outras – a seguinte questão: qual é a constituição da vida? Essa indagação antropológica é o ponto de partida para o surgimento de algumas escolas de pensamento dentro do cristianismo, dentre elas, o dicotomismo ou antropologia dualista. E ainda que pareça estranho tratar este assunto aqui, a ideia de que o ser humano é formado por corpo e alma – tema discutido desde Plotino – ajuda a refletir acerca do aborto como prática casual e pragmática.

Se a alma é o princípio da vida, que a tudo movimenta como defendeu Plotino é possível pensar que o princípio universal que explica este dualismo e pressupõe que a vida não pode ser tirada do feto e tratada valor moral ultrapassado e fora de moda, pois esta ambiguidade, como observa Paul Tillich:

O princípio da alma, universal e individualmente, é o princípio da ambiguidade. Plotino sabia que a vida era ambígua, e que a ambiguidade era uma característica definida da vida. A alma volta-se tanto para o espírito (nous) como para a matéria. Dir-se-ia que olha para dois lados; busca sempre conteúdos significativos. Nós chamamos a isso em nossa linguagem, de vida espiritual dos seres humanos, expressa em conhecimento, ética, estética, etc. Ao mesmo tempo se volta para a nossa existência física e para o mundo das coisas materiais.²⁰

A “vida espiritual” apontada por Tillich é quase uma chave hermenêutica para valorização da vida humana do feto. Se o ser humano não é um objeto e se ele é constituído de duas partes ambíguas: corpo (*sôma*) e alma (*psique*), então esta descrição espiritual e sua experiência com o Deus, a partir da alma ou espírito evidência de o ser humano tem seu pressuposto essencial em Deus, o seu criador. Logo, textos bíblicos em os seres humanos redimidos e perdoados são comparados a uma casa na qual o próprio Deus reside e que os crentes na medida existem são “coedificados para serdes habitação de Deus, no Espírito”²¹ (Ef 2.22) e outros textos em que a doutrina paulina da união com Cristo é aventada no Novo Testamento (Ef 1.4-13; Rm 8.1; Gl 3.26) reforçam o entendimento e a defesa em favor da dignidade da vida humana.

A defesa da tese de que o ser humano é a imagem de Deus é justificada pela impossibilidade de a ciência explicar toda complexidade humana e controlar o destino da vida,

¹⁸ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5.ed. Tradução de Getúlio Baertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 545.

¹⁹ DE WALL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007, p. 34.

²⁰ TILICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4.ed. Tradução de Jaci Marashin. São Paulo: ASTE, 2007, p. 70.

²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2042.

pois a vida humana está no controle do Deus providente. E se na filosofia platônica o ser humano é uma ideia e não possui um pai que o criou e o mantém providentemente, uma vez “mataram Deus” – principalmente no pensamento de Nietzsche – no cristianismo, por outro lado, a condição humana é elevada a um relacionamento metafísico com seu Criador e sem os controles do empirismo. Logo, os que justificam a morte de um ser humano bebê, não apenas ataca a Deus, mas necessariamente se comporta como um ateu, já que matando Deus se justifica matar o ser humano, como observa Rousas Rushdoony:

A morte do Deus das Escrituras, exige a morte do homem criado à sua imagem; por conseguinte a sociedade da morte de Deus busca destruir o homem histórico, o homem real do tempo, a fim de criar um novo ser humano com base em sua ideia e propósito. Na filosofia e sociologia, o homem como ideia é uma abstração inumana; ele é um monstro que não existe nem pode existir [...] A ideia religiosa de homem é de um ser incorpóreo que se esforça para desfazer-se de sua carne, negar seus apetites e colocar-se acima das exigências ordinárias do corpo. Essa abstração tem horror ao mundo material, como se este fosse um tipo de tentação fatal que busca corromper sua alma. Mas nenhum ser humano se vê mais assediado pela concupiscência do que aquele que tenta negar sua condição humana.²²

De acordo com Rushdoony, a essência humana não é pressuposta numa consciência humana que tem autonomia para existir como defende o existencialismo francês “de que no homem, a existência precede a essência”,²³ mas o contrário. O ser humano integral, porém, didática e sistematicamente dividido em dois compartimentos, ora se rende às concupiscências do corpo, ora se rende a Deus numa tensão corpo-espírito; resultado de uma experiência de fé através de sua vida espiritual, uma relação do divino com a alma humana.

Na história da humanidade é considerado ético aquele que preserva a vida, mas, para os pragmáticos que defendem o aborto, a conduta humana é admirável, pois a ética é pressuposta no imediatismo e na admiração, como pode ser vista no discurso de Peirce em Harvard, comentado por Cornelis De Wall:

A ética, Peirce continuava, pressupõe uma distinção entre o que é admirável e o que não é. Isso pressupõe, por sua vez, que tenham determinado o que estamos preparados para admirar e o que não estamos. Isso levou Peirce a uma ciência ainda mais geral, a saber, a estética, que estuda o que é admirável em si mesmo sem qualquer referência a qualquer outra coisa. Em suma, a ética depende da estética, com a ética sendo uma subcategoria particularizada da estética, a saber, aquela que se confina unicamente ao que é admirável na conduta humana.²⁴

Mas, na cosmovisão cristã, este entendimento acerca da ética deve ser rejeitado, pois além de ser pressuposto na filosofia estética em detrimento da própria filosofia ética, não leva em consideração as verdades cristãs e a aceitação da tese *imago Dei* que é o argumento

²² RUSHDOONY, Rousas J. **Rejeição à humanidade**: os efeitos do neoplatonismo no cristianismo. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2019, p. 47.

²³ SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2.ed. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1986, p. 65.

²⁴ DE WALL, 2007, p. 137.

central para defesa da vida, desde a concepção até a morte. O aspecto antropológico imagético da teologia cristã – usando um termo da educação atual – é que justifica essa defesa em termos morais e espirituais. É impossível ao cristão uma negação de sua própria origem, pois enquanto raça humana lhe foi revelado que no livro das origens (Gn 1.26,27) que “a alma humana, todas as faculdades humanas, as virtudes de conhecimento, justiça e santidade e até mesmo o corpo humano são a imagem de Deus.”²⁵ Alma aqui é sinônimo de espírito, ou seja, uma única porção imaterial e imortal no ser humano, separado do corpo físico, cuja personalidade pode permanecer inalterada após a morte, como observa Erickson acerca da ressurreição do corpo:

Os conservadores não levaram a concepção dualista tão longe assim. Embora creiam que a alma seja capaz de sobreviver à morte em um estado incorpóreo, eles também aguardam a ressurreição futura. Não se trata da ressurreição do corpo em oposição à sobrevivência da alma. Antes, os dois aspectos são estágios distintos no futuro do ser humano.²⁶

Evidentemente, alma e espírito são imateriais e imortais, não se opondo ao corpo, mas o contrário é verdade no discurso cristão protestante que a alma seja considerada imortal e sobrevivente à morte do corpo. Mas, para o pragmatismo feminista, decidir sobre o feto é menos importante do que defender a honra de mulher, e já que “para alguns, o pragmatismo é também uma teoria da verdade”,²⁷ matam-se crianças nas clínicas – autorizadas ou não – como se mata frango nos frigoríficos. Ora, se a alma humana é imortal, a certeza de uma natureza imortal é o básico para defesa da vida biológica de um feto. Se apenas o Criador pode ter o pleno controle de natalidade – em termos de gestação – deduz-se que, a alma sustenta o corpo, no sentido cartesiano do termo, como observou Descartes em sua obra *As paixões da alma*: “todos os movimentos de nossos corpos dependem da alma”.²⁸ Logo, a alma foi criada por Deus com a função de vivificar o corpo físico e nenhum outro humano pode tirar a vida de seu semelhante; somente Deus pode tirar a vida do seu semelhante, no caso, o ser humano criado à sua semelhança.

3. O ABORTO É ATENTADO A DEUS EM DESFAVOR DA VIDA

O que é o aborto? Para muitos, trata-se de uma solução imediata. Um paliativo para resolver uma situação escandalosa ou que poderia gerar um desconforto familiar. Para outros, uma maneira de fugir da vergonha do abuso, da infâmia do estupro, da insolência da decepção. Logo, se “tanto a soberania divina quanto a dignidade humana estão sendo desafiadas pelos debates sobre aborto e eutanásia, nenhum cristão consciente pode excluir-se deles”.²⁹

²⁵ BAVINCK, 2012, p. 539.

²⁶ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla T. Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 510.

²⁷ DE WALL, 2007, p. 23.

²⁸ DESCARTES, 1987, p. 78.

²⁹ STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 462.

De acordo com o protocolo de atenção à saúde da mulher em situação de abortamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o aborto ou abortamento é “é a interrupção da gestação antes do início do período perinatal, definido pela OMS (CIE 10) a partir de 22 semanas completas de gestação, quando o peso ao nascer é normalmente de 500 g.”.³⁰ Neste período, e de acordo com os protocolos criados para legitimar o ato, a criança é arrancada do útero com a utilização de métodos que põem fim a vida humana. O aborto tornou-se lugar comum na sociedade devido ao pragmatismo atual que abre espaço para a desconstrução das verdades cristãs. Logo, o pragmatismo feminista a favor do aborto nada mais é que a velha tentativa de reinterpretar, ou de atualizar verdades e valores morais, como bandeira levantada em todo o país. Para as feministas:

O aborto é questão de direito individual e remete a um dos fundamentos do feminismo contemporâneo: o princípio democrático liberal do direito aplicado ao corpo; direito baseado nas ideias de autonomia e liberdade do liberalismo, expresso na máxima feminista “nosso corpo nos pertence”, que se difundiu internacionalmente a partir dos países centrais e marcou as lutas feministas relacionadas à sexualidade, à contracepção e ao aborto.³¹

Jovens meninas e adolescentes são ensinadas que o abortamento não é pecado, mas uma questão de saúde pública. Mas a pergunta que deve ser dirigida aos cristãos é: se o ser humano tem uma formação biológica, mas também espiritual; se ele é corpo, mas também alma, o que acontece com a parte imaterial de um bebê abortado? O que faz uma pessoa defender o aborto? De acordo com o Geisler, mesmo que haja muitos argumentos a favor do aborto, este é um ato errado, uma vez que vai contradizer o valor divino por cada ser humano individualmente:

Há pelo menos três premissas de argumentos da qualidade da vida que devem ser examinadas. Primeiro, reconhecendo que a Bíblia aceita um princípio da qualidade da vida, é a qualidade da raça que deve tomar precedência sobre o indivíduo, ou o valor do indivíduo é mais importante que a raça? A resposta parece evidente: Deus valoriza os indivíduos. O indivíduo foi criado à sua imagem e semelhança. É errado matar o indivíduo porque ele é criado à imagem de Deus.³²

A diferença básica entre dicotomia e tricotomia está no fato de que a primeira torna alma e espírito sinônimos, enquanto a segunda distingue um do outro. Sobre esta divisão, a nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém explica que “esta divisão tripartida do homem (espírito, alma e corpo) só aparece aqui (1Ts 5.23), nas cartas de Paulo” e que o apóstolo “não tem antropologia sistemática e perfeitamente coerente”.³³ Uma vez posto estas possibilidades acerca da natureza do ser humano, a seguir será destacado de que forma é possível pensar a fé nas comunidades cristãs em termos antropológicos e se um feto é um ser integral e imortal,

³⁰ ABORTAMENTO. In: Abortamento. Disponível em <http://www.me.ufrj.br/images/pdfs/protocolos/obstetricia/abortamento.pdf>. Acesso em 17 out. 2023.

³¹ SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 2, p. 675-680, 2008, p. 677.

³² GEISLER, Norman L. **Ética cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 58.

³³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2064-2065.

o aborto deve ser criminalizado e a vida deve ser preservada, do ponto de vista da teologia e da filosofia cristã.

O aborto é um atentado a Deus pelo fato de que o embrião é um ser integral e imortal. As Escrituras apresentam o ser humano como ser único – integral – principalmente nos textos do Antigo Testamento. Tanto o dualismo como a concepção tridimensional do ser humano, não apenas são complexos, mas “é estranho à teologia hebraica que vê o homem de uma forma única, mas é verdade que o homem só pode ser apresentado unitariamente, independente de sua natureza constitucional”³⁴. Sendo assim, pensar o ser humano como unidade condicional é uma possível solução em favor da vida do feto. Reforçando esta abordagem, Erickson apresenta a possibilidade do ser humano como uma unidade condicional:

Toda a gama de dados Bíblicos pode ser mais bem explicada pela visão que denominaremos “unidade condicional”. Segundo esse conceito, o estado normal do ser humano é um ser unitário com corpo, e é assim que as Escrituras o consideram e o tratam. Os seres humanos não precisam fugir ou escapar do corpo, como se ele fosse essencialmente mau.³⁵

Pensar o ser humano como ser completo e capaz de reflexão e ações corpóreas é o que se aproxima mais de uma realidade empírica. A mente (alma) pensa e o corpo responde a seus estímulos, para falar, andar, etc. Assim, o corpo humano reproduz também o resultado daquilo que é essência – o ser humano completo, porém condicionado às funções da alma e do corpo, que são inseparáveis. Esta forma de pensar é próxima do monismo, porém condiciona ao corpo a necessidade de ter uma parte imaterial que o dirige. Com a ressurreição do corpo, “haverá retorno a uma condição corpórea”³⁶, logo:

As questões acerca do aborto e eutanásia dizem respeito à nossa doutrina de humanidade e à nossa doutrina de Deus. Por mais subdesenvolvido que o embrião ainda possa ser, e por mais mentalmente debilitada que uma pessoa idosa possa ser, todos concordam que eles estão vivendo e que essas vidas são humanas.³⁷

O embrião já na vida intrauterina é um ser completo, possuindo essencialmente elementos que se completam e possuem funções, sendo que sem estas partes o ser humano morre. Imagine um homem sem o coração, ou o cérebro. Isso se pode pensar acerca da alma. E quais são as funções da alma? De acordo com Descartes, o pensar. Para o filósofo, “todas as funções pertencem somente ao corpo, e é fácil reconhecer que nada resta em nós que devemos atribuir à nossa alma”.³⁸ Ressalta-se que a teologia cristã protestante, em sua maioria, precisa espiritualizar a função da alma, ou seja, a alma humana só tem valor e utilidade num relacionamento com o divino, de outra forma está condenada ao inferno: lugar

³⁴ REDUA, Ashbell. Orígenes: esperança escatológica ontem e hoje. **Revista Reflexus**, Vitória/ES, 2021, vol. 15, n. 1, p. 183-206. Disponível em: [//revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268](http://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268). Acesso em 29 set. 2023, p. 196.

³⁵ ERICKSON, 2015, p. 521.

³⁶ ERICKSON, 2015, p. 521.

³⁷ STOTT, 2019, p. 462.

³⁸ DESCARTES, 1987, p. 84.

das almas inúteis; porém, se o feto é uma unidade condicional e o Código Civil Brasileiro apresenta bases para que o nascituro seja considerado pessoa desde sua concepção. Então, precisamos tratar cada ser humano como unidade, como explica Erickson:

Os seres humanos devem ser tratados como unidades. Sua condição espiritual não pode ser vista de forma independente da condição física e psicológica, e vice-versa. A medicina psicossomática é adequada. O ministério psicossomático também é apropriado. O cristão que deseja ser espiritualmente saudável dará atenção a questões como nutrição, descanso e exercícios.³⁹

Essa forma de refletir sobre a natureza do ser humano aponta para a importância integral de cada indivíduo e da raça. Sendo o feto um ser humano, ainda que em formação, ele é naturalmente único, integral em essência, como observa Ladd: “a pesquisa moderna tem reconhecido que termos como corpo, alma, e espírito não são separáveis ou diferentes do homem, mas diferentes modos de considerar o homem todo”.⁴⁰ Logo, sua formação depende da providência de Deus em oferecer ao organismo do feto tudo que ele precisa – inclusive o corpo da mãe, para que cresça e se desenvolva.

Hoekema defende a abordagem de que o ser humano é uma totalidade, afirmando que:

[...] A Bíblia descreve a pessoa humana como uma totalidade, um todo, um ser unitário. O melhor modo de determinar a concepção bíblica do homem como uma pessoa integral é examinar os termos usados para descrever os aspectos do homem. Antes de fazermos isso, contudo, cabem duas observações: (1) como foi dito, a preocupação primária da Bíblia não é a constituição psicológica ou antropológica do homem, mas a sua inescapável relação com Deus; e (2) devemos ter sempre em mente o que J. A. T. Robinson diz a respeito do uso desses termos no Antigo Testamento: “Qualquer parte, em qualquer momento, pode significar o todo”.⁴¹

Se for aceito que a pessoa humana é um ser integral – uma totalidade – nem a mãe, nem o médico, nem a família, e, muito menos a sociedade tem poder de decidir sobre a vida do feto. Seu desenvolvimento e sua existência se dão como uma rede dependente das várias partes do todo: cérebro, coração e todas as demais partes do corpo, suas emoções e de uma forma mais ampla, sua inter-relação constitutiva como ser humano, inclusive espiritual como fenômeno religioso. Nas palavras de Bultmann “segundo a concepção cristã, como fenômeno religioso supremo” e, além disso, “a religião como fenômeno do espírito humano”.⁴² Numa abordagem mais conservadora, este fenômeno está explícito no discurso soteriológico, do salvamento do homem como um todo, integralmente, destacando que “os diferentes aspectos da natureza humana devem ser, todos, contemplados e respeitados. Não deve haver

³⁹ ERICKSON, 2015, p. 523.

⁴⁰ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 458.

⁴¹ HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 232.

⁴² BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender: ensaios selecionados**. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 218.

uma desvalorização do corpo, das emoções ou do intelecto. O evangelho faz um apelo à pessoa como um todo”.⁴³

Nessa perspectiva, e de acordo com essa linha argumentativa, conclui-se que o ser humano pode ser pensado como uma unidade condicionada por vários aspectos de sua natureza: a humana. A ideia – além de demandar coragem diante de uma vida indefesa – não é a melhor opção; Deus sempre apresentará em sua palavra a defesa da vida humana, de forma que o aborto, é colocar a criatura em par de igualdade ou, até mesmo, acima de seu criador, podendo decidir se uma vida deve prosseguir seu curso natural. Stott defende prerrogativa divina nesta decisão:

Os debates sobre aborto e eutanásia são complexos. Incluem aspectos médicos, legais, teológicos, éticos, sociais e pessoais. São temas bastante emocionais, pois tocam nos mistérios da sexualidade e da reprodução humana, da vida e da morte. Ambos costumam envolver dilemas intensamente dolorosos. Mas os cristãos não podem esquivar-se da tomada de decisões pessoais ou da discussão política sobre temas simplesmente por causa de sua complexidade. O que está em jogo nos debates sobre aborto e eutanásia é nada menos do que a nossa doutrina cristã sobre Deus e a humanidade. Todos os cristãos acreditam que o Deus Todo-Poderoso é o único que dá, sustenta e tira a vida. [...] tirar uma vida humana é prerrogativa divina.⁴⁴

Não é a natureza que decide sobre a vida, mas o Deus criador. Logo, a utilização dos conhecimentos científicos e pragmáticos para defesa da vida da mãe em detrimento da vida do bebê é uma tentativa de usurpar o lugar de Deus em matéria de criação e sustento. Vozes feministas e setores políticos que delas se aproveitam “não querem que as mulheres com ‘gravidez problemática’ [...] saibam que o feto delas é um bebê, que há perigos no aborto, ou que há alternativas”.⁴⁵

Deus, em sua divina providência, dirige a natureza, de forma que a vida humana não pode – dentro da perspectiva de uma cosmovisão bíblica – estar condicionada ao acaso, onde a vida de um bebê fica refém da escolha humana. Como ironizou Frame: “imagine uma conversa casual sobre a escolha de uma mulher de assassinar seu próprio filho, como se fosse uma escolha entre dois tons de batom”.⁴⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica compreensível que a teologia protestante tenha como missão o enfrentamento da lógica objetividade-relativismo-verdade que marca este tempo. Nele, o movimento feminista se opõe ao discurso da igreja atual, pois seu discurso é pragmático no sentido clássico do termo. Isto significa que, para os pragmáticos em defesa do aborto o desejo sobrepõe às regras morais e a mera opinião acerca do corpo feminino é mais ‘conceitualmente aceito’ do

⁴³ ERICKSON, 2015, p. 523.

⁴⁴ STOTT, 2019, p. 461.

⁴⁵ FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 695.

⁴⁶ FRAME, 2019, p. 694.

que as verdades bíblicas: não importam as consequências biológicas ou espirituais, será garantido à mulher o direito decidir sobre o seu próprio corpo: essa é premissa do pragmatismo abortista.

O mundo protestante ocidental tomou emprestado o dualismo corpo-alma da cultura grega e do judaísmo a fim de sistematizar seus dogmas, como foi observado neste artigo. O grande problema do dualismo está no fato de que os dualistas dividem o mundo em dois compartimentos, mas na cosmovisão cristã o ser humano todo se relaciona com o Criador, de forma que é pressuposto cristão que “os seres humanos são seres divinos, feitos pela vontade de Deus, à sua imagem”.⁴⁷

Logo, a solução para o enfrentamento do aborto é a reflexão acerca do ser humano integral, unitário. Se o feto é um ser unitário, é um ser dependente da mulher, na sua formação providente e milagrosa; mas é independente em sua essência e indefeso por naturalidade. As Escrituras mostram que o corpo físico depende do Espírito, e que de acordo com o dogma da ressurreição o contrário também é verdadeiro, uma vez que o corpo físico está contemplado no plano de Redenção (1Co 15.35-38; Hb 6.1,2). A alienação de si priva o ser humano de sua liberdade essencial, uma vez que enxerga o corpo como vil e nocivo ao seu sucesso espiritual, gerando desprezo ao corpo fetal. Sartre afirma que “o homem está condenado a ser livre”,⁴⁸ mas sua liberdade é limitada por sua finitude, intrínseca ao ser. Por isso o Novo Testamento traz o tema da ressurreição do corpo como um dogma tão caro para a teologia protestante. Neste caso, defender um modelo alternativo, como “a unidade condicional”⁴⁹ defendida por Erickson seja um caminho mais equilibrado e menos perigoso que as igrejas cristãs em sua defesa pela vida humana. Tema este que poderá ser objeto de pesquisas futuras, tanto no campo teológico como nas ciências da religião.

Ficou evidente, que a defesa do aborto é nociva ao cristianismo por colocar em oposição, e com muito rigor: bem e mal, amor e desamor, Deus e o ser humano, o corpo e a alma e principalmente, a morte contra a vida, como foi aqui observado. Mas o ser humano é resultado da ação criadora e trinitária que o forma, constitui, gera e preserva providentemente naquilo que ele realmente é, de acordo com a soberana vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol. 2.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA KING JAMES 1611: com estudos Holman. Niterói: BV Books, 2018.

BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: ensaios selecionados. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

⁴⁷ STOTT, 2019, p. 233.

⁴⁸ ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 56.

⁴⁹ ERICKSON, 2015, p. 520-523.

DE WALL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

DESCARTES, René. **Descartes: discurso do método, as paixões da alma**. 4.ed. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla T. Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

PIERCE, Charles S. **The essential Pierce**. Bloomington: Indiana University, 1998.

PIPER, John. **Providência**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2020.

PLATÃO. **Diálogos: o Banquete, Fédon, Sofista, Político**. 4.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

REDUA, Ashbell. Orígenes: esperança escatológica ontem e hoje. **Revista Reflexus**, Vitória/ES, 2021, vol. 15, n. 1, p. 183-206. Disponível em: [//revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268](http://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268). Acesso em 29 set. 2023.

RUSHDOONY, Rousas J. **Rejeição à humanidade: os efeitos do neoplatonismo no cristianismo**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2.ed. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1986.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 2, p. 675-680, 2008.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

STOTT, John. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo**. 2.ed. Tradução de Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 2005.

TILICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4.ed. Tradução de Jaci Marashin. São Paulo: ASTE, 2007.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5.ed. Tradução de Getúlio Baertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZILLES, Urbano. **O Deus dos filósofos**. São Paulo: Paulus, 2023.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.007



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O YOUTUBE COMO FERRAMENTA PARA O CUMPRIMENTO DO MANDATO DE JESUS PARA A EVANGELIZAÇÃO

Youtube as a tool for fulfilling Jesus' mandate for evangelization

Cléber Mateus de Moraes Ribas¹

RESUMO

A internet faz parte da vida de boa parte da população mundial. Ela proporciona a possibilidade de uso para a obediência à ordem de Jesus para a evangelização de todas as pessoas. Esta ordem é para todos os discípulos de todas as épocas e sua mensagem consiste nas boas novas do Evangelho, a saber, a mensagem acerca da obra redentora de Jesus. Mais precisamente o Youtube, plataforma de vídeos da empresa Google, possui diversas vantagens para que isto seja realizado, principalmente por seu caráter global e democrático. Ainda que muitos evangélicos o utilizem de forma equivocada, há bons exemplos de evangelização devidamente contextualizada neste site. Assim, no presente artigo foram analisados o mandato de Jesus para a evangelização e o uso do Youtube para o cumprimento desta comissão, e apresentado um estudo de caso de evangelização por meio dessa plataforma. Diante disso, concluiu-se que é possível e necessário valer-se do Youtube para cumprir o mandato de Jesus acerca da evangelização.

Palavras-chaves: Evangelização. Internet. Youtube. Teologia.

ABSTRACT

The internet is part of the lives of a large part of the world's population. It offers the possibility of using it to obey Jesus' command to evangelize all people. This command is for all disciples of all times and its message consists of the good news of the Gospel, namely the message about the redemptive work of Jesus. More precisely, YouTube, Google's video platform, has several advantages for this to be done, mainly due to its

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-Graduado em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

global and democratic character. Although many evangelicals use it in the wrong way, there are good examples of evangelization properly contextualized on this site. Thus, in this article, Jesus' mandate for evangelization and the use of YouTube to fulfill this commission were analyzed and a case study of evangelization through this platform was presented. In view of this, it was concluded that it is possible and necessary to use YouTube to fulfill Jesus' mandate about evangelization.

Keywords: Evangelization. Internet. YouTube. Theology.

INTRODUÇÃO

O presente milênio trouxe inúmeras mudanças comportamentais, culturais e sociais aos seres humanos, e muito disso é devido ao avanço do acesso à Internet. A rede mundial de computadores popularizou-se a partir dos anos 2000² e desde então se tornou imprescindível para a maioria das pessoas, que permanece quase que diariamente conectada. Muitas empresas surgiram ou ganharam destaque por ocasião do advento da internet. Dentre elas está a Google, que possui um grande número de produtos em seu portfólio. Uma das principais marcas da empresa é o Youtube. Ele é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, gratuita, de simples acesso e bastante democrática, visto que qualquer pessoa pode criar um canal e postar vídeos produzidos de maneira profissional ou amadora e com os mais diversos assuntos. Em relação ao ministério pastoral, por exemplo, Varjão afirma que:

As tecnologias do rádio e da televisão permitiram que a pregação fosse realizada remotamente e o alcance da mensagem passou de dezenas para milhões de pessoas simultaneamente. Porém, estes meios de comunicação, em especial a televisão, eram caros e extremamente regulados pelos governos. Poucas pessoas tinham acesso a estes meios, que eram dominados por grandes oligopólios. Nos últimos 20 anos, a internet vem alterando esse cenário e democratizando o acesso à comunicação de massa. Atualmente qualquer pessoa, sem necessidade de outorga do governo, equipamentos especializados ou grandes conhecimentos técnicos podem produzir e transmitir sua mensagem a um público potencialmente planetário.³

É possível afirmar que o Youtube se tornou responsável, em parte, por estas mudanças na humanidade no presente século. Isto porque muitos usuários do site acessam o canal para obter conhecimentos diversos, como ideias que auxiliem em suas tarefas diárias e a aprendizagem de línguas estrangeiras, por exemplo. Além disso, muitos passaram a trabalhar exclusivamente como *youtubers*⁴.

Tal espaço tem sido explorado também por evangélicos. No entanto, não necessariamente visando a evangelização. Isto porque boa parte de seus canais são focados

² DAQUINO, F. **A história das redes sociais:** como tudo começou. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 20 out. 2020.

³ VARJÃO, Rudnei. **A comunicação do evangelho no ciberespaço:** análise da contribuição dos youtubers evangélicos para a igreja contemporânea. [Dissertação de mestrado]. Curitiba: FABAPAR, 2019, p. 14.

⁴ Os criadores de conteúdo da plataforma são chamados de *youtubers*. Muitos destes criadores acabam obtendo sucesso e sendo chamados de influenciadores digitais, devido à influência que exercem sobre seus seguidores, em especial sobre os jovens, adolescentes e crianças. Para uma melhor compreensão acerca do tema sugere-se a leitura da dissertação de mestrado de Varjão, citada anteriormente.

em questões relativas ao próprio contexto evangélico, normalmente fazendo uso de termos e jargões utilizados em âmbito eclesial. Porém, visto que a evangelização é uma ordem de Jesus, devido ao seu caráter global e democrático o Youtube se apresenta como uma excelente ferramenta para que este mandato seja cumprido, desde que seja utilizada de forma criativa. Assim, ainda que muitos não intentem utilizar a plataforma para a evangelização ou o façam de forma equivocada, é possível e preciso evangelizar de forma criativa por meio do Youtube. Desta forma, tendo isso em vista, o presente artigo apresentará a seguir uma análise sobre o mandato de Jesus para a evangelização, a utilização desta plataforma como forma de cumprimento deste mandato e, por fim, um estudo de caso a partir de um vídeo evangelístico do canal *Authentic Games*.

1. O MANDATO DE JESUS PARA A EVANGELIZAÇÃO

Após a sua ressurreição, Jesus falou aos discípulos que anunciassem o evangelho a todas as pessoas (Mc 16.15). Ele afirmou isso baseado em sua autoridade recebida da parte do Pai (Mt 28.18-20). Sobre isso, Rienecker afirma que

à palavra de autoridade do Ressuscitado segue a ordem plenipotenciária do Príncipe da vida, que diz: Ide! O magnífico e único enviado Jesus Cristo, ressuscitado, vivo e poderoso – está enviando.

Agora o envio não é provisório, limitado, transitório e para uma vez, como em Mt 10, mas definitivo, ilimitado, permanente, duradouro. Rompeu-se o estreitamento étnico da sinagoga e abriu-se a universalidade da comunidade. A comunidade de Jesus que abrange o mundo inteiro substituiu o modo etnicamente fechado de pensar da velha aliança pela nova aliança que rompe todas as barreiras.

Por isso a ordem com autoridade universal: Ide!⁵

Ou seja, não se tratava apenas de um pedido ou uma orientação, mas uma ordem pautada em sua autoridade divina. Jesus teria toda autoridade para subjugar aqueles que se opuseram a ele, mas seu propósito não era condenar as pessoas e sim que estas pudessem ser salvas por ele (Jo 3.17). Shedd afirma que a ordem acerca da evangelização coincide com os propósitos de Deus, visto que ele criou os seres humanos dotados de inteligência para que estes conhecessem a sua glória.⁶ Assim, no ato da evangelização é cumprido o desejo divino de ser conhecido e louvado como Deus de graça.⁷ Bem por isso é importante apontar que esta comissão não era restrita ao círculo dos onze, por exemplo, mas a todos os discípulos de todos os séculos seguintes. Ainda segundo Shedd,

O *Novo Testamento* emprega dois termos básicos para descrever a atividade da pregação do evangelho: 'proclamar as boas novas' (*euaggelizō*, Mc 1.14) e 'testemunhar' (*martyreo*, At 1.8; 1Jo 5.10). Marcos retrata Jesus como o

⁵ RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998. 460 p.

⁶ SHEDD, Russell P. **Fundamentos bíblicos da evangelização**. Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 15.

⁷ SHEDD, 1996, p. 21.

primeiro evangelista (1.14ss). Os discípulos foram escolhidos e treinados por ele para que fossem ‘pescadores de homens’ (Mt 4.19ss).⁸

Os discípulos de Jesus são, portanto, chamados a evangelizar e isto consiste em proclamar as boas novas.⁹ Stott aponta que o termo grego para evangelização tem por significado literalmente “trazer ou difundir boas novas”¹⁰ e, por isso, não se pode dissociar o conteúdo à prática do seu anúncio.¹¹ Shedd afirma que “o âmago da evangelização é proclamar o evangelho. A mensagem diz respeito ao Cristo crucificado e ressurrecto, única esperança capaz de redimir o homem do pecado e de sua condenação. O evangelho é a principal mensagem das Escrituras”.¹² Segundo o pacto de Lausanne,

evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem. A nossa presença cristã no mundo é indispensável à evangelização, e o mesmo se dá com aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade, a fim de compreender. Mas a evangelização propriamente dita é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir as pessoas a vir a ele pessoalmente e, assim, se reconciliarem com Deus.¹³

Portanto, pode-se estabelecer que a evangelização consiste na proclamação da mensagem e, principalmente, da obra salvífica de Jesus. Segundo Afonso e Domingues, “a responsabilidade na evangelização origina-se da força do conteúdo de sua essência: Jesus”,¹⁴ e por isso é necessário que o evangelista proclame está boa nova com alegria.¹⁵ Os referidos autores afirmam ainda que a evangelização visa a difusão de uma ideia ou doutrina “para cristianizar e fazer ‘cristão’ o ouvinte que aceita essa ideia ou doutrina”.¹⁶ Segundo Shedd, o propósito da evangelização é “dar aos indivíduos e aos grupos uma oportunidade genuína de receber a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Sua *meta* é persuadi-los a se tornarem discípulos do Senhor e a servi-lo na comunhão da igreja”.¹⁷

No entanto, é importante ressaltar que, ainda que o objetivo da evangelização seja que as pessoas se tornem seguidoras de Jesus, o ato em si não depende da aceitação ou não por parte do receptor. Ou seja, ela não depende dos resultados obtidos. Sobre isto, Shedd apontou que “o uso da palavra ‘evangelizar’ no Novo Testamento não significa ganhar convertidos, como normalmente usamos a palavra. Evangelização é o anúncio das boas novas,

⁸ SHEDD, 1996, p. 92.

⁹ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 46.

¹⁰ STOTT, John. **John Stott comenta o pacto de Lausanne**. São Paulo: ABU, 1983, p. 23.

¹¹ STOTT, 1983, p. 23.

¹² SHEDD, 1996, p. 8.

¹³ PACTO de Lausanne. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

¹⁴ AFONSO; DOMINGUES, 2017, p. 103.

¹⁵ AFONSO; DOMINGUES, 2017, p. 103.

¹⁶ AFONSO; DOMINGUES, 2017, p. 99.

¹⁷ SHEDD, 1996, p. 93.

independente dos resultados”.¹⁸ Desta forma, a aparente ineficácia por parte do evangelista não pode servir de argumento para a interrupção da evangelização. A ordem é proclamar a mensagem do Evangelho e não convencer as pessoas acerca dela.

Esta ideia equivocada pode ser por vezes um empecilho para a evangelização por meio de ferramentas em que não é possível mensurar o número de pessoas que recebem a mensagem. No entanto, a ordem de Jesus também possui um caráter global. Pode-se inferir isto não somente a partir dos textos bíblicos já apontados, mas também do texto bíblico de Atos 1.8, versículo em que Jesus afirmou que os discípulos seriam suas testemunhas em Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra, ou seja, em todos os lugares do mundo. Segundo Queiroz,

devemos evangelizar os quatro locais ao mesmo tempo. No original grego, a palavra correspondente a *tanto em é te*, que quer dizer ‘ambas’; daí a ideia de simultaneidade. Devemos ser testemunhas na nossa cidade, no nosso estado, no nosso país e no mundo todo ao mesmo tempo!¹⁹

O pacto de Lausanne demonstrou o quanto ainda é preciso ser feito no que tange à evangelização, visto que havia um grande número de pessoas ainda não evangelizadas quando foi redigido, em 1974. Segundo consta no documento,

mais de dois bilhões e setecentos milhões de pessoas, ou seja, mais de dois terços da humanidade, ainda estão por serem evangelizadas. Causa-nos vergonha ver tanta gente esquecida; continua sendo uma reprimenda para nós e para toda a igreja. Existe agora, entretanto, em muitas partes do mundo, uma receptividade sem precedentes ao Senhor Jesus Cristo.²⁰

Infelizmente, o número de pessoas não evangelizadas não diminuiu tanto desde então, sendo em 2017, 2,1 bilhões.²¹ Ou seja, além de a evangelização em âmbito global ser uma ordem de Jesus, é perceptível sua necessidade pelo grande número de pessoas que ainda não foram evangelizadas. Além disso, com o advento da Internet é possível inferir que esta realidade também pode ser extensível aos recantos virtuais. Ou seja, há pessoas em lugares que, para que sejam alcançadas, é preciso que a evangelização ocorra no mundo virtual. Obviamente, mesmo as pessoas que passam horas navegando na Internet estão em algum local do globo terrestre. No entanto, é possível afirmar que hoje muitos passam mais tempo de seus dias conectados uma vez que no Brasil, por exemplo, as pessoas passam em média dez horas diárias acessando as redes.²²

¹⁸ STOTT, 2010, p. 47.

¹⁹ QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 35.

²⁰ PACTO de Lausanne. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

²¹ PARKS, Kent. Terminando os 29% ainda não alcançados pela evangelização mundial. In: Análise global de Lausanne. 2017. v. 6. Ed. 3. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2017-05-pt-br/terminando-os-29-ainda-nao-alcancados-pela-evangelizacao-mundial>>. Acesso em: 08 fev. 2022.

²² QUANTO tempo o brasileiro gasta usando a internet por dia (e por ano)? Disponível em: <<https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2022/01/quanto-tempo-o-brasileiro-gasta-usando-internet-por-dia-e-por-ano.html>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

Tendo em vista esta realidade, pode-se imaginar que boa parte destas pessoas ainda não creu na mensagem do evangelho, muitas vezes por não ter tido acesso a ela. Por que, então, não usar a Internet para isto? Stott afirma que a evangelização independe dos meios pelos quais ela acontece, de forma que pode ser realizada através de palavras, impressos, telas e atitudes.²³ Conforme o pacto de Lausanne, “o alvo deve ser o de conseguir por todos os meios possíveis e no menor espaço de tempo, que toda pessoa tenha a oportunidade de ouvir, de compreender e de receber as boas novas”.²⁴ Queiroz afirma que

devemos ser testemunhas em nossa cidade, no trabalho, na escola, na vizinhança, na rua, falando de Cristo, distribuindo folhetos, convidando pessoas para ir à igreja, realizando programas de rádio e TV, colocando mensagens nos jornais, cartazes nas lojas, nos veículos de transporte coletivo, etc. Enfim, devemos fazer tudo para que Cristo seja conhecido em nossa Jerusalém.²⁵

Assim, é necessário e possível valer-se de meios não convencionais para pôr em prática a evangelização deste grande número de pessoas ainda não alcançadas. Ou seja, é preciso utilizar meios que possibilitem a compreensão das boas novas por parte destas, ou seja, meios que facilitem a comunicação. Obviamente, algo de suma importância para a comunicação do evangelho é a contextualização da mensagem, uma vez que se trata de uma mensagem existente já há mais de dois mil. Portanto, outro tempo, com outra cultura e outros costumes. Ou seja, a evangelização deve levar em conta o receptor. De acordo com Shedd,

A mensagem precisa adequar-se às formas do pensamento de seus receptores. Não é de grande valia a utilização de clichês evangélicos quando se desafia um público secularizado (...) A conformação da mensagem às estruturas sociais e aos padrões de comunicação é tremendamente importante para a evangelização. O anúncio luminoso em que se lê ‘Jesus liberta’ só comunicará alguma coisa a quem se perguntar: ‘Liberta do quê?’, talvez um detento ou um drogado, mas nada dirá a quem não se sente preso por nada ou a coisa alguma.²⁶

Neste sentido, evangelizar pessoas que passam a maior parte de seu tempo acessando a Internet com uma visita à sua residência para a entrega de um folheto evangelístico talvez não seja a melhor alternativa! Queiroz afirma que é preciso libertar-se da pressão tradicionalista que impõe a ideia de permanecer sempre realizando a obra da evangelização da mesma forma, ainda que seja a mesma há décadas.²⁷ Já Oliveira propõe uma reflexão interessante ao apontar perguntas acerca de como as tecnologias atuais seriam benéficas para alguns personagens do passado. Segundo ele,

para alguns mais saudosistas e puristas dos 'bons tempos antigos', como seria encarar a realidade de que se fossem disponibilizados os recursos

²³ STOTT, John. **Evangelismo**: o que é e o que não é. Disponível em: < <https://ultimato.com.br/sites/john-stott/2014/05/26/evangelismo-o-que-e-e-o-que-nao-e/> >. Acesso em: 09 set. 2023.

²⁴ PACTO de Lausanne. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

²⁵ QUEIROZ, 1998, p. 33.

²⁶ SHEDD, 1996, p. 94.

²⁷ QUEIROZ, 1998, p. 89.

tecnológicos atuais para alguém como Michelangelo, este de pronto abandonaria a limitação de suas telas e pincéis para adotar um computador pessoal equipado com os softwares gráficos que temos hoje? Ou mesmo disponibilizar para um Charles Spurgeon os meios, mesmo que mais simples de um sistema de áudio para quem à sua época pregava a milhares sem um único sistema de amplificação, ou mesmo ter à sua disposição os recursos que agora encontramos com projetores e criações visuais em multimídia? Ainda conceder a facilidade de levar uma biblioteca completa na memória de um notebook para uso e estudos pessoais a um John Wesley em suas viagens através da Inglaterra, limitado na sua época ao lombo de um animal e sua algibeira transportando alguns exemplares.²⁸

Desta forma, percebe-se que muitas vezes o que impede o avanço da evangelização é a insistência em utilizar métodos já defasados ou a falta de visão de algumas igrejas. Mas isto deve ser abandonado para que o evangelho avance àqueles que talvez não dariam ouvidos por meios tradicionais. Conforme Oliveira, é necessário pensar no caso das novas gerações que já nasceram neste contexto das novas tecnologias e da Internet. Muitas das habilidades que alguns jovens possuem e utilizam em suas carreiras derivam de jogos eletrônicos que fizeram parte de sua infância, por exemplo.²⁹

É preciso ver os pontos positivos da Internet e utilizá-la para a evangelização, desenvolvendo estratégias com metodologia nova e criativa.³⁰ E muitos têm buscado fazer isto. Segundo Carvalho, as mídias digitais têm contemplado cada vez mais a evangelização, visto que no presente século os contatos pessoais estão dando lugar ao relacionamento virtual e, ao invés de lutar contra as tecnologias, é preciso usá-las igualmente para uma evangelização eficaz.³¹ Acrescenta-se a isso o que afirma Varjão: “a internet acaba com as limitações espaciais, fazendo do ciberespaço um campo missionário”.³²

Por fim, obviamente aqui não se propõe o abandono dos meios analógicos, a evangelização presencial e outras formas de fazê-la, mas que além destas formas também se considere a evangelização que utiliza os recursos tecnológicos disponíveis na presente era. Cabe apontar também que, embora a mensagem deva ser contemporânea, ela deve se manter fiel.³³ Shedd afirmava que os métodos e meios devem ser variados conforme a época e a cultura, mas a mensagem não muda. As boas novas não se alteram em situação alguma.³⁴ Assim sendo, é fundamental que se faça uso das ferramentas disponíveis na Internet para a

²⁸ OLIVEIRA, Rogério Hernandez de. O que temer: a tecnologia ou quem a manipula? O fator humano e tecnologia nas igrejas. In: **Revista Teologia e Espiritualidade**. v. 1. n. 1. Curitiba: Faculdade Cristã de Curitiba, 2012. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-1-Agosto-2012-Artigo_5.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022. p. 11.

²⁹ OLIVEIRA, 2012, p. 10.

³⁰ PACTO de Lausanne. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

³¹ CARVALHO, Israel da Costa. **Mídias sociais: um espaço para a evangelização utilizado pela Igreja Evangélica Assembleia De Deus no Amazonas**. São Leopoldo: EST, 2016. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/750/1/carvalho_ic_tmp467.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2022. p. 22.

³² VARJÃO, 2019, p. 55.

³³ STOTT, 2010, p. 52.

³⁴ SHEDD, 1996, p. 9.

evangelização daqueles que habitam o mundo virtual. Dentre as muitas opções e ferramentas possíveis, uma das melhores a serem usadas para a evangelização é o Youtube, devido ao seu caráter democrático, abrangente e de baixo custo. Por isso, a evangelização por meio do Youtube será o assunto tratado a seguir.

2. O CUMPRIMENTO DO MANDATO DA EVANGELIZAÇÃO POR MEIO DO YOUTUBE

Como visto anteriormente, há muitas pessoas que passam boa parte de seu tempo usando a Internet. Para a evangelização destas é de suma importância utilizar os meios digitais disponíveis de uma forma atrativa e contextualizada. Sobre isso, Santos afirma que

para muitos jovens e adolescentes, nascidos na era do conhecimento, tendo suas ações e interações intermediadas pela mídia, o Evangelho transmitido apenas através de escrituras e da oralidade, associados à presença a um espaço físico pré-determinado e estático, reverte-se numa nostalgia gritante e insuportável. São necessários atrativos ou motivações que instiguem seu conhecimento e a apropriação de sua filosofia para as intermediações contemporâneas.³⁵

Além disso, conforme foi discorrido anteriormente, a Internet e as novas tecnologias estão presentes em boa parte do mundo e influenciam diretamente a vida de muitas pessoas.³⁶ Esta influência é tão grande que a partir do advento da Internet surgiu uma nova geração majoritariamente pertencente ao mundo digital, chamada de Nativos Digitais.³⁷ Sobre os integrantes desta geração, Santos afirma serem “um público ainda pouco conhecido, que surge por conta do ciberespaço, nasceu junto com a internet e vive sempre conectado. Esse público praticamente não consegue encarar a vida sem a internet e as tecnologias inerentes a esse contexto”.³⁸

Estes habitantes do mundo virtual passam boa parte do tempo navegando em sites diversos e, em especial, em redes sociais. Dentre estes, sem dúvida um dos mais acessados é o Youtube, “a maior plataforma de vídeos do planeta e, também, a ferramenta mais importante para impulsionar negócios no meio digital”.³⁹ Isto é perceptível quando são analisados os números de acesso. Segundo reportagem do portal de notícias Terra,

Com a aquisição do Youtube pelo Google, em outubro de 2006, o que antes era um simples site de vídeos com pouca visibilidade, tornou-se um

³⁵ SANTOS, Jackson. **O evangelho no novo milênio: o uso da web 2.0: uma parceria possível.** (Dissertação) São Leopoldo: EST/PPG, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/185/santos_j_tmp127.PDF> Acesso em: 2 fev. 2022. p. 40.

³⁶ SANTOS, André Guímel Carvalho. **A teologia da missão integral e a ciberteologia: desafios e oportunidades para a evangelização dos nativos digitais.** (Dissertação) Recife: UNICAP, 2019. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1198/5/andre_guimel_carvalho_santos.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022. p. 40.

³⁷ SANTOS, 2019, p. 75.

³⁸ SANTOS, 2019, p. 77.

³⁹ ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

verdadeiro fenômeno da internet, atingindo a marca de mais de 2 bilhões de usuários mensais em todo o mundo. Hoje, além de ser a plataforma de vídeos mais acessada do mundo, o Youtube é o segundo website mais visitado de toda a web, atrás apenas do seu próprio dono [a saber, o Google].⁴⁰

Ainda segundo a reportagem do portal Terra, acima citada, “um levantamento feito pela empresa Hubspot, nos Estados Unidos, constatou que os usuários consomem mais de 1 bilhão de horas de vídeos no Youtube todos os dias, no mundo todo”.⁴¹ Dentre estes usuários, os brasileiros estão entre os que mais utilizam o Youtube (cerca de 105 milhões de usuários mensais), e somente são ultrapassados pelos usuários dos Estados Unidos no número de horas assistidas.⁴² Isto se deve muito pelo caráter democrático da plataforma. Segundo Varjão, o Youtube possibilita que os usuários publiquem seus próprios vídeos e acessem vídeos postados por outros.⁴³ Ele aponta ainda que, segundo Theobald, “o Youtube é o único formato de comunicação que fornece a qualquer pessoa, quase independente de seu conhecimento técnico, uma oportunidade para comunicar ideias em um ambiente quase sem censura”.⁴⁴ Para Brandini, o crescimento do Youtube se deve também ao grande número de câmeras e smartphones com preços mais acessíveis no mercado, possibilitando que um número maior de pessoas possam produzir ou assistir vídeos na plataforma.⁴⁵ Há vários exemplos de canais que fizeram sucesso utilizando apenas uma câmera de celular, como por exemplo o canal *Comédia Selvagem*, que se tornou popular com gravações feitas apenas por meio de um smartphone e atualmente possui mais de oito milhões de seguidores.⁴⁶ Há também inúmeros canais com vídeos sobre jogos de videogame figurando entre os maiores canais brasileiros, os quais são voltados principalmente para o público infante-juvenil.⁴⁷ Da mesma forma, os evangélicos estão inseridos na plataforma produzindo conteúdo dos mais variados assuntos, isto é, a diversidade dos canais evangélicos é a mesma dos demais.⁴⁸ E o sucesso da plataforma deve perdurar por muitos anos. Conforme reportagem do site Terra,

Pesquisas de mercado elaboradas por empresas de renome no marketing digital, como Hubspot e o próprio Google, demonstram que o sucesso da plataforma está longe de ter um fim. Com a população ficando mais tempo

⁴⁰ ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁴¹ ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁴² ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁴³ VARJÃO, 2019, p. 33.

⁴⁴ THEOBALD, 2009, p. 326 *apud* VARJÃO, 2019, p. 63.

⁴⁵ VARJÃO, 2019, p. 33.

⁴⁶ COMÉDIA Selvagem. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/channel/UCrKj1r2Q7UleltxsUneeZyQ>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

⁴⁷ YOUTUBE TOP 10 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/trends/2021/br/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

⁴⁸ VARJÃO, 2019, p. 43.

em casa, o consumo de vídeos na internet cresceu ainda mais, elevando os números do Youtube a resultados nunca vistos antes.⁴⁹

Assim, é perceptível que o Youtube se mostra uma plataforma excelente para a evangelização. Seu uso permite que a mensagem chegue a milhões de pessoas que não necessariamente seriam atingidas pelos moldes tradicionais e, caso fossem, isto demandaria altos recursos pessoais e financeiros.⁵⁰ Varjão afirma que,

os limites que o ambiente de negócio do Youtube estabelece são amplos e assim, a plataforma permite que os vídeos nela postados alcancem uma multidão de pessoas ávidas a assistir conteúdos de cunho cristão. Contudo, somente postar vídeos no Youtube não é uma estratégia de evangelização, dado o direcionamento de conteúdos realizado pelos algoritmos deste serviço.⁵¹

Para Varjão, a evangelização por meio de vídeos no Youtube pode se apresentar ineficiente devido à desconexão que se apresenta no contexto de alguns canais evangélicos. Segundo ele,

os youtubers evangélicos, com frequência, dizem que desejam evangelizar através de seus vídeos. Evangelizar neste contexto significa pregar ou levar a mensagem do evangelho para pessoas que não são cristãos evangélicos, ou seja, qualquer outra vertente cristã deve ser evangelizada (católicos, ortodoxos, entre outros). Entretanto, o conteúdo dos vídeos tem um linguajar voltado totalmente ao público evangélico. Em outras palavras, existe uma desconexão entre o discurso e a prática. Essa postura sugere que a real intenção é atender o público evangélico.⁵²

Porém, está desconexão apontada anteriormente não deve servir de desculpa para que a prática da evangelização por meio do Youtube seja abandonada. Pelo contrário, é mister que os evangélicos utilizem a plataforma de maneira correta, com uma comunicação contextualizada e pautada na mensagem de boas novas. Santos afirma que

Muitos evangélicos podem vir a se sentir, em um futuro relativamente próximo, culpados pelo não uso e/ou pelo atraso na apropriação das mídias e consequente utilização em sua práxis evangélica. Na Internet, temos uma releitura do inter-relacionamento evangélico, na qual o fazer e o conviver se revertem da virtualidade, criando e implementando assim espaços nunca antes imaginados como palco de evangelização.⁵³

Mas, diante desta desconexão aparente, como deveria ocorrer a evangelização por meio de vídeos no Youtube? Seria de fato viável produzir vídeos evangelísticos sem serem descontextualizados da realidade dos não evangélicos? Certamente que sim! Há bons exemplos de evangelização neste formato na plataforma em canais que não são

⁴⁹ ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁵⁰ SANTOS, 2010, p. 17.

⁵¹ VARJÃO, 2019, p. 103.

⁵² VARJÃO, 2019, p. 44.

⁵³ SANTOS, 2010, p. 17.

necessariamente voltados para o público evangélico. A seguir será analisado um destes, a saber, um vídeo do canal *Authentic Games* sobre o verdadeiro sentido da Páscoa.

3. ESTUDO DE CASO DE EVANGELIZAÇÃO VIA YOUTUBE

Dentre os canais do Youtube que não é focado no público evangélico, mas produz vídeos evangelísticos interessantes está o canal *Authentic Games*. De propriedade de Marco Túlio Matos Vieira, ele “foi criado em outubro de 2011 e atualmente possui mais de vinte milhões de inscritos e já atingiu mais de oito bilhões de visualizações”.⁵⁴ Segundo o proprietário, em entrevista a um programa televisivo, seu canal tem por público-alvo crianças de 4 a 10 anos.⁵⁵ Devido ao sucesso do canal, o *youtuber* é seguido por muitas pessoas visto que, em cada uma de suas redes sociais (Twitter, Instagram e Tik Tok), ele possui mais de 1,5 milhões de seguidores.⁵⁶

O canal é focado na produção de vídeos a partir do jogo Minecraft. Conforme Wakka, o jogo é “um dos títulos mais clássicos do universo dos games, modificando toda uma geração de jogadores e produtores de conteúdos. Lançado em 2009, ainda é um fenômeno como o título com mais visualizações do Youtube ainda em 2020”.⁵⁷ O jogo, de propriedade da Microsoft, possui mais de 140 milhões de usuários ativos, vendeu mais de 238 milhões de cópias e “ainda mantém 58% da sua base instalada ainda ativa na comunidade”.⁵⁸

Sobre a jogabilidade, Monteiro afirma que

A jogabilidade de **Minecraft** ficou famosa pelo seu enorme mundo aberto e a possibilidade de construir quase qualquer coisa. Usuários podem quebrar árvores, criar ferramentas e obter minérios mais fortes para ir cada vez mais longe no jogo e obter materiais cada vez mais raros. No início, é preciso construir uma base para manter-se seguro contra os monstros que atacam à noite, mas logo os jogadores se lançam em jornadas subterrâneas para obter diamantes ou constroem portais para explorar outras dimensões.

O game conta com dois modos principais: Sobrevivência e Criativo. No modo Sobrevivência, **Minecraft** é um jogo de aventura intenso com monstros como Creepers que irão se esgueirar quando o usuário não os vir e explodir suas construções. Neste modo há também uma barra de fome que força o jogador a buscar constantemente comida para se alimentar. Já no modo Criativo, usuários podem aproveitar uma experiência mais casual apenas com a parte

⁵⁴ AUTHENTIC Games. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/user/authenticgames>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁵⁵ MARCO Tulio, o Authentic Games, fala sobre seu público na internet. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6945856/?s=0s>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁵⁶ MARCO Tulio (Authentic Games). Disponível em: <<https://criadoresid.com/criador/marco-tulio/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁵⁷ WAKKA, Wagner. **Minecraft tem 140 milhões de usuários, com maioria adulta nos EUA e na Europa**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/games/minecraft-tem-140-milhoes-de-usuarios-com-maioria-adulta-nos-eua-e-na-europa-184089/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁵⁸ WAKKA, Wagner. **Minecraft tem 140 milhões de usuários, com maioria adulta nos EUA e na Europa**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/games/minecraft-tem-140-milhoes-de-usuarios-com-maioria-adulta-nos-eua-e-na-europa-184089/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

de construção do jogo, sem monstros, fome ou limitação de recursos. O modo Criativo não está disponível na versão de testes.⁵⁹

Na entrevista concedida a um programa televisivo anteriormente citada, Marco Túlio, ao ser questionado sobre como explicaria o sucesso de seu canal em termos de visualizações, creditou isto a Deus, afirmando que procurava sempre orar antes de desenvolver os vídeos, além de atribuir a sua criatividade ao Senhor.⁶⁰ No site oficial do canal ele afirma que o propósito deste é: “ser uma fonte de entretenimento com excelência e influência para as crianças, baseado em princípios cristãos! Ser solução para a família em um universo de conteúdos que não agregam para a formação de um indivíduo. Onde existe trevas, somos Luz!”⁶¹ Portanto, percebe-se que ele é um youtuber cristão que produz conteúdo para um público-alvo não necessariamente cristão. Mas, dentre seus vídeos, há alguns que claramente visam a evangelização de seus seguidores. Aqui será analisado um destes, a saber, o vídeo “*A verdadeira história da Páscoa: aventuras com MODS #78*”.

O vídeo em questão foi postado no dia 30 de março de 2018 e tem mais de quatro milhões e trezentas mil visualizações e cento e noventa mil curtidas (avaliações positivas).⁶² Devido ao público-alvo do canal, a linguagem é predominantemente voltada para crianças. A história, toda ambientada no jogo Minecraft, gira em torno de dois personagens que desejam conhecer a verdadeira história da Páscoa. Para uma melhor compreensão, a seguir será apresentado um breve resumo do vídeo.

A história apresenta Tetê e Cauê, personagens fictícios do mundo de Minecraft. A história é contada por meio de conversas entre os personagens, narração e leitura de trechos dos evangelhos. Eles estão próximos da data da celebração da Páscoa e Cauê se mostra animado pelo fato de poder comer ovos de Páscoa. Tetê, porém, aponta que este não é o verdadeiro sentido da Páscoa. Ele propõe a Cauê que ambos leiam a Bíblia para conhecer o verdadeiro significado da celebração. Quando eles abrem a Bíblia inicia uma narração sobre a desobediência de Adão e a consequência dela para a humanidade. A seguir, os personagens entram em algo como um túnel do tempo, onde passam por momentos importantes da história da humanidade, desde a criação até chegarem à cidade de Jerusalém dos tempos do ministério de Jesus. Lá eles encontram uma mulher que afirma ter sido curada por Jesus. Ela lhes afirma que Jesus estava na entrada da cidade. Os personagens acompanham alguns dos últimos momentos de Jesus antes da crucificação: a entrada triunfal, o lava-pés, a Ceia, a oração no Getsêmani, sua prisão, e quando esteve diante de Pilatos. Também veem a crucificação, o sepultamento, a ressurreição, a grande comissão e a ascensão de Jesus. Após acompanhar estes relatos ambos afirmam que desejam voltar para sua realidade e falar sobre

⁵⁹ MONTEIRO, Rafael. **Minecraft Trial no Now.gg**: veja como jogar de graça no PC e celular. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2022/01/minecraft-trial-no-nowgg-veja-como-jogar-de-graca-no-pc-e-celular.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁶⁰ MARCO Tulio, o Authentic Games, fala sobre seu público na internet. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6945856/?s=0s>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁶¹ PROPÓSITO do canal. Disponível em: <<https://canalauthenticgames.com.br/conheca-o-marco-tulio/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁶² A VERDADEIRA história da Páscoa: aventuras com mods #78. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QenWSLwIVvI>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

Jesus para as outras pessoas. O personagem Tetê agradece aos que assistiram ao vídeo e afirma que Jesus os ama.

Assim, percebe-se que o vídeo apresenta em seu conteúdo a condição pecaminosa dos seres humanos, a obra de Jesus, sua morte e ressurreição para perdão dos pecados, além do convite à fé em Cristo. Ou seja, a boa nova é claramente apresentada de forma contextualizada e conectada ao seu público-alvo. Algo bastante interessante a se analisar também é o feedback proporcionado pelos comentários sobre o vídeo. É claro que uma análise mais acurada acerca destes, embora seja deveras pertinente para a análise proposta, apresenta-se inviável, uma vez que se trata de mais de dezoito mil comentários. No entanto, em uma observação rápida é possível encontrar diversos relatos de pessoas que afirmaram não saber que a Páscoa cristã remetia à morte e ressurreição de Jesus. Em um comentário, por exemplo, uma pessoa afirmou que não sabia que Jesus havia morrido em favor da humanidade, disse pedir desculpas pelos seus pecados e declarou amar a Jesus. Para enfatizar o comentário, ela usa figuras que ilustram chorar copiosamente. Além disso, muitos afirmaram que eram pais ou professores de crianças e que as crianças sob sua responsabilidade haviam assistido ao vídeo. Por exemplo, há um comentário em que a pessoa afirmava ser mãe de uma criança de seis anos que a chamara para dizer-lhe que o autor do vídeo estava falando sobre Jesus. Outra afirmou que mostrou o vídeo para os seus alunos, que já assistiam ao conteúdo disponibilizado pelo canal.⁶³

Desta forma, é possível afirmar que o vídeo analisado cumpre bem o propósito de anunciar o evangelho por meio do Youtube. Assim sendo, mostra-se um bom exemplo a ser seguido na produção de vídeos evangelísticos por esta plataforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discípulos de Jesus receberam uma ordem clara da parte de Jesus: anunciar o Evangelho a todas as pessoas. Ainda que nem sempre seja possível mensurar os resultados da evangelização, é mister anunciar a mensagem valendo-se de todos os meios possíveis e de forma contextualizada aos possíveis receptores. Na atualidade há um grande número de pessoas ainda não evangelizadas e muitas delas estão inseridas no mundo digital. Neste sentido, o Youtube pode ser visto como uma ferramenta bastante útil para a evangelização no meio digital. Os vídeos postados na plataforma têm um alcance global e, por conseguinte, podem chegar a inúmeras pessoas em vários lugares diferentes do Brasil e do mundo.

No entanto, muitos cristãos com canais na plataforma não cumprem este propósito devido a fatores como a descontextualização do público não cristão. Por isso, algumas observações precisam ser consideradas. Primeiramente, em relação à contextualização ao público-alvo. Inúmeras pessoas utilizam o Youtube para assistir vídeos de conteúdos diversos e, em sua grande maioria, não religiosos. Por isso, é preciso que o evangelista esteja disposto a adequar a linguagem e utilizar estes temas para a evangelização destes grupos. Por exemplo,

⁶³ A VERDADEIRA história da Páscoa: aventuras com mods #78. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QenWSLwIVvI>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

no vídeo analisado neste artigo o autor utilizou um jogo de interesse de milhões de pessoas para anunciar o evangelho. E o alcance foi muito grande. No entanto, se ele tivesse um canal exclusivamente para tratar de temas eclesiais ou apenas transmitisse os cultos de sua igreja certamente não teria o mesmo alcance. Além disso, ainda que utilizasse o jogo, se ele usasse linguagem adulta ou ainda jargões evangélicos e leituras bíblicas de versões muito antigas, certamente a comunicação seria ineficaz.

Desta forma, mostra-se claramente possível o uso desta ferramenta observando-se as questões acima apontadas para a evangelização de pessoas que, pelos meios comuns de evangelização, não seriam atingidas. Assim, é possível fazer o mesmo também para outros assuntos comuns aos usuários da plataforma, como por exemplo: esporte, culinária, animes e mangás, filmes, ensino de idiomas, artesanato e muitos outros. Obviamente, cabe apontar que isto não impede que haja vídeos confessionais ou para o público evangélico, mas estes não necessariamente devem ser considerados evangelísticos. Além disso, por conta deste caráter democrático e de fácil acesso, o Youtube também pode ser utilizado para o auxílio no ensino cristão e na evangelização pessoal, uma vez que é possível realizar vídeos que sirvam de suporte para encontros presenciais. Portanto, há uma infinidade de possibilidades de uso do Youtube para a evangelização. No entanto, é mister manter-se atento ao conteúdo da mensagem, que não pode variar. O público-alvo, a linguagem, a forma de apresentação e o tema podem mudar, mas a mensagem permanecerá sempre sendo a mesma. Conforme Shedd,

Embora os métodos e os meios evangelísticos possam apresentar diferenças conforme a época e a cultura, a mensagem não pode sofrer alteração. As línguas e os contextos podem apresentar desafios distintos em todo o mundo, mas as 'boas novas' não deverão prescindir de seu conteúdo básico, onde quer que seja.⁶⁴

Portanto, cabe aos evangélicos se valerem cada vez mais desta ferramenta que pode ser tão benéfica no cumprimento do mandato de Jesus. Para isso é preciso contextualização, uma boa comunicação e, principalmente, a mensagem proclamada em sua essência.

REFERÊNCIAS

A VERDADEIRA história da Páscoa: aventuras com mods #78. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QenWSLwIVvI>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

AFONSO, Marcio Luiz Callado; DOMINGUES, Gleyds Silva. A igreja e sua missão evangelizadora. In: **Revista Teologia e Espiritualidade**. v. 4. n. 8. Curitiba: Faculdade Cristã de Curitiba, 2017. p. 97-118. Disponível em: <<https://faculdadecristadecuritiba.com.br/wp-content/uploads/2018/11/Numero-8-Dezembro-2017-Art6.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

AUTHENTIC Games. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/user/authenticgames>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁶⁴ SHEDD, 1996, p. 9.

CARVALHO, Israel da Costa. **Mídias sociais: um espaço para a evangelização** utilizado pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas. São Leopoldo: EST, 2016. 78 p. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/750/1/carvalho_ic_tmp467.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2022.

COMÉDIA Selvagem. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/channel/UCrKj1r2Q7UeltxsUneeZyQ>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

DAQUINO, F. **A história das redes sociais: como tudo começou**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ESTUDOS de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MARCO Tulio (Authentic Games). Disponível em: <<https://criadoresid.com/criador/marco-tulio/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

MARCO Tulio, o Authentic Games, fala sobre seu público na internet. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6945856/?s=0s>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

MONTEIRO, Rafael. **Minecraft Trial no Now.gg: veja como jogar de graça no PC e celular**. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2022/01/minecraft-trial-no-nowgg-veja-como-jogar-de-graca-no-pc-e-celular.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

OLIVEIRA, Rogério Hernandez de. O que temer: a tecnologia ou quem a manipula? O fator humano e tecnologia nas igrejas. In: **Revista Teologia e Espiritualidade**. v. 1. n. 1. Curitiba: Faculdade Cristã de Curitiba, 2012. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-1-Agosto-2012-Artigo_5.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

PACTO de Lausanne. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

PROPÓSITO do Canal. Disponível em: <<https://canalauthenticgames.com.br/conheca-o-marco-tulio/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

QUANTO tempo o brasileiro gasta usando a internet por dia (e por ano)? Disponível em: <<https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2022/01/quanto-tempo-o-brasileiro-gasta-usando-internet-por-dia-e-por-ano.html>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões**. 5.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 236 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 460 p.

SANTOS, André Guímel Carvalho. **A Teologia da missão integral e a ciberteologia: desafios e oportunidades para a evangelização dos nativos digitais.** (Dissertação) Recife: UNICAP, 2019. 102 p. Disponível em:

<http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1198/5/andre_guimel_carvalho_santos.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022. Acesso em: 3 fev. 2022.

SANTOS, Jackson. **O evangelho no novo milênio: o uso da web 2.0: uma parceria possível.** (Dissertação) São Leopoldo: EST/PPG, 2010. 76 p. Disponível em:

<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/185/santos_j_tmp127.PDF>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SHEDD, Russell P. **Fundamentos bíblicos da evangelização.** Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1996. 125 p.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno.** Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. 159 p.

STOTT, John. **Evangelismo: o que é e o que não é.** Disponível em:

<<https://ultimato.com.br/sites/john-stott/2014/05/26/evangelismo-o-que-e-e-o-que-nao-e/>>. Acesso em: 09 set. 2022.

STOTT, John. **John Stott comenta o pacto de Lausanne.** São Paulo: ABU, 1983. 61 p.

VARJÃO, Rudnei. **A comunicação do evangelho no ciberespaço: análise da contribuição dos youtubers evangélicos para a igreja contemporânea.** (Dissertação de mestrado). Curitiba: FABAPAR, 2019. 220 p.

WAKKA, Wagner. **Minecraft tem 140 milhões de usuários, com maioria adulta nos EUA e na Europa.** Disponível em: <<https://canaltech.com.br/games/minecraft-tem-140-milhoes-de-usuarios-com-maioria-adulta-nos-eua-e-na-europa-184089/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

YOUTUBE top 10 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/trends/2021/br/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.008



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A SAGRADA ESCRITURA E O EXERCÍCIO FÍSICO Holy Scripture and physical exercise

Thiago da Mata de Oliveira¹

RESUMO

A relação entre o Exercício Físico e a Sagrada Escritura é um assunto pouco abordado entre os cristãos atualmente. Apesar dessa triste realidade, a relação entre eles existe e deve ser clara e suficientemente explicada. É importante e necessário explicitar que os textos bíblicos não condenam a prática de se exercitar, pelo contrário, de certa forma, evidencia-se que o salvo em Cristo Jesus há de cuidar muito bem do corpo. Nesse sentido, fica evidente que o texto Sagrado não condena, mas valida o ato de praticar exercício físico. Essa validação é parte integrante da prática de exercer uma boa mordomia, uma vez que o cristão é mordomo de tudo o que Deus lhe confiou. Então, o ponto de reflexão é se os cristãos estão ou não cuidando do corpo corretamente, o que implica entender se estão vivendo suas vidas para a glória de Deus. Caso a resposta seja negativa, uma vez que é possível fisicamente o cristão praticar, presume-se que está agindo de forma idólatra em relação ao corpo, portanto, para sua própria glória.

Palavras-chave: Exercício físico. Sagrada Escritura. Mordomia. Idolatria.

ABSTRACT

The relation between physical exercise and the Holy Scripture is a subject that is little discussed among Christians today. Despite this sad reality, the relation between them does exist and should be clearly and sufficiently explained. It is important and necessary to make it clear that the biblical texts do not condemn the practice of exercising, on the contrary, in a certain way, they show that the saved in Christ Jesus must take very good

¹ Licenciado em Educação Física pela Faculdade Pindamonhangaba, SP; Bacharel em Educação Física pela UNIASSSELVI, SC; Formado em Teologia pelo Instituto Bíblico Peniel, Jacutinga, MG; Mestre em Ministério pela Carolina University, NC, EUA; Mestrando em Divindade pela Grace School of Theology, TX, EUA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7011-6226> E-mail: thiogodamata.oliveira@gmail.com

care of their body. In this sense, it is clear that the Sacred Text does not condemn, but validates the act of physical exercise. This validation is an integral part of the practice of exercising a good stewardship, since Christians are stewards of all that God has entrusted to them. So the point of reflection is whether or not Christians are taking care of their bodies correctly, which implies understanding if they are living their lives for the glory of God. If the answer is no, since it is physically possible for the Christian to practice, it is assumed that they are acting idolatrously towards the body, and therefore for their own glory.

Keywords: Physical exercise. Holy scripture. Stewardship. Idolatry.

INTRODUÇÃO

A proposta elucidada neste artigo diz respeito à importância de compreender a relação entre a Sagrada Escritura (Bíblia) e o exercício físico.² Não se tem a pretensão de esgotar o estudo do objeto, mas de apresentar argumentos que visam trazer luz à relação entre a Bíblia e a prática do exercício físico.

Para tal propósito, elege-se como questão-problema a seguinte inquietação: A Bíblia condena ou não condena a prática do exercício físico? Ou seja, intenta-se aqui mostrar a relação de forma mais concreta entre o exercício físico e a Bíblia.

Para tal reflexão, serão explicitados os conceitos e praticidade nos estudos de Azevedo (2019), Bräumer (2016), Cáceres (2012), Calvino (2013), Erickson (2015), Jones (2022), Junior (2014), Keener (2017), Kidner (1985), Kistemacker (2006), Lehman (2015), Merrill (2009), Moody (2001), Pennington (2019) e Stott (2011).

O eixo metodológico parte da análise bibliográfica, discutindo o assunto presente em livros, publicações periódicas, revistas e artigos científicos, jornais, boletins, monografias e dissertações, tendo o devido cuidado para não cair no erro da falta de coerência nos argumentos apresentados com relação ao objeto de estudo. Além disso, serão trabalhados estudos de caso, o que torna a metodologia não somente bibliográfica.

Reitera-se ainda que, apesar de não haver informações explícitas na Bíblia sobre a relação desta com a prática do exercício físico, acredita-se que a Bíblia lida com a restauração da vida de forma geral, não somente espiritual. Por conta disso, espera-se encontrar validade e não condenação da prática do exercício físico.

1. UM ESCLARECIMENTO: A BÍBLIA E OS EXERCÍCIOS FÍSICOS

Esclarecer o que parece ser evidente é redundante, no entanto, quando o assunto é exercício físico, não é veraz a compreensão da relevância da prática para todos os que creem verdadeiramente que Jesus é seu único e suficiente salvador. Por outro lado, é verdade que, dentre a massa de salvos, alguns entendem a importância do cuidado com o corpo, a ponto de estarem dispostos a se engajar em alguma atividade física.³

² Este trabalho entende que o exercício físico constitui uma atividade física sistematizada, repetida, com ritmo e tempo de duração definidos.

³ SANTOS, Mariana S. *Religiosidade, apoio social e atividade física em adultos residentes em Curitiba-PR*. 2010. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Paraná, Curitiba, 2010, p.41.

O problema, no entanto, é que esse entendimento não é unânime, haja vista o grupo dos cristãos mais fundamentalistas que interpretam a Bíblia de forma literal (sem respeitar a hermenêutica saudável) não praticando exercícios físicos e com dificuldade de observar a importância do cuidado do corpo na vida.⁴ Devido a isso, torna-se crucial esclarecer a relação do exercício físico com a Bíblia. Serão trabalhados sobre este ponto os textos bíblicos que, de alguma forma, relacionam-se à prática do exercício físico permitindo assim concluir se a *Bíblia recomenda ou condena a prática de exercício físico*.

1.1 Texto Bíblico

Os textos bíblicos pontuados neste trabalho foram selecionados de forma especial para mostrar sua relação com o exercício físico. Ao mostrar essa relação, pretende-se clarear as implicações dos textos para uma vida cristã saudável. Os textos selecionados e que serão adiante analisados foram Gênesis 2.7, 1 Coríntios 6.19-20, 1 Coríntios 10.31, 1 Timóteo 4.8 e 3 João 2.

1.1.1 Gênesis 2.7

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.⁵

Esse texto não está falando especificamente sobre exercício físico, mas está mostrando, de forma nítida, como Deus formou o ser humano. O que é válido para a presente reflexão é saber que Deus, como Autor principal da criação humana, formou, como um Oleiro Todo Poderoso, o homem do pó da terra. Literalmente, o homem foi feito do pó da terra.⁶ O cenário do texto remonta:

... a ideia do oleiro que umedece a argila, põe-na no torno e, depois, modela-a cuidadosa e habilidosamente formando o vaso de sua escolha, também o Senhor escavou a terra e, com cuidado e propósito, modelou-a em um homem. Assim, o homem não foi um acidente, mas o produto de um Oleiro onisciente que o produziu exatamente como o ser que queria que o homem fosse (Is 64.8; Jr 18.1-6; Rm 9.21).⁷

A criação da humanidade a partir do pó é observável a partir da constituição do organismo humano, em que são encontrados de quinze a dezesseis elementos químicos originários da terra.⁸ Agora, é ponderável que:

Enquanto o ser humano for apenas uma figura feita do pó da terra, ele está morto, é um cadáver. Os mortos são iguais ao pó, eles moram no pó. Os mortos são aqueles que estão deitados no pó, adormecidos. Somente o fôlego da vida que Deus soprou nas narinas do ser humano transforma o

⁴ PENNINGTON, Collin G. *Faith, physical activity, and physical education*. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335841227_FAITH_PHYSICAL_ACTIVITY_AND_PHYSICAL_EDUCATION>. Acesso em 23 de junho de 2023, p. 4.

⁵ Este artigo utilizará a versão bíblica: Revista e Atualizada (ARA) quando não será feita a indicação.

⁶ MOODY, D. L. *Comentário bíblico Moody: Gênesis a Deuteronômio*. São Paulo: Batista Regular, 2001, p. 6.

⁷ MERRILL, E. H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd, 2009, vol. 1, p. 180.

⁸ SOUZA, I. N. *Gênesis: comentário bíblico*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2007, p. 30.

cadáver em um ser vivo. O ser humano, portanto, existe de duas formas, como cadáver e como ser vivo. Somente o fôlego divino da vida que se une ao material faz do ser humano um ser vivo, tanto no aspecto físico quanto psíquico. Esta vida provém diretamente de Deus.⁹

Em outras palavras, o ser humano não estava completo enquanto Deus não soprou nele o fôlego de vida, que permeou o material recém-criado e o tornou um ser vivente.¹⁰ Foram necessárias para a criação do ser humano tanto a parte física, quanto a espiritual. Isso deixa bem claro que o ser humano é uma unidade¹¹, sendo possível afirmar que um não é mais importante que o outro, mas, em termos criacionais, os dois são importantes para Deus. Conclui-se que não é válido o gnosticismo pós-moderno que abomina o físico.

Aliás, é importante explicar que Deus é Espírito (Jo 4.24), no entanto, Ele fez os humanos seres psicossomáticos – o que significa que a sua composição inclui os aspectos material e espiritual – e ambos requerem atenção para serem vividos de maneira que o agrade.¹² Diante disso, é crucial cuidar do corpo e estar continuamente em forma para ser utilizado visando a glória de Deus.

1.1.2 1 Coríntios 6.19-20

Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que está em vocês e que vocês receberam de Deus, e que vocês não pertencem a vocês mesmos? Porque vocês foram comprados por preço. Agora, pois, glorifiquem a Deus no corpo de vocês.

De forma categórica, Paulo afirma no v.19, de 1 Coríntios, que todo cidadão que é salvo em Cristo Jesus é santuário ou templo do Espírito Santo. Em outras palavras, independentemente para onde caminha, o cristão é portador do Espírito Santo, templo em que apraz Deus habitar.¹³ Saber disso deveria ser suficiente para eliminar toda e qualquer forma de conduta que não seja apropriada para o templo de Deus – corpo.

De forma direta no texto, ao falar isso, Paulo confronta o pecado da imoralidade sexual explícito no contexto (1 Co 6.12-20), mas o princípio pode ser aplicado de forma ampla.¹⁴ Tudo o que é inconveniente no templo de Deus deve ser rejeitado no corpo do filho de Deus. Agora, por quê? No v.20, do texto citado, Paulo responde que os salvos foram comprados por alto preço, o que deve remeter o leitor ao momento em que Cristo morreu na cruz do calvário, em que deu sua vida em prol dos pecadores que, de forma urgente, devem se motivar a glorificar a Deus na utilização do corpo.

É importante notar que este glorificar a Deus tem tanto aspecto positivo, quanto negativo. No aspecto negativo, o cristão deve eliminar as coisas que corrompem o corpo,

⁹ BRÄUMER, H. *Gênesis*. Curitiba: Esperança, 2019, vol. 1, p. 86-87.

¹⁰ BRÄUMER, 2019, p. 4.

¹¹ KIDNER, D. *Gênesis*: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 57.

¹² LEHMAN, John. *Fit For The Master*: Glorifying God in a Healthy Body. Great Writing, 2015, p. 24-25.

¹³ MORRIS, L. *1 Coríntios*: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p. 82.

¹⁴ MORRIS, 1981, p. 83.

como os pecados sexuais, a falta de exercício físico, dormir demais, a má alimentação e assim por diante. No aspecto positivo, deve evidenciar Aquele que veio habitar nele.¹⁵

Diante da verdade revelada no texto, é importante o cristão entender que é inconveniente para o corpo físico a falta da prática de exercício físico e que, de fato, alguém que não cuida do corpo é o tipo de pessoa que não está preocupada em glorificar a Deus.

1.1.3 1 Coríntios 10.31

Portanto, se vocês comem, ou bebem ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.

Mais uma vez, o texto não está falando especificamente sobre o cuidado com o corpo através do exercício físico, mas o conteúdo do texto de forma pontual pode e, em alguma medida, deve levar o leitor a pensar sobre o cuidado com o corpo. O apóstolo Paulo está fechando sua argumentação, deixando claro que o cristão não deveria se preocupar com seus direitos (1Co 10.23,29), senão com a glória de Deus. Isso envolve as coisas mais simples da vida como comer ou beber e implica entender que não há parte alguma da vida ou conduta do cristão, por mais insignificante que seja, que não esteja relacionada com a glória de Deus e, portanto, deve estar motivado, sim a tudo fazer para promovê-la.¹⁶

Olhando para esse texto, algumas perguntas são necessárias: não seria correto entender que o fazer tudo para glória de Deus implica o cuidado com o corpo? Não cuidar do corpo, ou melhor, viver a vida na inatividade física seria uma forma de viver a vida para a glória do Senhor?

A resposta para as perguntas suscetivelmente é um sonoro *sim e não*. Sim, porque não é correto acreditar que é possível glorificar a Deus, deixando o cuidado do corpo de lado. E não, porque viver a vida de forma inativa fisicamente não deveria ser uma opção para o salvo em Cristo Jesus, que tem a possibilidade de praticar exercício físico. Esta afirmação leva em conta, o desejo de viver a vida exaltando a Deus em todas as áreas da vida.

1.1.4 1 Timóteo 4.8

Pois o exercício físico tem algum valor, mas a piedade tem valor para tudo, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de vir.

Primeiro Timóteo 4.8 é, provavelmente, o texto mais usado fora de contexto entre os cristãos para afirmar que o exercício físico não tem proveito ou valor algum. Indubitavelmente, não é isso que o autor está afirmando. Aliás, o foco de Paulo, no contexto maior, no qual este texto está inserido não é falar sobre o exercício físico¹⁷, mas ressaltar o valor da piedade, afinal esta tem promessa para hoje e eternamente.

¹⁵ MOODY, D. L. **Comentário bíblico Moody**: Romanos à Apocalipse. São Paulo: Batista Regular, 2001, vol. 5, p. 81.

¹⁶ CALVINO, J. **1 Coríntios**: série de comentários. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 373.

¹⁷ KELLY, J. N. D. **1 e 2 Timóteo e Tito**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 98.

Muito embora não seja o foco da passagem, é inegável, no entanto, que Paulo reconhece que o treinamento, isto é, o exercício físico pode ser proveitoso.¹⁸ Há quem diga que o próprio Paulo, ao realizar longas viagens, tinha o costume de se exercitar.¹⁹

Independentemente se é verdade ou não, o ponto da reflexão é que os exercícios beneficiam o corpo apenas nesta vida, ao passo que o exercício da piedade é proveitoso hoje e na eternidade. Paulo não pede que Timóteo escolha entre um e outro. É necessário praticar ambos, mas se concentrar na piedade.²⁰

1.1.5.3 João 2

Amado, peço a Deus que tudo corra bem com você e que esteja com boa saúde, assim como vai bem a sua alma.

Este texto, de 3 João 2, é um daqueles textos que não tem como não olhar para o cuidado com o corpo. Embora, ele possa ser observado e aplicado para todos os cristãos, é imprescindível entender que sua ênfase recai nos líderes espirituais das igrejas.

João, apóstolo amado do Senhor Jesus, escreve ao presbítero Gaio. O texto deixa explícito que ele tem Gaio em grande estima ao chamá-lo de amado, e o fato de ele pedir a Deus em favor de Gaio demonstra esse carinho. O pedido de João a Deus é claro – que tudo corra bem com você e esteja com boa saúde, assim como vai bem a sua alma.

Note que, às vezes, Paulo usa esta palavra – saúde, metaforicamente falando da sã doutrina, mas aqui o sentido é de boa saúde física.²¹ Não é somente Paulo que utiliza essa expressão na acepção de saúde física; Lucas, o médico, também faz tal uso (Lc 5.31; 7.10; 15.27). A forma como João colocou para Gaio pode indicar que talvez ele estivesse doente.²²

O ponto é que não há a necessidade de ele se preocupar pela vida espiritual de Gaio, uma vez que o autor mostra que está bem, mas há a necessidade de se preocupar com a saúde física (corpo físico) desse presbítero. Ao que parece, há uma autorização bíblica para desejar o bem-estar físico, bem como o bem-estar espiritual dos amigos cristãos²³, mostrando assim a importância que o cuidado com o corpo tem na vida cristã.

1.2 Recomendação ou condenação

A Bíblia não possui uma declaração condenando ou recomendando fortemente a prática do exercício físico, como o faz com as ordenanças ao longo dela²⁴, mas, a partir dos textos abordados, fica evidente que não há nada de errado no fato de um cristão se exercitar.²⁵ Pelo contrário, o cristão comprometido com o Evangelho e desejoso de glorificar ao Senhor o

¹⁸ SPAIN, C. **Epístolas de Paulo a Timóteo e Tito**. São Paulo: Vida Cristã, 1980, p. 94.

¹⁹ KEENER, C. S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 724.

²⁰ KEENER, 2017, p. 724.

²¹ KISTEMAKER, S. J. **Comentário de Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 520.

²² MOODY, 2001, p. 394.

²³ STOTT, J. R. W. **1, 2, 3 João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 188.

²⁴ Por exemplo: existe ordenança para amar a Deus e o próximo (Mt 22.37-39), bem como para viver em santidade (1Pd 1.16-17).

²⁵ GOT QUESTIONS. **O Cristão deve se exercitar? O que a Bíblia diz sobre a saúde?** Disponível em <<http://www.gotquestions.org/Portugues/exercicio-cristao.html>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

tempo todo há de cuidar bem do corpo, o que implica, entre alguns pontos, praticar exercício físico.

Nesse sentido, bíblicamente falando, há uma espécie de validação para quem almeja viver a vida glorificando ao Senhor no dia a dia ao praticar exercício físico.

2. UM ENCORAJAMENTO: A MORDOMIA DO CORPO

Refletir sobre o cuidado com o corpo é sempre desafiador, principalmente quando se vive em uma sociedade onde os extremos são considerados normais. É fácil encontrar pessoas que vivem suas vidas sem praticar absolutamente nada de exercício físico e outras que praticam de forma excessiva, fazendo do exercício uma idolatria.

Longe de tal abordagem, a Sagrada Escritura nega qualquer possibilidade de idolatrar algo, inclusive o exercício físico. Por outro lado, não há apoio para viver a vida como estilo de vida desregrado e sedentário.²⁶

Com esse entendimento, é possível afirmar que os extremos devem ser recusados, pois o caminho correto é o equilíbrio, onde o exercício não é deixado de lado, muito menos idolatrado. Deve ser visto como parte integrante da vida do salvo, o qual deve administrá-la corretamente, exercendo assim, uma boa mordomia.

2.1 Definição de Mordomia

A palavra mordomo, em português, tem sua origem no latim *major domus*, onde *major* traz a ideia de maior ou principal, e *domus* a de casa com tudo o que ela contém e significa. Assim, mordomo é o principal servo ou aquele que administra a casa do seu senhor.²⁷

É basicamente o mesmo significado da palavra grega oikonómos, que significa despenseiro ou mordomo, cujo cargo se chama oikonomia: Mordomia. Estas palavras:

[...] vêm de óikos, casa e nemo, administrar ou dirigir e se refere ao dirigente de uma casa, ou dos negócios de uma casa; especialmente um mordomo, despenseiro ou administrador... a quem o dono da casa ou o proprietário confiou a direção de seus negócios, seus gastos e receitas, e o dever de cuidar de cada um de seus servos e até dos filhos menores de idade.²⁸

Este conceito etimológico está de acordo com o entendimento da Teologia da Mordomia Cristã, que é conceituada como o reconhecimento da soberania de Deus, a aceitação do nosso

²⁶ O sedentarismo pode ser definido como a **falta de atividade física na rotina e um gasto calórico insuficiente**. Como dissemos no início deste artigo, de acordo com o Colégio Americano de Medicina do Esporte (ACSM), podem ser consideradas sedentárias pessoas que realizam menos de 150 minutos de atividades físicas por semana, na faixa etária entre 18 e 60 anos. CCR. **Sedentarismo: o que é ser uma pessoa sedentária e quais as consequências para saúde?** Ano: 2022. Disponível: <<https://ccr.med.br/sedentarismo-o-que-e-ser-uma-pessoa-sedentaria-e-quais-as-consequencias-para-saude/>> Acesso em: 24 de julho de 2023

²⁷ HAUESER, Raphael. **A Mordomia: o que você tem nas mãos?** 2019. Disponível em: <<https://teachbeyond.com.br/2019/11/mordomia/>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

²⁸ STOTT, J. R. W. **O perfil do pregador**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 18.

cargo de depositários da vida e das possessões, assim como da administração delas de acordo com a vontade de Deus.²⁹

A explicitação da definição segue com base na compreensão de que o cristão é apenas mordomo de tudo que Deus lhe confiou. Agora o que Deus lhe confiou? Tempo, bens materiais, oportunidades, influência, palavras, pensamentos, o corpo etc. Tudo quanto está sob os cuidados do salvo em Cristo Jesus não é dele, mas de Deus, tornando-o apenas mordomo.

Esse entendimento sobre mordomia deve levar todo salvo em Cristo Jesus a, de forma responsável, viver cuidando corretamente do corpo, dependendo DELE inclusive para fazer isso. Haja vista, o bom mordomo vive a vida revelando um senso de responsabilidade e senso de dependência em Deus.³⁰

2.2 Mordomia do corpo

Este senso de responsabilidade que é visível no mordomo de Deus deveria fazer com que existisse um cuidado com a saúde física, procurando assim, na dependência em Deus, fazer aquilo que nem sempre é prazeroso ou fácil, praticar algum tipo de exercício físico, afinal o bom mordomo irá procurar, de forma diligente, cuidar do corpo da melhor forma possível.

Caso isso não seja uma realidade, a experiência poderá ser a mesma do teólogo Robert Murray que quando:

[...] estava em seu leito de morte aos 29 anos de idade, ele se virou para um amigo e disse: “Deus me deu uma mensagem para entregar e um cavalo para cavalgar. Infelizmente matei o cavalo e agora não tenho como entregar a mensagem”. Que ilustração de uma paixão espiritual que se tornou um esgotamento.³¹

Esse teólogo se deu conta que, no fim de tudo, não tem valor algum negligenciar o cuidado com o físico em detrimento do espiritual. Esse é o tipo de entendimento a que todo cristão deveria chegar, não no fim da sua existência na terra, mas durante ela.

O resultado de quem entendeu que cuidar do corpo faz parte da mordomia cristã é procurar ter uma alimentação saudável, *praticar exercício* e descansar. Isso deve ser feito de forma moderada ou equilibrada e não extremada ou idólatra.

2.3 Estudo de caso

Pensando em viver como bom mordomo do Senhor, um estudo de caso é útil para elucidar a importância de desenvolver uma boa mordomia do corpo. Certo pastor batista

²⁹ KASCHEL, W. **Lições de Mordomia**. 2010. Disponível em: <http://www.palavraprudente.com.br/estudos/walter_k/mordomia/cap01.html>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

³⁰ Este conceito de mordomia foi ensinado pelo Pastor Jayro Junior, da Igreja Templo Bíblico Batista em Caçapava, SP, em uma aula de EBD (informação verbal).

³¹ MOVIMENTO LAUSANE. **Uma entrevista com Pablo Martinez**. ML. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/sobre-pt-br/blog-pt-br/voce-se-sente-culpado-quando-descansa>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

chamado João³², após dois anos de pastoreio, observou que estava pesando quase 90kg. No IMC (Índice de Massa Corporal³³), ele estava acima do peso, quase atingindo a Obesidade I.

Essa realidade é aquela observada por muitos que pastoreiam, afinal na vida de um pastor, de líder religioso, o cuidado com a “saúde espiritual” é visto como fundamental – e de fato é. Mas tal ênfase não deveria se atrelar à negligência do cuidado e da saúde física.³⁴ Após lembrar que o cuidado com o corpo fazia parte da sua caminhada ministerial e, sobretudo, cristã, começou a cuidar da alimentação e a praticar exercício físico. No final de 10 meses, ele chegou ao seu peso ideal e, principalmente, ao cuidado excelente com o corpo.

O desfrute deste pastor, que hoje tem uma vida mais saudável fisicamente, é extremamente visível e, de acordo com seu entendimento, o exercício físico no tempo certo lhe trouxe vigor, ânimo e disposição para servir mais ao Senhor na igreja, sonhar novos projetos, estudar, etc. Tudo isso só foi desfrutado porque ele entendeu a importância de não negligenciar o cuidado do seu corpo.

Outro ponto considerado por ele foi que passou a ser exemplo para outros pastores e a para a membresia da igreja a qual pastoreava. Por fim, agora é sabido que o caminho para o cuidado do corpo é ter uma boa mordomia, afinal, quando isso não é uma realidade, normalmente o caminho é tanto a negligência, quanto a adoração ao exercício, ambas resultam no equívoco da idolatria.

3. UM EQUÍVOCO: IDOLATRIA DO CORPO

Qual é o grande problema daquele que possui o costume de idolatrar o corpo? A resposta é o pecado. O ser humano foi criado à imagem de Deus, mas caíram em pecado (Gn 6.5; Ec 7.20; Mt 15.17-20; Rm 3.23). A desobediência de Adão e Eva (Gn 3) acionou uma dinâmica mortal que gerou imensurável devastação pessoal, social e natural.³⁵ E, à parte da graça salvadora de Deus, partilha-se de um histórico ruim, de um coração ruim, de um mestre ruim e de um destino péssimo.

A pergunta que se faz necessária neste momento é: o que é pecado? Pecado é errar o alvo. De fato, é qualquer falta de conformidade, ativa ou passiva, à lei de Deus. Pode ser um ato ou um pensamento, ativo ou passivo, à lei moral de Deus.³⁶

Infelizmente, está se tornando cada vez mais comum observar cristãos presos a hábitos pecaminosos considerados escravizadores. E aqui encontra-se o ponto alto deste diálogo: Pessoas com pecados escravizadores são pessoas que se prostram diante de ídolos que colocaram em seus corações, adorando-os e satisfazendo os seus desejos. Em outras palavras,

³² Embora a história seja real, o nome é fictício.

³³ Mais do que o peso de fato na balança, é esse o valor que importa para manter a sua qualidade de saúde (CORTEZ D. **IMC é confiável?** 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/faq/imc-como-calcular-tabela-dicas-como-melhorar-e-mais.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 de julho de 2023).

³⁴ AZEVEDO, P. G. **Classificação do nível de atividade física entre pastores protestantes através do IPAQ.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019, p. 27.

³⁵ JONES, R. D. **A resposta do Evangelho às aflições do coração:** uma introdução ao aconselhamento centrado em Cristo. São Paulo: Nutra, 2022, p. 82.

³⁶ ERICKSON, M. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 362.

as pessoas estão presas a seus pecados, pois, em seu coração, fazem de tudo para adorar e satisfazerem-se com seus próprios desejos.

As pessoas estão presas no erro de não cuidar do corpo como um excelente mordomo de Deus, pois há algo em seu coração que almejam ou desejam mais do que agradar a Deus. Isso não é um conceito novo, afinal Jesus já havia ensinado esse conceito (Mt 15.19). No coração idólatra, encontra-se a razão pelo qual o ser humano busca viver a vida de forma sedentária ou de forma extrema, amando mais o exercício do que o próprio Deus, evidenciando assim, falta de equilíbrio, resultando em uma péssima mordomia do corpo.

Qual pecado permeia a vida daquele que adora mais o corpo – exercício físico – do que a Deus? Diante de várias possíveis respostas, acredita-se que o *temor de homens* é um deles.

O temor de homens se revela basicamente como uma idolatria, pois substitui o temor devido a Deus pela aprovação e respeito dos homens. Um autor coloca esta questão de modo bastante claro ao dizer que aqueles que temem a homens “veem as pessoas como ‘maiores’ (isto é, mais poderosas e importantes) do que Deus, e, além do medo que cria em nós, damos aos outros o poder e o direito de nos dizerem o que sentir, pensar e fazer”.³⁷

Desejar ser aprovado por outros tem levado muitos a frequentarem academia, malhar o corpo, treinar para uma maratona (corrida) e qualquer outro exercício físico. Isso revela uma motivação errada (idólatra) no processo de viver a vida exercendo uma boa mordomia. Isso é um grande problema, pois, em vez de se preocupar em cuidar do corpo para agradar a Deus, estão preocupados com o que outros pensarão dele. É veraz, no entanto, reafirmar que todo cristão pode frequentar academia, malhar, treinar o esporte de corrida ou qualquer outro, desde que a motivação seja glorificar a Deus.

Quantos cristãos não frequentam a academia para evidenciar seus corpos a outros a fim de obterem aprovação? Isso é mais comum do que alguém possa imaginar. De fato, quem assim faz, revela que em relação a esta temática abordada, a pessoa não cuida do corpo, mas o adora; não se preocupa em agradar a Deus, mas a fazer um culto ao corpo. Isso é idolatria, e todo aquele que almeja viver para glória de Deus, se preocupando em satisfazer sua vontade, pode buscar motivação para ficar longe desse tipo de desejo, afinal, junto com ele vem a vaidade, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, há muito o que escrever sobre o assunto, no entanto, ao que cerne à proposta deste artigo, ficou explícito que a relação do exercício físico com a Bíblia é de validação, desde que seja feito a partir de uma boa mordomia e não da idolatria. O cristão deve, sem dúvida alguma, como bom mordomo, cuidar do corpo de forma saudável, utilizando da prática do

³⁷ CÁCERES, D. F. **Temor de homens**. Igreja Pedras Vidas, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120804033849/http://pedrasvivas.com.br/recurso/devocional/leitura/pt-br/vida-crista-temor-de-homens/b7080e2c-b91a-4699-aad5-d5f3ed74c97e>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

exercício físico para isso, uma vez que há comprovação científica e empírica de este ser uma das formas de poder viver a vida de forma mais saudável e equilibrada.

Este trabalho contribui para o campo da teologia ao visar o seu aspecto prático na vida do ser humano. É possível observar também contribuição à teologia sistemática, especialmente no campo da Antropologia. Os autores poderiam abordar o tema na constituição ser humano – em sua parte física –, especialmente o cuidado do corpo (mordomia do corpo) como aspecto relevante da sociedade pós-moderna, por ser esta regida pelo sedentarismo.

Essa relevância pode ser ponderada também no campo eclesial, uma vez que não é comum aos pastores e líderes, bem como aos membros, terem uma área dedicada à saúde física. Ensinar a mordomia do corpo se faz necessário dentro da igreja.

Por se tratar de um tópico inicial, este artigo introduz uma gama de tópicos de pesquisas que lhe dão continuidade como: 1) a importância da cosmovisão cristã na prática esportiva e na academia; 2) estatísticas, em denominações eclesiais, sobre a prática de cuidado do corpo entre líderes e membros da igreja; 3) proposta de criação de ministério que encoraje a membresia à prática correta e constante do exercício físico; 4) parcerias com estudiosos visando trazer robustez à linha de pesquisa, ampliar, por exemplo, o tópico da idolatria, afinal existem outros ídolos que fazem com que o cristão deixe de se exercitar; 5) constituição do homem e a relevância do exercício para o bom funcionamento do corpo que Deus criou; e 6) o envelhecimento humano registrado na Palavra de Deus com elaboração de pesquisa de campo e estudos de caso buscando verificar a hipótese de que o exercício e a boa alimentação contribuem para o aumento da qualidade de vida no processo do envelhecimento. Enfim, há muitos outros assuntos que poderão ser explorados neste tópico de pesquisa.

A esperança do presente autor é que você, leitor, seja fortalecido e exortado com este breve artigo e que o Senhor possa ajudá-lo e encorajá-lo a viver sua vida praticando exercício físico para glória de Deus.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. G. **Classificação do nível de atividade física entre pastores protestantes através do IPAQ**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

BRÄUMER, H. **Gênesis**. Curitiba: Esperança, 2019. Vol. 1.

CÁCERES, D. F. **Temor de homens**. Igreja Pedras Vidas, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120804033849/http://pedrasvivas.com.br/recurso/devocional/leitura/pt-br/vida-crista-temor-de-homens/b7080e2c-b91a-4699-aad5-d5f3ed74c97e>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

CALVINO, J. **1 Coríntios**: série de comentários. São José dos Campos: Fiel, 2013.

CCR. **Sedentarismo**: o que é ser uma pessoa sedentária e quais as consequências para saúde? 2022. Disponível: <<https://ccr.med.br/sedentarismo-o-que-e-ser-uma-pessoa-sedentaria-e-quais-as-consequencias-para-saude/>> Acesso em: 24 de julho de 2023, 12:36.

CORTEZ D. **IMC é confiável?** 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/faq/imc-como-calculer-tabela-dicas-como-melhorar-e-mais.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 de julho de 2023.

ERICKSON, M. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GOT QUESTIONS. **O cristão deve se exercitar? O que a Bíblia diz sobre a saúde?** Disponível em <<http://www.gotquestions.org/Portugues/exercicio-cristao.html>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

HAUESER, Raphael. **A mordomia**: o que você tem nas mãos? 2019. Disponível em: <<https://teachbeyond.com.br/2019/11/mordomia/>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

JONES, R. D. **A resposta do Evangelho às aflições do coração**: uma introdução ao aconselhamento centrado em Cristo. São Paulo: Nutra, 2022.

KASCHEL, W. **Lições de mordomia**. 2010. Disponível em: <http://www.palavraprudente.com.br/estudos/walter_k/mordomia/cap01.html>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

KEENER, C. S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLY, J. N. D. **1 e 2 Timóteo e Tito**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

KIDNER, D. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

KISTEMAKER, S. J. **Comentário de Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LEHMAN, John. **Fit For The Master**: Glorifying God in a Healthy Body. Great Writing, 2015.

MERRILL, E. H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2009. Vol. 1.

MOODY, D. L. **Comentário bíblico Moody**: Gênesis à Deuteronômio. São Paulo: Batista Regular, 2001.

MOODY, D. L. **Comentário bíblico Moody**: Romanos à Apocalipse. São Paulo: Batista Regular, 2001.

MORRIS, L. **1 Coríntios**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

MOVIMENTO LAUSANE. **Uma entrevista com Pablo Martinez**. ML. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/sobre-pt-br/blog-pt-br/voce-se-sente-culpado-quando-descansa>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

PENNINGTON, Collin G. **Faith, physical activity, and physical education**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335841227_FAITH_PHYSICAL_ACTIVITY_AND_PHYSICAL_EDUCATION>. Acesso em 23 de junho de 2023.

SANTOS, Mariana S. **Religiosidade, apoio social e atividade física em adultos residentes em Curitiba-PR**. 2010. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, I. N. **Gênesis**: comentário bíblico. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2007.

SPAIN, C. **Epístolas de Paulo a Timóteo e Tito**. São Paulo: Vida Cristã, 1980.

STOTT, J. R. W. **1, 2, 3 João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

STOTT, J. R. W. **O perfil do pregador**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.009



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CRISTIANISMO PARA A ÉTICA CONTEMPORÂNEA?

What is the importance of Christianity for contemporary ethics

Filipe Oliveira Breder¹

RESUMO

Este artigo investiga a necessidade de fundamentos externos para a ética contemporânea, questionando como a falta de uma base transcendente pode afetar a moralidade em um contexto pós-moderno. O texto explora diferentes abordagens éticas, destacando a proposta cristã de uma ética baseada no caráter divino e nos atributos de Deus. Argumenta-se que outras filosofias de vida não oferecem uma base sólida para os valores morais, deixando questões fundamentais sem resposta, como a definição de certo e errado. Além disso, o artigo examina como a ética cristã equilibra normas, motivação e satisfação, proporcionando uma base interna e externa para a moralidade. Contrastando com a ênfase na liberdade individual na pós-modernidade, o texto destaca que a verdadeira liberdade vem da escolha das restrições certas e das liberdades certas. Conclui-se que o cristianismo oferece uma base moral sólida, motivada pelo amor e pela gratidão, que é indispensável em um mundo pós-moderno em busca de significado e propósito.

Palavras-chave: Ética contemporânea. Pós-modernidade. Cristianismo. Oralidade, Liberdade.

ABSTRACT

This article investigates the need for external foundations for contemporary ethics, questioning how the lack of transcendent basis can affect morality in a postmodern context. The text explores different ethical approaches, highlighting the Christian proposal of an ethic based on the divine character and on the attributes of God. It argues

¹ Graduado em Teologia pelo Seminário Batista Sul-Mato-Grossense e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. É pastor de ensino na Primeira Batista de Campo Grande – MS e coordenador na Escola do Discípulo. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8327-4684>. E-mail: filipebreder@gmail.com

that other philosophies of life do not provide a solid basis for moral values, leaving fundamental questions unanswered, such as the definition of right and wrong. Furthermore, the article examines how Christian ethics balances norms, motivation and satisfaction, providing an internal and external basis for morality. In contrast to the emphasis on individual freedom in postmodernity, the text highlights that true freedom comes from the choice of the right restrictions and liberties. It concludes that Christianity provides a solid moral foundation, motivated by love and gratitude, which is indispensable in a postmodern world in search of meaning and purpose.

Keywords: Contemporary ethics. Postmodernism. Christianity. Morality. Freedom.

INTRODUÇÃO

Qual a necessidade da fé para fundamentar a moralidade? Num período em que a verdade é relativizada, na qual os sentimentos e a subjetividade se tornaram o fundamento central da moralidade, como ter fundamentos éticos que sejam sólidos e aplicáveis a todos? Pois, se não existe um fundamento exterior ao ser humano que traga base para a moralidade, como afirmam os pós-modernos, como é possível resolver dilemas éticos na vida prática? Qual o fundamento? Quem grita mais alto?

Existem diversas propostas éticas na atualidade. Os cristãos afirmam a existência de uma ética transcendente, baseada no caráter e nos atributos de Deus. Como afirma Campos:

O caráter divino é o fundamento de qualquer ética cristã. Nós não somos a medida da moralidade, embora exista uma noção (ainda que anuviada) de certo ou errado nos homens que contribui para a ideia de que os homens têm a impressão ética divina: uma lei impressa no coração (Rm 2.14-15).²

Ainda que o pecado tenha corrompido o correto entendimento e aplicação dessa moralidade, os cristãos creem que essa lei divina deve ser internalizada no coração. Deus deve ser a medida ética em todos os sentidos. Muitos ainda creem que a ética pode ser construída apenas na contemplação da criação. Como o deísmo³, em que a ética está fundamentada na revelação geral, na própria criação é possível conhecer o que é bom e o que é mau.

No naturalismo o fundamento ético está relacionado apenas nos seres humanos, numa ética autônoma e situacionista e subjetiva. O grande problema dos naturalistas não é o fato de não possuírem ética. Eles acreditam em princípios morais, se escandalizam com o holocausto e clamam por direitos humanos. O problema não está em não reconhecer valores morais, mas não ter base para eles. Campos diz que o naturalista, para ser coerente com sua cosmovisão, precisa encontrar na matéria e na energia uma fonte de moralidade.⁴ Mas a natureza (ciência) não tem poder para fornecer tal base, apenas diz o que a natureza é e como se tornou aquilo. O próprio Richard Dawkins, proselitista contra a fé, reconhece esse problema quando diz que “A ciência não tem qualquer método para decidir o que é ético... É muito difícil

² CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo:** por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 427.

³ Doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada [O deísmo difundiu-se principalmente entre os filósofos enciclopedistas e foi o precursor do ateísmo moderno].

⁴ CAMPOS Jr, 2019, p. 428

defender valores morais absolutos sobre algum fundamento que não o religioso”.⁵ Do ponto de vista naturalista, a natureza somente é, e não pode providenciar à humanidade um senso de dever.

Ética é sobre dever, sobre o que deve ser e o que não deve ser, sobre bem e mal. Para isso, é necessário um fundamento externo à natureza. Apenas na natureza não é possível estabelecer um fundamento de moralidade, será necessário reconhecer que o universo é indiferente e sem propósito. Como afirma Singer:

Não há razão para pensar que um peixe sofre menos quando morre numa rede do que sofre um feto durante um aborto, e assim o argumento para não comer peixe é mais forte do que o argumento contra o aborto... A vida de um bebê recém-nascido é de menor valor do que a vida de um porco, de um cachorro ou de um chipanzé.⁶

No debate sobre moralidade, só é possível afirmar se algo é bom ou ruim quando é possível designar seu *telos*, o propósito para qual algo existe, algo impossível se ser determinado apenas na natureza. Keller afirma que quando céticos afirmam que não sabem se os seres humanos foram criados para um objetivo específico, eles acabam solapando a possibilidade de falar em pessoas fazerem o que é certo ou errado.⁷

Se o naturalismo não é capaz de trazer propósito, e com ele um fundamento para a moralidade, onde encontrar? Dentro do próprio ser humano, na subjetividade dos sentimentos, desejos e prazeres. Esse tem sido o fundamento ético da pós-modernidade. Com o “fracasso” da razão, o certo e errado deve ser fundamentado naquilo que “faz bem”, na subjetividade do prazer e consumo do ser humano. “Bom é aquilo que a pessoa escolhe”. Na pós-modernidade a ética foi reduzida à uma construção linguística, em que cada cultura constrói a sua. Sire explica dizendo que:

Se na era “pré-moderna” a ética estava relacionada com um Deus transcendente que revela o que é bondade, e na era “moderna” a ética é baseada na razão e experiência universais de discernir o certo do errado, na pós-modernidade é a multiplicidade de linguagens.⁸

Fica evidente que não é possível encontrar um fundamento ético sólido sem pensar com seriedade que ele deve ser encontrado exteriormente ao ser humano. Na vida prática isso é notado, as pessoas não conseguem viver sem uma moralidade externa. Com a crise do racionalismo o ser humano vem buscando cada vez mais essa moralidade exterior. Como Frei Betto mostra:

Atravessamos uma etapa de grande insegurança, com que as pessoas estão buscando respostas fora do racionalismo. Observe-se, por exemplo, o fenômeno do esoterismo: nunca Deus esteve tão em voga como agora. É muito difícil, nos dias de hoje, encontrar um ateu; menos difícil, mas também raro, encontrar um agnóstico. A razão é simples: o ateísmo saiu de moda,

⁵ CAMPOS Jr, 2019, p. 428.

⁶ CAMPOS Jr, 2019, p. 430.

⁷ KELLER, Timothy. **Encontros com Jesus**: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 36-67.

⁸ SIRE, James W. **Universo ao lado**. Brasília: Monergismo, 2017, p. 283-284.

porque todos estão procurando um viés religioso para tentar se observar diante desta crise racionalista.⁹

A pós-modernidade está se tornando mais religiosa, pois não dá conta de viver em um mundo sem propósito, sem fundamentos éticos. O pós-moderno pode arrogar para si as prerrogativas de que não existe uma verdade moral universal, mas na vida prática, não dá conta de viver assumindo as mesmas prerrogativas. A pergunta agora é: Onde estão esses fundamentos? O cristianismo possui respostas para a crise ética da pós-modernidade? Estes são elementos abordados na sequência deste escrito.

1. PRECISAMOS DE UMA ÉTICA CRISTÃ?

No tempo do subjetivismo, como argumentar a necessidade de fundamentos externos ao ser humano (divinos) para uma construção ética? Campos argumenta que toda ética coerente precisa ser fundamentada no legislador Cristão.¹⁰ Em seu livro sobre cosmovisão “Amando a Deus no mundo” ele apresenta três razões do porquê uma ética cristã é necessária. Vale ressaltá-las aqui para nossa discussão.

Primeiramente, uma ética cristã é necessária porque outras filosofias de vida não têm a fundamentação necessária para tais valores. Dizer isso não implica no fato de que não cristãos não possam ser pessoas boas ou ter valores reconhecidos como virtuosos, o problema se encontra no fato de que eles não possuem fundamentos para sustentar sua ética. O holocausto dos judeus na segunda guerra é quase que universalmente reconhecido como algo terrível, mas por quê? Qual o fundamento para dizer que eliminar outros para garantir a “sobrevivência do mais forte” é errado? Seguindo uma visão naturalista da seleção natural¹¹, dizer que o holocausto é errado não pode ser provado empiricamente e logicamente.

Sem uma visão cristã, justiça passa a ser vista apenas como uma opinião pessoal, como afirma Keller se não há Deus ou esfera sobrenatural, não existe padrão.¹² Na pós-modernidade, na qual o principal critério ético é o prazer e a satisfação, com frases do tipo: “siga seu coração” ou “se te faz bem, não é errado”, a fundamentação ética está apenas em um sentimento interno e subjetivo. Não existe uma fonte moral exterior da qual precisem honrar. Se alguém disser: “Isso é o certo a se fazer” ele não terá nenhuma base ou sustentação para seu argumento, seu único critério será convencer pela retórica ou por “gritar mais alto”. Keller levanta essa questão dizendo que sem moral objetiva, não se pode falar de obrigação moral. Além disso, se valores são individuais ou criados por uma comunidade, com que base podemos apelar para que outros indivíduos os aceitem e outras comunidades os apoiem?¹³ E geralmente organizações de direitos humanos sempre dizem que seus valores devem ser assumidos por todo o mundo.

⁹ BETTO, Frei. **Crise da modernidade e espiritualidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

¹⁰ CAMPOS Jr, 2019, p. 433.

¹¹ Seleção natural é o processo proposto por Charles Darwin e Alfred Wallace, os dois responsáveis pela teoria da evolução por seleção natural. A alta fecundidade e a recorrente competição pela sobrevivência em cada espécie geram o pressuposto para esse processo.

¹² KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 47-48.

¹³ KELLER, 2018, p. 177-179.

Em segundo lugar, uma ética cristã é necessária porque falar de ética sem o Deus da Bíblia deturpa o significado dos princípios morais.¹⁴ É irônico notar que a cultura ocidental foi construída em cima de uma ética profundamente cristã, que, quando cétricos desprezam o cristianismo eles estão desprezando justamente a ética que se apegam.

Amor ao ser humano, direitos humanos, cuidado dos pobres, misericórdia, perdão, etc. São todos princípios éticos apreciados na cultura atual que possuem seus fundamentos na Bíblia sagrada e no Deus cristão. Os pós-modernos dizem acreditar nessa ética, mas rejeitam o Deus dessa ética.

Tome como exemplo a ideia de cuidar dos desfavorecidos, tão bem-vista pelas comunidades de direitos humanos, uma ideia fundamentalmente cristã como nos mostra Tim Keller:

Numa cultura que exalta a primogenitura, Deus sempre escolheu o irmão mais novo (Abel em lugar de Caim, Isaque em lugar de Ismael, Jacó em lugar de Esaú, etc.); numa cultura que exalta a mulher com muitos filhos, Deus exaltou mulheres estéreis e lhes fez mães (Sara, Rebeca, Ana, Isabel). Deus nunca escolhe o de Jerusalém, por assim dizer, mas sempre o de Nazaré.¹⁵

O cristianismo através dos séculos foi quem moldou a cultura em favor do cuidado dos desfavorecidos. Pode-se concordar com Campos quando diz que quando Deus é excluído, nega-se o próprio princípio.¹⁶ Ele continua afirmando que não é coerente aceitar o princípio ético sem aceitar o seu fundamento soteriológico.¹⁷

Não é difícil chegar à conclusão de que grande parte dos fundamentos éticos contemporâneos, aceitos até mesmo por não cristãos, estão profundamente enraizados em princípios cristãos. Por essa razão uma ética cristã continua sendo necessária para uma ética sólida em tempos pós-modernos.

Por fim, uma ética cristã é necessária porque o cristianismo é o único que trata de ética equilibrando normas, motivação e satisfação.¹⁸ Afinal, quando se fala de uma obrigação ética entra-se no problema do porquê ela deve ser obedecida? Qual a motivação para tal? Como “convencer” a humanidade de que certos princípios devem ser obedecidos? Muitos seguem por um caminho de que ser ético faz bem, torna as pessoas mais felizes e pacíficas. Porém, esse pensamento não abre espaço para o sacrifício que muitas vezes é necessário.

Para aqueles que insistem em uma ética com valores morais objetivos, com deveres e obrigações, retorna-se para o problema de que sem Deus não existem fundamentos para tais normas, seu cumprimento será apenas externo (uso da força ou da retórica) mas não terá impacto interno, nas motivações. Para que haja um padrão moral universal ele deve ser capaz de ter fundamentos tanto externos como internos, deve ser capaz de motivar as pessoas de dentro para fora.

¹⁴ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁵ KELLER, 2015, p. 28.

¹⁶ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁷ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁸ CAMPOS Jr, 2019, p. 436.

Frame afirma que o cristianismo é o único modo de sustentar aspectos teleológicos, deontológicos e existenciais para a ética, ao mesmo tempo.¹⁹ Campo, citando Frame diz que:

Fazer o bem ao próximo e honrar a Deus são a nossa bem-aventurança (teleológico), que conhecemos o que é bom mediante valores morais objetivos (deontológico), sem negligenciar a importância das motivações em nosso coração (existencial).²⁰

Esse princípio pode ser muito bem observado na vida do apóstolo Paulo e em sua ética. Como visto em 2 Coríntios 5.7, Paulo afirma que em Cristo o ser humano recebe nova vida e uma nova motivação para viver. A motivação moral não está mais no cumprimento objetivo da lei, mas na transformação do coração e uma obediência baseada na gratidão e na disposição voluntária. Lourenço Rega afirma que:

Ao refletir no pensamento paulino, portanto, em vez de pensar numa ética de regras, “nomotética” ou absolutista, temos de considerar uma ética de dedicação de vida, um voluntarismo ético que conduz à liberdade cristã. Com isso, a ética paulina diverge da ética judaica à medida que esta fundamenta-se na observação da lei mosaica e na obediência cega a regulamentos interpretativos da própria lei.²¹

Rega segue dizendo que através da boa notícia do evangelho, por gratidão, o centro gravitacional da vida do cristão deixa de ser o próprio interesse, os bens — autonomia — para ser redirecionado para Cristo e sua vontade — teo-heteronomia.²²

Smedes também aborda o caráter transformador de uma ética voluntária baseada no amor e na gratidão, ele lembra que o amor transforma os mandamentos negativos em ordenanças positivas. Isto é, o amor “muda o evitar passivo do mal para o fazer ativo do bem”.²³ Apenas no cristianismo temos uma ética que surge de dentro para fora, uma ética que transforma as motivações.

2. A NECESSIDADE DA ÉTICA CRISTÃ EM CONTRAPONTO À LIBERDADE PÓS-MODERNA

Na pós-modernidade o princípio da liberdade talvez seja o fundamento mais importante. O slogan vigente é “Seja livre para viver como bem entende, desde que não faça mal para ninguém.” O padrão é usar da liberdade para buscar o próprio prazer e felicidade. O filósofo cristão Taylor diz que a primícia da pós-modernidade é: “Que cada pessoa faça o que lhe aprouver, e [...] ninguém deveria criticar os valores de ninguém, pois todos têm o direito de viver a própria vida, como você faz. O único pecado não tolerado é a intolerância”.²⁴ Essa narrativa sempre foi importante, mas agora ela se tornou de extrema importância. No meio

¹⁹ FRAME, John M. **A doutrina da Vida Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 70.

²⁰ CAMPOS Jr, 2019, p. 437.

²¹ REGA, Lourenço Stelio (Org.). **Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre**. São Paulo: Vida, 2004.

²² REGA, 2004.

²³ LEWIS, B. Smedes. **Mere Morality: what God expects from ordinary people**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 13,16.

²⁴ TAYLLOR, Chales. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

disso, o cristianismo se torna um inimigo da liberdade, pois se trata de uma estrutura que para escolher a Deus é necessário renunciar à liberdade.

Para os pós-modernos a verdadeira liberdade tem sido definida como a total ausência de restrições, quanto menos limites, mais liberdade o indivíduo terá. Keller em seu livro *Deus na era Secular* argumenta que essa visão é obsoleta e possui contradições, que na prática da vida ela se tornam inviáveis.²⁵

Primeiramente uma visão de que liberdade é ausência de restrições é inviável pois os desejos humanos sempre entram em conflito uns com os outros. Na realidade existem diversas liberdades e ninguém consegue ter todas. Tome como exemplo um homem que precisa escolher entre ter mais tempo ou renunciar ao seu tempo para praticar e ser um pianista renomado. Ele terá que escolher qual liberdade é mais importante para ele. A verdadeira questão não é ser completamente livre, mas sobre qual liberdade é mais importante. Sobre isso Keller diz:

Vemos, portanto, que liberdade não é o que a cultura nos diz. A verdadeira liberdade vem da perda estratégica de algumas liberdades a fim de se conquistar outras. Não é a ausência de restrições, mas a escolha das restrições certas e das liberdades certas a se perder.²⁶

É possível argumentar também que essa autonomia não só é inviável como também impossível a longo prazo, visto que o ser humano sempre foi e sempre será dependente de outros, seja na infância, velhice ou em casos de doenças e acidentes. O ser humano é codependente. Gawande diz que a “vida é inerentemente dependente dos outros e sujeita a forças e circunstâncias além do controle”.²⁷

É preciso lembrar de um outro grande problema que surge ao assumir para si a prerrogativa de “ser livre enquanto não estiver fazendo mal a ninguém”. Afinal, como se pode definir o que é mau ou bom para os outros sem um fundamento externo de moralidade? Esse conceito só funciona se todos estiverem de acordo quanto ao que é bom e ruim. Como uma pessoa pode definir o que fere outras pessoas se não for capaz de definir o que é uma vida boa e próspera em comum acordo com todos? O que dizer de uma pessoa que acredita não estar fazendo mal nenhum ao tratar uma mulher como objeto, pois essa é a concepção que ele possui de boa vida? Keller conclui esse mesmo pensamento dizendo que “é uma hipocrisia afirmar que hoje concedemos às pessoas muito mais liberdade, quando, na verdade, estamos todos lutando para impor nossas crenças morais acerca do que constitui dano sobre os outros”.²⁸

Como não existe consenso do que seja uma boa vida, restrições morais para regular os atos de uma comunidade se tornam fundamentais para a sociedade. E uma ética cristã parece ser a única que oferece as melhores respostas para uma ética voluntária baseada na gratidão.

²⁵ KELLER, 2018, p. 136.

²⁶ KELLER, 2018, p. 137.

²⁷ GAWANDE, Atul. **Mortais**: nós, a medicina e o que realmente importa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

²⁸ KELLER, 2018, p. 140.

Por fim, vale ressaltar que uma busca por liberdade absoluta, com total ausência de restrições, é contraditória pois inevitavelmente o ser humano acabará se submetendo a alguma coisa. O apóstolo Paulo já argumentou sobre isso em Romanos 1 quando diz que, deixando de adorar o Criador, os seres humanos adoraram a criação e se tornaram escravos dela. Em vez do ser humano voltar para Deus, ele se voltou para as coisas boas criadas. O romancista ateu David Foster Wallace abordou a inevitabilidade do ser humano se tornar escravo de algo:

Nas trincheiras cotidianas da vida adulta, não existe isso de (...) não adorar. Todo o mundo adora. A única opção concedida diz respeito ao que adorar. E uma razão extraordinária para escolher algum tipo de deus ou ser espiritual para adorar (...) é que praticamente qualquer outra coisa que você adore acabará por devorá-lo vivo. Se adorar dinheiro e coisas, se for deles que você tira o verdadeiro sentido na vida, então jamais terá o bastante. Nunca sentirá que tem o suficiente. (...) Adore seu corpo, a beleza e a atração sexual e sempre se sentirá feio, e quando o tempo e a idade começarem a se tornar visíveis, você sofrerá um milhão de mortes antes que enfim o enterrem. (...) Adore o poder – e acabará se sentindo fraco e com medo, e necessitará de ainda mais poder sobre os outros para manter o medo sob controle. Adore seu intelecto, ser considerado inteligente – e acabará se sentindo estúpido, uma fraude, sempre prestes a ser descoberto.²⁹

Wallace, mesmo não sendo cristão, reconheceu que inevitavelmente o ser humano buscará algum elemento da vida para lhe dar propósito e satisfação, e conseqüentemente acabará sendo escravizado por ele. Portanto, o princípio pós-moderno de moralidade baseado na liberdade e satisfação individual não se sustenta. Uma ética com fundamentos externos é fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que ao excluir Deus como um agente externo para fundamentar a moralidade do mundo, perde-se completamente os fundamentos para uma ética que seja aplicável a todos. O naturalismo, a razão e a ciência não são capazes de encontrar fundamentos morais para a sociedade, visto que possuem limites quando o assunto é dizer como as coisas deveriam ser. Da mesma forma, a pós-modernidade com o conceito de liberdade e ausência de restrições para fundamentar aquilo que é correto se torna inviável e incoerente na realidade e prática. Uma ética com fundamentos externos ao próprio ser humano é indispensável e o cristianismo parece ter as melhores respostas.

Longe de uma moralidade fundamentada em obrigações, o cristianismo se baseia em uma ética voluntária, motivada pela boa notícia do evangelho de que na pessoa de Jesus, Deus reconciliou consigo o mundo, gerando amor e gratidão, uma motivação que surge do coração de cada indivíduo. No evangelho de João, Jesus afirma que se o “filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36). Como visto anteriormente, a verdadeira liberdade se encontra em escolher qual a melhor liberdade. Na restrição ao evangelho, o ser humano

²⁹ KELLER, 2018, p. 137.

encontra a verdadeira liberdade, pois o próprio Jesus afirmou que “seu fardo é leve e seu jugo é suave” (Mt 11.28).

Como afirmou Keller:

O cristianismo é a única religião que afirma que Deus abriu mão de sua liberdade a fim de que pudéssemos experimentar a liberdade máxima – a libertação do mal e da própria morte. Portanto, pode confiar nele. Ele sacrificou sua independência por você, de modo que você possa sacrificar a sua por ele. E quando o fizer, você descobrirá que essa é a limitação suprema e infinitamente libertadora.³⁰

Apenas no cristianismo é possível encontrar um fundamento moral no qual ao renunciar à liberdade, se encontra liberdade verdadeira. Apenas no cristianismo se pode encontrar uma motivação ética baseada no amor e na gratidão.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **Crise da modernidade e espiritualidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019.

FRAME, John M. **A doutrina da vida cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GAWANDE, Atul. **Mortais**: nós, a medicina e o que realmente importa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **Encontros com Jesus**: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEWIS, B. Smedes. **Mere morality**: what God expects from ordinary people. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

REGA, Lourenço Stelio (Org.). **Paulo**: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida, 2004.

SIRE, James W. **Universo ao lado**. Brasília: Monergismo, 2017.

TAYLLOR, Chales. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

³⁰ KELLER, 2018, p. 138.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.010

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A COMPREENSÃO DO SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA CRISTÃ: A IMAGO DEI COMO ELEMENTO NORTEADOR

The comprehension of the meaning of life from a christian perspective: the Imago Dei as a guiding element

Matheus Rodrigues de Brito¹

RESUMO

A pergunta pelo sentido da vida é algo intrínseco ao ser humano, as respostas são diversas e normalmente não conclusivas. Este artigo tem como objetivo apresentar a definição bíblica e cristã do sentido da vida humana, utilizando a doutrina da imagem e semelhança do homem com Deus - *imago Dei* - como um elemento norteador e uma resposta ao fim último da vida. A divisão em duas partes inicia conceituando e contextualizando sobre a doutrina da *imago Dei*, realizando uma transição à segunda parte, que traça a relação desta doutrina com o sentido da vida, através da visão bíblica. A partir das análises, entende-se que o ser humano é criado por Deus e à sua imagem, com a finalidade de glorificar seu criador e satisfazer-se na comunhão com ele. Quanto à metodologia, utilizou-se o método hipotético dedutivo, descritivo e histórico, tecendo um diálogo entre os pensadores da área de teologia sistemática, como, Erickson, Ferreira, Myatt, Grudem e McGrath.

Palavras-chave: Sentido da vida. Imagem de Deus. Antropologia. Criação.

ABSTRACT

The question for the meaning of life is intrinsic to the human being and the answers are diverse and usually inconclusive. This article has the objective of presenting the biblical and Christian definition of the meaning of human life, using the doctrine of the image and likeness of man with God – *imago Dei* – as a guiding element and an answer to the ultimate purpose of life. The division in two parts begins conceptualizing and

¹ Bacharelado em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná. E-mail: matheus.r.brito@hotmail.com.

contextualizing the *Imago Dei* doctrine, transitioning to the second part, which traces the relation between this doctrine and the meaning of life, through a biblical vision. From these analyses, it is understood that the human being is created by God and in his image, with the aim of glorifying him and satisfying himself in communion with him. As for the methodology, the hypothetical, deductive, descriptive and historical method was used, weaving a dialog between thinkers in the area of systematic theology, such as Erickson, Ferreira, Myatt, Grudem e McGrath.

Keywords: Meaning of life. Image of God. Anthropology. Creation.

INTRODUÇÃO

Qual o sentido da vida? A questão ponderada é debatida ao longo de toda história, diversas perspectivas são apresentadas e o debate continua na contemporaneidade, demonstrando a necessidade de uma resposta à uma indagação contínua e perpétua da humanidade. Neste cenário se insere a presente pesquisa, a partir da pergunta do sentido da existência humana tecerá uma apresentação da compreensão bíblica e cristã da finalidade última do ser humano. Para tanto, no primeiro tópico abordar-se-á algumas definições da criação humana a partir da teologia, abarcando a doutrina da imagem e semelhança do ser humano com Deus e traçando a ligação dela com o sentido da vida. Após, na segunda parte, pretende-se destacar as definições e considerações do sentido da existência na perspectiva bíblica cristã e, demonstrá-la como uma percepção suficiente a se aderir, de modo que faça a existência possuir um sentido último.

Imago Dei ou doutrina da imagem e semelhança do ser humano com Deus é o meio pelo qual buscará apresentar o sentido da vida em uma perspectiva bíblica. Ou seja, o objetivo da pesquisa delimita-se em responder a problemática da pergunta por sentido, especificamente a partir da compreensão bíblica, utilizando a doutrina da imagem e semelhança como fundamentação. Pelo fato de o constante debate sobre o sentido da existência humana continuar presente, impactando a sociedade como um todo e, conduzindo alguns indivíduos a ações negativas como a crise existencial, depressão ou mesmo o suicídio devido à inexistência de um propósito e à falta de sentido, se vê uma necessidade em definir o sentido da vida na perspectiva bíblica e de que modo essa compreensão possa norteá-la. Para atingir os resultados, utilizará o método hipotético-dedutivo e uma metodologia descritiva e histórica, a partir da teologia sistemática. Ressalta-se que todas as citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI).

1. O QUE É A *IMAGO DEI*?

A doutrina da *imago Dei* possui um pressuposto fundamental, é a compreensão inicial de que o ser humano foi criado por Deus, sendo assim, o ser humano não consiste em um mero fruto do acaso ou um ser criado de modo aleatório, mas, criado por Deus. Ao voltar-se às Escrituras, Gênesis 2.7 atesta a criação humana por Deus: “Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”. Além disso, criado à imagem e semelhança de Deus, conforme menciona Gênesis 1.26,27:

Então disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão’. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Isso destaca a necessidade de observar o pressuposto mencionado, tal doutrina sustenta-se na perspectiva criacionista, a qual é “o fato fundamental e básico para a fé cristã é que o ser humano, homem e mulher, foi criado por Deus e não é produto de causas naturais fortuitas e ocasionais”.² Sendo assim, o texto citado de Gênesis 1.26,27 não apenas atesta a afirmação da criação por parte de Deus, vai além, o ser humano é feito à sua imagem e semelhança. Diante disso, Strong compreende e reforça que “as Escrituras, por um lado, negam a ideia de que o homem é um simples produto das forças naturais irracionais. Elas ligam a sua existência a uma causa diferente da simples natureza, a saber, é um ato criativo de Deus”.³

A fim de trazer à luz sinteticamente a definição de *imago Dei*, Severa ressalta que “A Escritura declara que o ser humano - homem e mulher - foi criado à imagem de Deus (Gn 1.26,27; 5.1; 9.6; Tg 3.9). Trata-se de uma doutrina bíblica de fundamental importância”.⁴ A *imago Dei*, em linhas gerais, refere-se à doutrina bíblica da imagem e semelhança do ser humano com Deus, uma doutrina importante dentro da Antropologia teológica, pois “a imagem de Deus é intrínseca e indispensável à humanidade”.⁵ Portanto, *imago Dei*, significa literalmente “imagem de Deus” ou, compreendido como imagem e semelhança. Diz respeito à doutrina que estuda os textos bíblicos que competem à essa imagem de Deus no ser humano. Contudo, para se ter uma compreensão mais clara é necessário observar a maneira que ela foi pensada ao longo da história, é este o objetivo do tópico seguinte.

1.1 Síntese da *imago Dei* na história

A discussão da compreensão da imagem e semelhança na história da teologia é extensa, as perspectivas apresentadas possivelmente se dão por conta do fato que a Bíblia propriamente não responde de um modo exato e indiscutível em que sentido o ser humano é semelhante a Deus, ela “afirma que o homem é ‘imagem de Deus’, mas não explica no que consiste esta imagem”,⁶ diante deste quadro, alguns teólogos ao longo da história têm debatido em que exatamente o ser humano é a imagem de Deus.⁷ A fim de contextualizar, cabe observar o que as Escrituras dizem sobre o assunto e, assim, partir para as perspectivas históricas.

² BORNSCHEIN, Fred Roland. A *imago Dei* e a dignidade do ser humano. *Revista Batista Pioneira*, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/272>>. Acesso em: 18 ago. 2023. p. 347.

³ STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. v.2. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 19.

⁴ SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 145.

⁵ ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 463.

⁶ BORNSCHEIN, 2018, p. 354.

⁷ SEVERA, 2014, p. 146.

Os principais textos que mencionam a imagem e semelhança no Antigo Testamento (AT) são Gênesis 1.27, 5.1 e 9.6. A palavra utilizada no AT para imagem é "tselem" e tem um sentido de padrão ou representação de um ídolo. Outro termo é semelhança "demût", este carrega a ideia daquilo que é comparável, uma imagem de algo esculpido que não necessariamente tenha a finalidade da adoração, mas a representação. Indo adiante, no Novo Testamento (NT), o ensino da imagem e semelhança apresenta uma continuidade da compreensão do AT. O texto de 1Co 11.7 utiliza o termo "eikôn", que tem como significado um retrato, algo com uma forma igual. Em Tiago 3.9 há a afirmação que os seres humanos foram feitos à semelhança de Deus.⁸

Desta forma, duas questões são levantadas, 1) os termos do AT apresentam uma similitude, não demonstram ser conceitos distintos e, 2) os textos do NT corroboram a continuidade da imagem de Deus no ser humano mesmo após a queda com o pecado, os dois casos serão observados posteriormente. Contudo, ao vislumbrar as Escrituras, percebe-se uma espécie de indefinição de resposta em que de fato compete a imagem de Deus, conduzindo à observação das compreensões já elaboradas.

A discussão da *imago Dei* tem dois proponentes em meados do século dois e três, que contribuem para a observação histórica, Clemente de Alexandria (c. 200) e Gregório de Nissa. Para Clemente, a *imago Dei* constituía-se nos seguintes aspectos: do *logos*, do cristão e de toda a humanidade. Do *logos*, a imagem seria na essência humana; do cristão, na ação de fazer o bem e governar o mundo. Para Gregório, a imagem referia-se à reprodução fiel e integral, uma semelhança estrita, mas que exclui a identidade. Em sua percepção, o traço mais marcante da imagem entre Deus e o ser humano é a independência e autonomia.⁹

Já no período patrístico, inicia a compreensão de que "imagem" era o corpo humano e a "semelhança" a alma. Neste mesmo período, Agostinho surge com a ideia de que "imagem" se refere às faculdades intelectuais da alma e "semelhança" às faculdades morais,¹⁰ para ele, "a 'imagem' subsiste na alma, especificamente na mente (razão)".¹¹ Nesse momento há uma maior valorização pela alma, entende-se que é a partir dela que se reconhece o ser humano como imagem e semelhança de seu criador.¹²

O período escolástico adere às compreensões influenciadas por Agostinho, havia o entendimento da imagem ser a espiritualidade e imortalidade da alma e, a semelhança, o estado de santidade e justiça. Um grande precursor desse período foi São Tomás de Aquino, que considerava que a imagem se dava em três aspectos: no sentido de a alma desejar conhecer e amar a Deus; o fato do homem conhecer e amar a Deus nesta vida; e, sendo possível pela graça divina, conhecer e amar a Deus perfeitamente, no céu.¹³ Posterior à este

⁸ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 397-402.

⁹ STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 295.

¹⁰ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: LPC, 1990, p. 205-206.

¹¹ STURZ, 2012, p. 296.

¹² BATISTELLA Jr, Fábio. O homem criado à imagem e semelhança de Deus: aspectos da antropologia teológica. **Revista Litterarius**. Santa Maria: Biblos, 2019. Disponível em: <<http://revistas-old.fapas.edu.br/index.php/litterarius/article/viewFile/32/50>>. Acesso em: 31 mai. 2023. Não paginado.

¹³ BATISTELLA Jr, 2019, não paginado.

período, os reformadores defenderam a compreensão de que imagem e semelhança são expressões equivalentes,¹⁴ não havendo distinção entre os termos mas, uma conformidade e sinonímia.

1.2 À imagem e semelhança em que e para quê?

É a partir da síntese e o panorama histórico da compreensão de *imago Dei* apresentado que se pode elucidar em que de fato consiste essa imagem e semelhança, e ainda, qual a perspectiva contemporânea defendida pelos autores, fundamentando-se na assimilação histórica.

1.2.1 Aspectos da imagem e semelhança

Com as devidas ponderações feitas, em que consiste a imagem e semelhança? Os termos são sinônimos? Ferreira e Myatt consideram que há um paralelismo no termo, entendem que

O paralelismo entre as duas palavras dá o sentido pleno da noção da imagem de Deus e, assim, elas não devem ser interpretadas como conceitos distintos. Quando a ideia é repetida em Gênesis 1.27; 5.1 e 9.6 é suficiente utilizar apenas uma delas apenas para comunicar a mesma ideia.¹⁵

A perspectiva de um paralelismo hebraico, ou seja, a utilização dos termos como sinônimo facilita a compreensão. Buscar a distinção não é necessário, a necessidade torna-se apenas extrair o sentido de imagem de Deus no ser humano. Tomando os termos como paralelismo, se afirma que são intercambiáveis e sinônimos.¹⁶

Duas considerações são importantes de ressaltar acerca da *imago Dei*, ao invés de insistir na tentativa de encontrar correspondentes da imagem de Deus a partir do ser humano, deve-se buscar inicialmente o que Deus revelou de si mesmo nas Escrituras, e então verificar a semelhança no ser humano, algo da essência de Deus na sua criação,¹⁷ e não o oposto. Além disso, compreender que a imagem de Deus não é algo que se insere no ser humano, um atributo de sua natureza ou sendo possível ser adquirido, mas, o ser humano em sua completude.¹⁸

A imagem de Deus no ser humano, para Strong, se dá em dois aspectos: natural e moral. O aspecto natural diz respeito ao intelecto, sentimento, vontade. O moral, às capacidades morais, as inclinações e ações positivas

Em que consiste esta imagem de Deus? Respondemos que 1. Na semelhança natural a Deus, ou pessoalidade; 2. Na semelhança moral com Deus ou santidade. [...] É importante distinguir claramente entre os dois elementos compreendidos na imagem de Deus: o natural e o moral. Em virtude do primeiro o homem possui certas *faculdades* (intelecto, sentimento, vontade); em virtude do segundo, ele tem *inclinações corretas* (tendência,

¹⁴ BORNSCHEIN, 2018, p. 353.

¹⁵ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 397.

¹⁶ STURZ, 2012, p. 294.

¹⁷ STURZ, 2012, p. 295.

¹⁸ BORNSCHEIN, 2018, p. 254.

propensão, disposição). Em virtude do primeiro, ele investe em certas *forças*; em virtude do segundo, imprime-se uma *direção* a tais forças. Criado à imagem natural de Deus, o homem tem uma *natureza* moral; criado à imagem *moral* de Deus, o homem tem um *caráter santo*. O primeiro lhe dá capacidade *natural*; o segundo, uma capacidade *moral*.¹⁹

Na perspectiva de Erickson, a imagem de Deus se constitui em três aspectos, essencial, relacional e funcional. A imagem essencial diz respeito às características físicas, psicológicas e espirituais. A imagem relacional refere-se aos relacionamentos, os seres humanos se relacionam uns com os outros, união conjugal, amizades e relacionamento com o próprio Deus. Já a imagem funcional, não se trata de algo constituído no indivíduo ou de seu relacionamento com os demais, mas, é a função humana exercendo o domínio sobre a criação, um domínio deixado por Deus, não usurpador, mas de zelo e servidor (Gn 1.27-30).²⁰

Severa entende a imagem em alguns aspectos: na racionalidade, diferente das demais criaturas o homem assim como Deus é racional, autoconsciente e autocrítico. A espiritualidade, além do corpo físico, o ser humano consiste em uma natureza espiritual (Gn 2.7; Ec 12.7), sendo o meio de comunicação com o Criador. A imagem na responsabilidade, Deus confere ao homem a tríplice responsabilidade, com Deus, com si mesmo e com o mundo, de sujeitar e dominar. Semelhança da moralidade, o homem tem condições de exercer um julgamento moral, obedece e desobedece a Deus, possui uma consciência que aprova ou desaprova algumas de suas ações, entretanto, é uma moralidade corrompida pelo pecado. Potencialidade é mais um aspecto, um senso de visão longínqua, a necessidade de deixar sua marca no mundo e realizar sonhos. Por fim, a perpetuidade, perdida com o pecado, mas alcançada em Cristo, que concede a vida eterna aos que creem nele.²¹

Com esses aspectos, se entende com mais clareza a imagem de Deus no ser humano. No entanto, cabe a consideração que é uma “semelhança sem igualdade; similaridade sem identidade”,²² assim dizendo, o ser humano tem resquícios da imagem de seu Criador. É o que traz a diferenciação da perspectiva panteísta,²³ pois “[...] o conceito de imagem exclui ‘identidade’ ou ‘igualdade’, mas inclui o conceito de ‘analogia’. Nesse sentido, a *imago Dei* no homem indica que ele é fundamentalmente ligado a Deus, sem, porém, ser confundido por ele”.²⁴ O ser humano não é Deus ou exatamente sua completa imagem, mas, o representa em algumas particularidades.

1.2.2 Uma imagem caída, mas ainda presente

Ainda se faz necessário responder a segunda questão levantada anteriormente, sobre a continuidade da imagem de Deus no ser humano mesmo após a queda com o pecado (Gn 3).

¹⁹ STRONG, 2003, p. 88.

²⁰ ERICKSON, 2015, p. 488.

²¹ SEVERA, 2014, p. 147-150.

²² STURZ, 2012, p. 294.

²³ Uma compreensão de que tudo é Deus, o universo, a natureza e os seres humanos. Não há um Deus pessoal ou Criador. Nesse caso, a concepção da doutrina da *imago Dei* é divergente, o homem é um ser criado por Deus, semelhante a ele e não propriamente Deus.

²⁴ STURZ, 2012, p. 294.

A imagem de Deus no ser humano possui um padrão e alguém que a cumpriu com exatidão, Severa destaca que

Jesus foi o exemplo perfeito do que deveria ser a natureza humana. Ele tinha perfeita comunhão com o Pai, obedeceu perfeitamente à vontade do Pai, demonstrou um grande amor pelos homens, e exerceu domínio sobre a natureza e as forças do mal. Nisso ele revelou a imagem de Deus. Por isto ele é o padrão da nova imagem de Deus no homem.²⁵

Se Cristo é o padrão devido à sua total obediência e ausência de pecado, ainda há no ser humano essa imagem, mesmo com a queda? Há um certo consenso que a imagem se corrompeu, distorceu-se e está desvirtuada, mas, ainda continua presente. Para Bornschein, “o ser humano pós-pecado não é mais imagem de Deus como era anteriormente, mas ele continua sendo ainda *imago Dei*”.²⁶ Mesmo pessoas com as atitudes mais perversas, impensáveis e cruéis, ainda possuem essa imagem que se encontra “soterrada sob camadas de imundícia, lama e lixo, há nestas pessoas ainda uma realidade divina, uma centelha da luz original, algo da divindade”.²⁷

Assim sendo, se entende que a imagem se corrompeu, mas, em Cristo tem a possibilidade de aperfeiçoar-se no processo da vida cristã, conforme 2 Coríntios 3.18: “E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito”. Esse processo é tomado como padrão a partir daquele que refletiu de modo perfeito a imagem de Deus, Cristo. A plenitude desta imagem assume um aspecto escatológico, culminando na vida eterna: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” (1Jo 3.2).²⁸ Ou seja, durante a vida aperfeiçoa-se essa imagem, apenas posteriormente, na vida eterna é que há sua transformação completa.

Com todas as considerações feitas, a conceituação, o panorama histórico, os aspectos da *imago Dei*, continua necessário responder de que forma reflete o sentido da vida humana. Sendo assim a segunda parte da pesquisa tem como objetivo apresentar esta perspectiva, inicialmente demonstrando como o ser humano busca por sentido e, por conseguinte, situar o sentido da vida na perspectiva cristã, trabalhando a *imago dei* como elemento norteador.

2. A BUSCA POR SENTIDO DA VIDA, *IMAGO DEI* E A PERSPECTIVA CRISTÃ

A busca por sentido e por uma resposta em torno do porquê da existência humana, é algo intrínseco ao ser humano. Apenas o fato de vislumbrar um panorama histórico da humanidade já se torna perceptível essa constante busca, percebe-se na filosofia, nas religiões e nos próprios questionamentos pessoais a incessante tentativa de resposta. Como destaca McGrath: “Desejamos nos ver como parte de um quadro maior que se estende além de nossas

²⁵ SEVERA, 2014, p. 148.

²⁶ BORNSCHEIN, 2018, p. 369.

²⁷ BORNSCHEIN, 2018, p. 369.

²⁸ SEVERA, 2014, p. 150.

necessidades e preocupações imediatas. [...] encontrar algo mais profundo do que aquilo que pode ser encontrado mediante o exame do mundo empírico”.²⁹ O sentido além do que é observável é uma pergunta permanente no ser humano.

Rabuske entende da mesma maneira que a busca pelo sentido é inevitável, ele situa que

Todos os homens perguntam pelo sentido de sua vida, não importando a terminologia que empregam. A razão mais simples é a seguinte: a sua vida é tecida com elementos diversos: trabalho e lazer, alegrias e sofrimentos, esperanças e decepções. O indivíduo sabe que a vida passa. Aliás, se a vida, nas condições atuais, se espichasse ao infinito, nem teria graça. Neste contexto existencial surge a questão: Para que tudo isso? Vale a pena?³⁰

Ferreira e Myatt, também abordam a necessidade de sentido e como essa questão continua presente e crescente no século vinte e um:

Quem é o ser humano? Esta questão tem preocupado os grandes filósofos e religiões desde o mundo antigo. No século XX, o desenvolvimento da ciência e de diversas tradições psicológicas e filosóficas, como, por exemplo, o existencialismo, colocou a busca desta solução no centro do palco. As pessoas indagam: “Quem sou eu e qual é o significado da vida, especialmente da minha vida pessoal?” Num mundo secularizado, as respostas são evasivas. Os sociólogos acreditam que a alienação das pessoas se exacerbou com o estresse do modernismo, presente na sociedade tecnológica dos últimos dois séculos. A inquietude que subsiste mostra que as questões continuam sem solução na pós-modernidade que caracteriza o século XXI.³¹

O sentido da vida é amplamente questionado, isso é fato, no entanto, a problemática não é apenas o questionamento, mas, a necessidade de uma resposta definitiva. Ao longo de toda história em diversas áreas do conhecimento têm sido discutidas algumas alternativas. O grande problema quando se contrasta as demais possibilidades com a compreensão bíblica/cristã é, a ineficácia de uma resposta satisfatória e que resulta em uma definição final e absoluta. Diante da pluralidade de respostas indefinidas sobre o sentido da vida, “para que tudo isso? Vale a pena?”³² É perante este quadro que entra a perspectiva cristã, respondendo o sentido último do ser humano, glorificar a Deus e satisfazer-se nele para sempre é a tese central que será analisada adiante.

2.1 A finalidade da *imago Dei* e sua relação com o sentido da vida

A consideração inicial a ser ponderada e lembrada é que o homem é uma criatura de Deus, feita à sua imagem e isso o define não sendo fruto do acaso, “mas de um ato consciente, intencional, de um ser pessoal, inteligente e infinito. Sendo assim, a razão da existência reside no propósito de seu criador”.³³ Deus assim o fez, destinando o ser humano a Ele e com uma

²⁹ MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020, p. 75.

³⁰ RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica: um estudo sistemático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 209.

³¹ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 385.

³² RABUSKE, 1987, p. 209.

³³ ERICKSON, 2015, p. 463.

finalidade. Para Pannenberg, o propósito da *imago Dei* é “a destinação do homem para a comunhão com Deus é tema da doutrina de sua criação à imagem de Deus”.³⁴

A finalidade da *imago Dei* é a glória de Deus e a relação da criatura com seu Criador. O homem é feito à imagem de Deus e para glória de Deus, essa é a finalidade de sua existência em linha gerais. É dessa maneira que a doutrina se relaciona com o sentido último da vida, o homem não está à mercê do universo vagando lentamente observando o encerramento de seus dias terrenos e sem sentido, mas, foi criado com uma finalidade e ainda mais, à imagem daquele que o destinou a um propósito. Pannenberg traz esta compreensão quando diz que

Se a ideia da destinação do ser humano é ligada com sua criação à imagem de Deus, então essa destinação haverá de referir-se não somente ao domínio do ser humano sobre a criação restante, mas também especialmente à comunhão do ser humano com Deus. [...] Se a destinação do ser humano está dada com sua criação à imagem de Deus, [...] então o ser humano está determinado desde sua origem como criatura de Deus para a comunhão com Deus, “para a vida com Deus”.³⁵

O ser humano foi criado por Deus, à sua imagem, para sua glória e para deleitar-se Nele. Sua destinação, como criatura, representa seu criador, no entendimento de possuir uma finalidade última e ser sua imagem. Seu objetivo, glorificar aquele que conferiu a possibilidade de ser sua imagem, o tornou seu representante e é o recebedor da glória que lhe é devida. Além disso, o pleno e total contentamento humano em satisfazer-se em seu Criador.

2.2 A perspectiva bíblica sobre o sentido da vida

A *imago Dei* direciona a compreensão cristã no sentido de demonstrar que o ser humano não é fruto do acaso e foi criado com uma finalidade sendo imagem de Deus; mas para além disso, o que a própria Escritura diz sobre a finalidade última do ser humano? No livro de Isaías 43.7, após a fala de Deus referindo-se aos seus filhos, diz o seguinte: “todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”. Adiante, no Novo Testamento, o texto de Efésios 1.11,12, em um trecho que menciona aqueles que são povo de Deus, diz: “Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória”. Os dois textos mencionados trazem uma mesma perspectiva da finalidade da criação humana, foram criados para a glória de Deus.³⁶

Outros textos bíblicos destacam o propósito humano ser a glória de Deus, Romanos 11.36 menciona que, “Pois, dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém”. Em 1 Coríntios 10.31, Paulo destaca que “assim, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”. Para glorificar a Deus é que o ser humano foi criado, como criatura recebe a oportunidade de glorificar seu

³⁴ PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática**: volume II. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009, p. 264.

³⁵ PANNENBERG, 2009, p. 317,325.

³⁶ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 631.

criador. Além do propósito de glorificar a Deus, o ser humano é feito para satisfazer-se nele. Diante disso, o Catecismo Maior de Westminster define o sentido da vida humana, pergunta-se: “Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre (Rm 11.36; 1Co 10.31; Sl 73.24-26; Jo 17.22-24)”.³⁷

Como destacado, além de glorificar a Deus, a vida humana possui um sentido da possibilidade de satisfazer-se plenamente em seu criador. No texto de João 17, no momento de uma oração de Jesus, é destacado a “plena unidade” que deve haver entre o ser humano e Deus: “Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.22,23). É sobre essa mesma satisfação que há no ser humano de se relacionar com Deus, que o salmista diz: “A quem tenho nos céus senão a ti? E, na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti. O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25,26). Alegrar-se na plena comunhão com Deus se torna um sentido pelo qual vale a pena viver.

Portanto, em uma perspectiva bíblica/cristã, o sentido último da vida humana é glorificar a Deus e se satisfazer nele, ou seja, “nosso propósito deve ser cumprir a meta para qual Deus nos criou: glorificá-lo. [...] quando pensamos em nossos próprios interesses, fazemos a feliz descoberta de que devemos nos alegrar em Deus e encontrar satisfação nele e em nosso relacionamento com ele”.³⁸ Com isso percebe-se em que culmina o sentido da vida, como destacam Ferreira e Myatt,

O ser humano foi criado para se relacionar com a pessoa de Deus. O Novo Testamento diz que fomos chamados para a comunhão (κοινωνία [koinônia]) com Cristo. A palavra koinônia é utilizada por Paulo para descrever nossa união com Cristo. Esta palavra significa compartilhar a vida de Cristo e representa um relacionamento profundo (1Co 1.9; 2Co 13.13).³⁹

Com as devidas considerações, se pode definir o sentido último da vida humana na compreensão cristã como, glorificar a Deus e satisfazer-se nele. Sendo assim, no tópico seguinte observar-se-á algumas ponderações sobre o conceito trazido e irá destacar novamente a *imago Dei* como um elemento norteador do sentido da vida.

2.3 Criados à imagem de Deus para glorificá-lo e satisfazer-se Nele

De que modo a crença e a perspectiva cristã sobre o sentido da vida pode ser útil, sobrepondo as demais definições de sentido? Adotar a perspectiva apresentada pode ser fundamental para o indivíduo, conduzindo-o a um modo de viver que não seja desprovido de um propósito? Para Erickson, “outras concepções são deficientes porque, mesmo quando as necessidades consideradas básicas (e.g., econômicas ou sexuais) são satisfeitas, ainda persiste

³⁷ CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. Igreja Presbiteriana do Brasil, 2023. Disponível em: <https://ipb.org.br/content/Arquivos/Catecismo_Maior_de_Westminster.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023, p. 1.

³⁸ GRUDEM, 2022, p. 631-632.

³⁹ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 402.

um sentimento de vazio e insatisfação”.⁴⁰ A não satisfação com outras respostas para o sentido da vida é o que torna relevante a apresentação da compreensão cristã, Ferreira e Myatt situam que, em outra perspectiva, “o homem vive tão somente para esta vida temporal. Qualquer valor, significado e felicidade que ele consegue são alcançados por acaso, ou ele mesmo tem que criá-los. Ele está sozinho no universo e não pode recorrer a nenhuma instância que o transcenda”.⁴¹

Em um mundo no qual a pluralidade de sentidos impera, normalmente afastando o ser humano do fim designado por Deus, é importante trazer à memória seu fim último, pois se o ser humano não é mero fruto do acaso ou um ser à mercê do universo deve haver um sentido na existência, se ele é criado à imagem de Deus o sentido de sua vida está intrinsecamente atrelado ao propósito que seu Criador designou a ele.⁴² É neste propósito dado ao ser humano que a “plenitude de alegria é encontrada no conhecimento de Deus e no prazer com a excelência do seu caráter. Estar na sua presença, desfrutar da sua comunhão, é a maior bênção que se possa imaginar”.⁴³ Mas, adotar esse sentido como o último da vida não se torna pacato? Não, pois “quando percebemos que Deus nos criou para glorificá-lo, e quando passamos a agir a fim de cumprir esse propósito, começamos a experimentar uma intensidade de alegria no Senhor que não conhecíamos antes”.⁴⁴

A fim de apontar novamente, de que modo a doutrina da imagem e semelhança - *imago Dei* - pode servir como um elemento norteador do sentido da vida? Para Pannenberg, o ponto central dessa doutrina é justamente o fato de apontar a destinação do ser humano para a plena comunhão com Deus.⁴⁵ O autor ainda pondera que,

Se a destinação do ser humano está dada com sua criação à imagem de Deus, de modo que sua descrição deve estar orientada nas implicações das relações de imagem do ser humano com Deus, então o ser humano está determinado desde sua origem como criatura de Deus para a comunhão com Deus, “para a vida com Deus”. Pois o sentido da semelhança com Deus é a ligação com ele. A partir desta destinação futura também deve ser entendida sua existência presente, especialmente sua personalidade.⁴⁶

A partir de sua compreensão, pode ser dito que de fato a relação da *imago Dei* e o sentido da vida estão interligados. Como defendido por Pannenberg, ao entender o modo que a doutrina da imagem e semelhança destaca que o ser humano é criado de forma especial por Deus, e ainda mais, à sua imagem, a maneira de se conduzir a vida no presente e em uma compreensão para além dessa vida (vida eterna), glorificando a Deus e satisfazendo-se nele é o que dará direção e sentido. A imagem de Deus é intrínseca no ser humano e “por isto, existe

⁴⁰ ERICKSON, 2015, p. 463.

⁴¹ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 388.

⁴² ERICKSON, 2015, p. 463.

⁴³ GRUDEM, 2022, p. 632

⁴⁴ GRUDEM, 2022, p. 632.

⁴⁵ PANNENBERG, 2009, p. 264.

⁴⁶ PANNENBERG, 2009, p. 325.

um motivo para a existência humana, definida de acordo com a intenção do Criador”.⁴⁷ É justamente adotar este sentido que traz satisfação à vida. Como Erickson situa,

Nosso valor foi dado por uma fonte superior, e somente nos realizamos quando servimos e amamos esse ser superior. Só então encontramos a satisfação, como um subproduto do compromisso com Deus. É assim que entendemos a verdade da declaração de Jesus: “Pois quem quiser preservar a sua vida, irá perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do evangelho, irá preservá-la” (Mc 8.35).⁴⁸

Sustentar que o fim último do ser humano deve ser glorificar e relacionar-se de modo que se satisfaça em seu criador, em certo sentido não se torna limitado? Para Guimarães, “essa afirmação, longe de oprimir ou reduzir o horizonte do ser humano, lança-o à frente por meio do incessante desejo que lhe garante esta sua condição de criatura humana, finita e limitada, mas capaz de desejar o Ilimitado, o Infinito”.⁴⁹ Pacato, entediante ou limitado é justamente antagônico à proposta cristã de sentido, estabelecer o sentido da vida em Deus é a maneira dinâmica, instigante e ilimitada que se pode ter. Salgado entende que o único meio de adquirir um sentido peremptório é o ser humano voltando-se ao seu criador

Pois se o sentido da vida está vinculado a coisas passageiras desta existência, o propósito de viver ou de fazer o que se faz finda quando o que foi criado para dar sentido passa. Agora, quando o fundamento para viver é descoberto em Deus, como na fé cristã, qualquer que seja o cenário sempre haverá uma razão para continuar.⁵⁰

A partir das observações realizadas é possível extrair algumas conclusões. A fé cristã e a perspectiva bíblica sobre o sentido da vida ante as demais respostas é a que apresenta uma real solidez. Conduzir a vida com o sentido de glorificar e satisfazer-se em Deus assume dois aspectos, um aqui e agora, e um aspecto escatológico. Primeiro, ao compreender este sentido e aderi-lo como uma forma de ver o mundo, novas atitudes e maneiras de se conduzir a vida no presente momento são definidas. Em um aspecto escatológico, ou seja, para além dessa vida, o sentido de glorificar a Deus e satisfazer-se nele continua, em Apocalipse 21.3-7 destaca os que creem em Cristo desfrutando da eterna comunhão e satisfação nele:

Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou”. Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança”. Disse-me ainda: “Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim”. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água

⁴⁷ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 398.

⁴⁸ ERICKSON, 2015, p. 463-464.

⁴⁹ GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida:** contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021. 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 56.

⁵⁰ SALGADO, Jonathan Batista Maximo. A fé Cristã em um mundo pós-Deus: algumas contribuições de Timothy Keller para o debate. **Via Teológica**, v. 23, n. 45, p. 156-176, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/256>>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 166.

da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

Enxergar a vida com a concepção apresentada a torna com sentido, não é ser humano vagando no universo esperando o fim de sua existência terrena, sem um propósito e finalidade, a fé cristã norteia o sentido da vida humana. McGrath situa que:

A fé cristã nos capacita a extrair sentido das coisas e, em última análise, tem origem no caráter de Deus e o expressa. O mundo pode de fato parecer sem sentido e sem propósito. Todavia, é necessária uma lente ou uma estrutura conceitual que ponha as coisas no foco. O mundo pode parecer sem sentido; mesmo assim, isso acontece porque não o vemos do modo certo. Se o mundo parece estar irremediavelmente fora de foco e desorganizado, é porque ainda não encontramos a chave para colocá-lo no foco e tecer seus fios aparentemente desconectados e não relacionados em uma tapeçaria de sentido. O cristianismo fornece uma estrutura de sentido que ilumina a terra das sombras da realidade, põe em foco nossas observações do mundo no foco e tece os fios de nossa experiência segundo um padrão.⁵¹

Glorificar a Deus e satisfazer-se nele é a resposta bíblica e cristã para o sentido da vida, esse sentido é essencialmente prático. Baseado em McGrath, a vida pode ser ilustrada como uma jornada, pode-se adotar um sentido para ela de que não há sentido algum, o ser humano busca por um propósito e vive insatisfeito diante da inexistência de uma finalidade última. Na perspectiva cristã há necessariamente uma finalidade na existência, o ser humano é criado por Deus, à sua imagem e com o fim último de glorificar e estar satisfeito na comunhão com seu Criador, na jornada da vida ele caminha com esse propósito, atentando-se à uma comunhão e glorificação, no presente e no futuro, no momento em vida e na vida após essa, a eternidade, o céu, onde glorificará seu senhor e estará em plena comunhão com ele. A partir daí duas reações são tomadas, a) espera-se a morte e a passagem para além dessa vida, na qual o ser humano encontrará o sentido pelo qual viveu, ou b) ao longo da vida, nesta jornada, auxilia outros a conhecer o real sentido dela para o presente e, para a vida após essa.⁵² O alvo é Deus, tendo-o como razão do viver, exultando-o, satisfazendo-se nele e, como diz o salmista, glorificando-o:

Não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade! [...] Os mais altos céus pertencem ao Senhor, mas a terra, ele a confiou ao homem. Os mortos não louvam o Senhor, tampouco nenhum dos que descem ao silêncio. Mas nós bendiremos o Senhor, desde agora e para sempre! Aleluia! (Sl 115.1,16-18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um sentido pelo qual vale a pena viver. A pesquisa propôs responder a indagação do sentido da vida a partir da perspectiva bíblica e cristã, utilizando a doutrina da *imago Dei* como

⁵¹ MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido**: ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 162-163.

⁵² MCGRATH, 2015, p. 172.

um elemento norteador. A proposta apresentada foi sendo respondida ao longo do texto, consequentemente atingindo os objetivos pretendidos. Inicialmente foi destacado e disposto a doutrina da imagem e semelhança, a qual foi abordada desde seus conceitos, história, compreensões contemporâneas e, por fim, como de fato o ponto de vista bíblico do ser humano como criação de Deus, feito à sua imagem, pode indicar o sentido do viver. Posteriormente, foi proposto a apresentação do sentido último da vida expressa na compreensão cristã, como resultado foi obtida a tese central de que a resposta bíblica pode ser definida como “glorificar a Deus e satisfazer-se nele”, e, adotar essa concepção como um sentido a ser seguido é a designação de Deus para o ser humano, que proporciona a satisfação na vida por meio de seu Criador.

Tendo em vista a maneira de que não possuir um sentido para se viver afeta o ser humano, a pesquisa contribuiu para definir e apresentar de forma sucinta a resposta bíblica do motivo pelo qual se deve viver. No início da pesquisa a pretensão consistia em situar a doutrina da imagem e semelhança e traçar uma relação com o sentido da vida. Na pesquisa foi disposto uma resposta de que essa doutrina corresponde à afirmação de que ser humano foi criado por Deus, de uma maneira pessoal, à sua imagem e com uma destinação última de glorificar e satisfazer-se nele. A segunda parte foi justamente a expansão e convergência da perspectiva adotada na primeira, possibilitando traçar a introdução do modo que a visão bíblica/cristã responde ao objetivo da vida humana, demonstrando não ser um sentido meramente pacato ou entediante, mas, um modo de se viver que torna a vida presente e futura (para além dessa, vida eterna) provida de sentido.

A pesquisa pode ser expandida e explorada em ambos os pontos, a primeira parte poderia aprofundar-se e explorar mais a ligação da *imago Dei* como uma resposta ao sentido da vida, uma vez que o ser humano é criado por Deus - à sua imagem - para sua glória e satisfação em seu criador. A segunda parte da pesquisa pode ser amplamente ampliada, tornar-se-ia útil tecer diálogos com o pensamento de outras áreas, por exemplo contrastando algumas perspectivas filosóficas com a bíblica/cristã. No entanto, o que foi proposto no início da presente pesquisa foi atingido.

REFERÊNCIAS

BATISTELLA Jr, Fábio. O homem criado à imagem e semelhança de Deus: aspectos da antropologia teológica. **Revista Litterarius**. Santa Maria: Biblos, 2019. Disponível em: <[http://revistas old.fapas.edu.br/index.php/litterarius/article/viewFile/32/50](http://revistas.old.fapas.edu.br/index.php/litterarius/article/viewFile/32/50)>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: LPC, 1990.

BORNSCHEIN, Fred Roland. A imago Dei e a dignidade do ser humano. **Revista Batista Pioneira**, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/272>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. **Igreja Presbiteriana do Brasil**, 2023. Disponível em: <https://ipb.org.br/content/Arquivos/Catecismo_Maior_de_Westminster.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2022.

GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida**: contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021. 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020.

MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido**: ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido. São Paulo: Hagnos, 2015.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática**: volume II. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica**: um estudo sistemático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SALGADO, Jonathan Batista Maximo. A fé Cristã em um mundo pós-Deus: algumas contribuições de Timothy Keller para o debate. **Via Teológica**, v. 23, n. 45, p. 156-176, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/256>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: ADSantos, 2014.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. v.2. São Paulo: Hagnos, 2003.

STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.